

Samuel Ponsoni
Frederico Daia Firmiano
Jean Carullo de Souza Silva
(orgs.)

LINGUAGEM, SOCIEDADE E MÍDIAS

PRIMEIRAS PESQUISAS

editora



LINGUAGEM, SOCIEDADE E MÍDIAS

PRIMEIRAS PESQUISAS

**Samuel Ponsoni,
Frederico Daia Firmiano
Jean Carullo de Souza Silva**
(orgs.)



Belo Horizonte, 2021

EDITORA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS | EdUEMG

Conselho Editorial

Thiago Torres Costa Pereira | UEMG

Amanda Tolomelli Brescia | UEMG

Ana Elisa Ribeiro | CEFET-MG

Ana Lúcia Almeida Gazzola | UFMG

Fuad Kyrillos Neto | UFSJ

Helena Lopes da Silva | UFMG

José Márcio Pinto de Moura Barros | UEMG / PUC Minas

Thiago Torres Costa Pereira

Editor-chefe

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Coordenação administrativa e editorial

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS | UEMG

Lavínia Rosa Rodrigues

Reitora

Thiago Torres Costa Pereira

Vice-reitor

Raoni Bonato da Rocha

Chefe de Gabinete

Fernando Antônio França Sette Pinheiro Júnior

Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finanças

Magda Lúcia Chamon

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Michelle Gonçalves Rodrigues

Pró-reitora de Ensino

Moacyr Laterza Filho

Pró-reitor de Extensão

Expediente

Samuel Ponsoni
Frederico Daia Firmiano
Jean Carullo de Souza Silva

Organização

Gabriella Nair Figueiredo Noronha Pinto

Capa

Thales Santos

Projeto gráfico e diagramação

Daniele Alves

Hugo Lima

Tainá França Verona

Revisão

Direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Imagens de capa e aberturas de capítulos por Unsplash.

Disponível em: <https://unsplash.com/>

Rod. Papa João Paulo II, 4001. Cidade Administrativa, bairro Serra Verde, BH-MG, CEP: 31630-900

(31) 3916-9080 | e-mail: editora@uemg.br | eduemg.uemg.br



L755 Linguagem, sociedade e mídias [recurso eletrônico] : primeiras pesquisas / Samuel Ponsoni, Frederico Daia Firmiano e Jean Carullo de Souza Silva (orgs.). – Dados eletrônicos. – Belo Horizonte : EdUEMG, 2021.

Livro eletrônico.

Modo de acesso: <<http://eduemg.uemg.br/catalogo>>

Vários autores.

ISBN 978-65-86832-08-2

1. Comunicação de massa - Aspectos sociais. I. Ponsoni, Samuel. II. Firmiano, Frederico Daia. III. Silva, Jean Carullo de Souza. IV. Universidade do Estado de Minas Gerais. V. Título.

CDU 659.3:316

Ficha catalográfica: Valdenícia Guimarães Rezende CRB-6/3099

PREFÁCIO

É preciso inocular¹ a divulgação científica nas humanidades

Por Roberto Leiser Baronas²

Apreendi com um velho professor, por quem tenho muito respeito e admiração, que “é sempre delicado para um analista do discurso prefaci-
ciar um livro”, pois o seu ofício exige que ele se desprenda do conteúdo da obra, deixe de procurar ideologias escondidas nas entrelinhas e trate especificamente do funcionamento discursivo. E, mais do que as ima-
gens de autor que construímos com os prefácios e outros paratextos

-
- 1 Como bons ladrões de palavras, tomamos uma vez mais o verbo “inocular”, presente no título deste prefácio, no sentido de propagar, espalhar, disseminar, de um texto de autoria da pesquisadora francesa Marlène Coulomb-Gully, intitulado “Inocular le genre: le genre et les SHS – une méthodologie traversière”, publicado na Revue française de l’information et de la communication, em 2014. Nesse artigo, a pesquisadora evoca a imagem de inocular para dizer da necessidade de quebrar a resistência que os estudiosos do discurso, da argumentação e das humanidades em geral têm no tocante a mobilizar em suas pesquisas a temática do gênero e do feminismo.
 - 2 Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1D. E-mail: baronas@ufscar.br

que muitas vezes são pouco pertinentes, no meu caso, a tarefa ganha contornos mais complicados, pois os organizadores não são somente colegas e sim meus amigos e sou, ainda, referenciado várias vezes ao longo deste livro. Trata-se, portanto, de uma incumbência difícil, mas quem me conhece sabe que a minha militância não é a do Facebook e/ou do WhatsApp.

Escrevi em um artigo intitulado “Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da linguística do Brasil”³, publicado na Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), sobre a dificuldade que profissionais das humanidades têm de fazer divulgação científica. Se os nossos colegas das exatas, tecnológicas, agrárias e saúde têm muito claro no seu horizonte de trabalho este tipo de prática e o fazem com maestria, nós das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas ainda ficamos receosos. Para além da obsessão de alguns de nossos governantes, preocupados unicamente com questões fiscais, talvez esse receio, esse pouco caso com a divulgação científica, explique o pouco respaldo que as nossas pesquisas em humanidades possuem na sociedade⁴.

3 BARONAS, Roberto Leiser. Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da linguística do Brasil. *Revista da Anpoll* [on-line], v. 1, n. 29 (2010). Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/180>.

4 Para confirmar empiricamente o que estamos asseverando basta retomar as recentes declarações do atual presidente do Brasil em suas redes sociais, bem como os comentários favoráveis a estas declarações em <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escreita-fazer-conta-23623980>.

Linguagem, sociedade e mídias: primeiras pesquisas irrompe pelas mãos fortes e competentes e cabeças brilhantes dos jovens pesquisadores: Samuel Ponsoni, Frederico Daia Firmiano, Jean Carillo de Souza Silva, com aval da Editora UEMG. E busca concretamente mudar esse cenário, tratando a divulgação científica no âmbito das humanidades com a dignidade que ela merece. Este livro possui uma organização inovadora e interdisciplinar que mobiliza analiticamente temáticas bastante atuais e relevantes, bem como constrói diálogos entre trabalhos de pesquisa que amalgamam pesquisadores em diferentes estágios, através de coautorias. Os artigos são o resultado da iniciação científica em diversos cursos das humanidades da UEMG, unidade Passos. Esse tipo de diálogo é fundamental na academia, pois possibilita uma aproximação maior dos pesquisadores com a sociedade em geral.

Os três eixos que sustentam esta coletânea: linguagem, sociedade e mídias, embora inadvertidamente possam parecer fraturados e desconexos, estão muito bem soldados pela maneira discursiva e materialista com que os artigos foram fundamentados. Os estudos discursivos nas suas diferentes abordagens dão o alinhavo necessário para esta coletânea.

Venha conosco, leitor(a), saborear os saberes das Minas Gerais.

Londrina, Paraná, primavera de 2020.

Roberto Leiser Baronas

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma coletânea de artigos elaborados no âmbito do Departamento de Comunicação, que abriga, entre outros, os cursos de Jornalismo e Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Passos. São provenientes de pesquisas resultantes de iniciação científica, que envolveram os organizadores e estudantes desses cursos.

Os textos se organizam em torno de eixos temáticos pouco ortodoxos, como não poderia deixar de ser, em se tratando do histórico dos pesquisadores aqui acolhidos. Além disso, há a própria natureza pluri-epistemológica dos cursos em que todos militam. Esses eixos estão sintetizados e representados pelas temáticas Linguagem, Sociedade e Mídias. Contudo, ainda assim, estão fortemente ligados às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pelos docentes e discentes e a outras demandas que irrompem cotidianamente nos cursos de Comunicação Social e Jornalismo, aos quais se vinculam os responsáveis pelas pesquisas. Além disso, a coletânea de pesquisa está igualmente assentada nos trabalhos e nas perspectivas teóricas de

dois Grupos de Pesquisas¹, ambos ligados umbilicalmente ao perfil da Unidade Passos da UEMG, reunindo cursos e grupos de pesquisadores e alunos tão diversos, inclusive da realidade local, em situações muitas vezes provisórias e passageiras.

De qualquer maneira, o primeiro conceito tematizado, *linguagem*, entra em consonância com as atividades de pesquisa que surgem de uma demanda fundamental e intrínseca às atividades da comunicação social, pois a linguagem, em diversos espectros de compreensão científica e/ou social, se faz um pressuposto humano e teórico inerente à própria ontologia e desenvolvimento das práticas sociais, orais, escritas ou sincréticas, tão proeminentes em nosso cotidiano.

Os cursos de Jornalismo e de Comunicação Social fazem o uso da linguagem a todo momento. No âmbito acadêmico, têm-se os gêneros textuais-discursivos, tais como relatórios, resenhas, resumos, fichamentos, artigos científicos, projetos experimentais, artigos jornalísticos, crônicas, reportagens, slogans etc., atinados ao percurso formativo dos dois cursos. Já no âmbito profissional, o sujeito-trabalhador desses campos deve lidar, entre outras coisas, com a leitura, escrita e interpretação crítica dos signos sociocomunicativos e culturais que as práticas discursivas dispõem a serem debatidos, problematizados e trabalhados por jornalistas e publicitários.

Nesse sentido, a dimensão discursiva de uso da linguagem é trazida para compreender a comunicação política feita a partir de um *blog* de comentários políticos, analisando *posts* que circularam em duas

1 LABIAM – Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória (UEMG/CNPq); GEIND – Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Crise, Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais (UEMG/CNPq).

campanhas presidenciais brasileiras, entre julho e outubro dos anos de 2010 e 2014. Esta pesquisa visou, a partir das teorias de frases sem texto de Dominique Maingueneau, analisar como se deu a comunicação através da influência, dos destacamentos textuais, formação de títulos, falas descontextualizadas e principalmente pelos direcionamentos de sentidos na interpretação da narrativa política daquelas eleições. Dito de outra forma: quando, como e por que se tendia a ter narrativas mais ou menos favoráveis dos candidatos em questão.

Do corpo de ensinamentos do processo formativo da graduação junto com a prática de pesquisa e outras teorias, comparadas e inter-relacionadas, foi possível criar uma linha de observação científica da comunicação social, por meio da comunicação político-discursiva, apresentada neste livro.

No eixo *sociedade* está o conceito de igualdade substantiva, articulado na teoria de István Mészáros, que visa debater acerca das contradições sociais do sistema sociometabólico do capital e das possibilidades de sua superação à luz de uma categoria marxista fundamental, a historicidade. Trata-se, pois, de um horizonte crítico-dialético que marca decisivamente a formação acadêmica dos envolvidos nesta obra. No plano deste texto, a categoria meszariana de igualdade substantiva é mobilizada na perspectiva da análise do feminismo do setor de gênero do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O último eixo, *mídias*, abarca os meios de comunicação e suas dinâmicas. Buscamos compreender o fenômeno social, histórico e cultural, para além das características tecnológicas. Desse modo, se avança sobre domínios caros para a Comunicação Social que geralmente são relegados à margem pelos pesquisadores da área. Isto porque as mídias

são vistas como fenômenos em si mesmos, capazes de atuar sozinhas, a despeito do contexto de produção de suas mensagens.

Aqui, ao contrário, reconhecemos a historicidade dos meios de comunicação e o lugar (cultural e social) que eles ocupam como perspectiva teórica e metodológica importante. Ademais, ao relacioná-los com outros processos e fenômenos sociais, percebemos os lugares estratégicos que as mídias ocupam em nossa contemporaneidade, como formadoras e propagadoras de ideais, percepções sobre a realidade e de memórias sociais. Neste sentido, partimos do pressuposto de que os meios de comunicação, e especificamente o cinema ficcional, são um potente veiculador de, entre outras coisas, memórias sociais. Analisamos seis filmes produzidos em momentos diferentes cuja trama se passa no período da Ditadura Militar, iniciado em 1964, ou faz referência a ele. De modo a discutir a memória incrustada nesses documentos que, se em um primeiro momento não passam de entretenimento, são na verdade indiciários das complexidades inerentes à vida em sociedade.

Compreender as mídias como fenômenos comunicacionais e sociais significa perceber que elas estão atravessadas, além de atravessarem, quaisquer questões colocadas em nossa temporalidade. Cabe ainda reconhecer os meios de comunicação como fontes de pesquisa sem, contudo, abrir mão de suas especificidades de produção, com as suas linguagens particulares e os discursos por meio dos quais são sustentados ou questionados em dado tempo/espaço.

O último texto se embute no eixo *mídias* e vai buscar uma relação de verossimilhança entre o fazer jornalístico típico, real e o fazer jornalístico na saga literária fantástica de Harry Potter. Tomando por base

a teoria semiótica greimasiana, o trabalho analisa os percursos gerativos de sentido nas narrativas do jornal Profeta Diário, onde trabalha a personagem Rita Skeeter, presentes na saga da escritora britânica J. K. Rowling.

Acreditamos que este livro de claro tom interdisciplinar é uma excelente oportunidade de difusão e aglutinação de debates críticos científicos, formulando-se em uma espécie de relato social e científico de pesquisas. Princípios e parâmetros que podem trazer forma e função para um dos objetivos do projeto editorial da Editora UEMG: priorizar a divulgação do conhecimento produzido na universidade de forma a propiciar uma melhor estruturação científica para pesquisadores, docentes, e para a própria instituição.

Passos, Minas Gerais, 2021.

Os organizadores

SUMÁRIO

PARTE I • LINGUAGEM

15

Capítulo 1 – Citação e destacabilidade em *blog* de comentários políticos: uma análise discursiva

Samuel Ponsoni e Laura Vitor Resende

PARTE II • SOCIEDADE

67

Capítulo 2 – O setor de gênero e a luta das mulheres do MST à luz do conceito de igualdade substantiva de Mészáros

Frederico Daia Firmiano e Eduarda Camargo Sansão

PARTE III • MÍDIAS

99

Capítulo 3 – A ditadura militar em cenas: memória e representação dos agentes da repressão e dos subversivos em filmes ficcionais

Jean Carillo de Souza Silva e Gilson José Ferreira Júnior

134

Capítulo 4 – A saga da imprensa: a ética do real na série *Harry Potter*

Antônio Donizeti Carvalho e Larissa Menezes

190

Sobre os organizadores e autores(as)

Parte 1

LINGUAGEM

Capítulo 1

Citação e destacabilidade em *blog* de comentários políticos: uma análise discursiva

Samuel Ponsoni e Laura Vitor Resende

INTRODUÇÃO

O vocábulo *blog*¹ é uma criação recente. Trata-se de um termo criado a partir do neologismo *blogosfera*, que faz referência não só aos textos publicados nesse suporte, mas também aos diversos *links* que dão acesso a outros *blogs*. As marcas que estão incorporadas a esse gênero textual-discursivo², em um suporte virtual de Internet, são, sobretudo, a facilidade de acesso a seu conteúdo e a frequência de suas publicações, geralmente diárias.

Os *blogs* permitem que qualquer pessoa com um mínimo de trânsito em informática possa postar textos, imagens, fotografias, comentários sobre si etc. Além disso, é bastante interativo, isto é, sua configuração permite que os leitores comentem o que foi postado pelo autor quase simultaneamente. Ademais, ele possibilita verificar o grau de circulação do conteúdo, ou seja, se houve bastantes acessos ou não e comentários, de modo a pesar e medir como foi a interação com a página.

1 Para uma história bastante detalhada desta palavra, C.f. SERFATY, V. *The mirror and the veil: an overview of American Online Diaries and Blogs*. Amsterdam, New York, Rodopi, p. 19-22, 2004.

2 Mesmo que a noção de gênero textual-discursivo não seja objeto de análise nesta pesquisa, não podemos deixar de entender gênero como pressuposto básico de interação linguageira. E essa pressuposição basilar está muito ligada à compreensão de Mikhail Bakhtin sobre gêneros. De forma bastante resumida, Bakhtin (1997) define que as bases construtoras da linguagem estão nos enunciados concretos construídos dialogicamente na comunicação e interação entre homens e a realidade social em que eles vivem. Esses enunciados são ancorados em gêneros do discurso, os quais se apresentam sob três constituintes básicos, a saber; conteúdo temático, estilo e construção composicional. Essas três bases constituintes “fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Outra característica é que o *blog* inverte a cronologia das postagens, pois permite que os leitores tenham acesso às entradas mais recentes primeiro, ao passo que as mais antigas são automaticamente arquivadas.

No tocante aos aspectos linguístico-enunciativos, essa plataforma reproduz um modelo de enunciação que tende a se transformar em norma-padrão na Internet, a escrita oralizada. Essa variedade é construída num tom bastante informal, com uso, a depender do destaque do *blog*, de mais ou menos recursos linguísticos abreviados, ligados ao contexto virtual, entre outras questões.

Os *blogs* de comentários políticos, sobretudo aquele que elegemos como objeto de análise – Blog do Josias de Souza – organizam-se de uma forma bastante diferente dos pessoais. Têm uma arquitetura que se assemelha muito ao de um *site*, isto é, um leiaute com diversas seções que dão acesso às mais variadas páginas. Se diferenciam também no aspectos linguístico-enunciativos, pois, ao contrário de *blogs* pessoais, os de comentários políticos primam por uma escrita mais próxima à escrita jornalística tradicional, com um grau maior de formalismo no uso da linguagem.

Mais ainda: a autoria dos *blogs* individuais, geralmente, é de uma pessoa que não tem formação em jornalismo ou ligada aos temas de que se dispõe a falar; em contraste com os de comentários cujos autores são majoritariamente jornalistas³ e/ou especialistas nos temas sobre os quais dissertam.

3 Cumprir dizer que, no Brasil, pela regulamentação de profissões de nível superior, o ofício de jornalista não necessariamente precisa de um curso de graduação em jornalismo. O jornalista também é aquele que se faz pelo exercício da profissão, contabilizando a prática do trabalho.

Com efeito, o escolhido como objeto de estudo da pesquisa⁴ é o Blog do Josias de Souza, hospedado no *site* “Universe Online – UOL”. A escolha se deu porque ele se encontra no maior portal de Internet do país e manteve uma regularidade de postagens durante todo o período das eleições presidenciais brasileiras de 2010 e de 2014, entre os meses de julho e outubro dos respectivos anos. Por isso, nesse espaço de circulação textual-discursiva, obtivemos dados bastante sólidos para compreender o fenômeno discursivo de utilização da comunicação política.

O *blog* eleito para a análise está hospedado na seção UOL – Notícias, Blogs e Colunas. No *link* estão hospedados, ao todo, 22 *blogs*. Todavia, somente cinco tratam diretamente de política. Os outros 17 transitam pelos mais diversos assuntos, tais como economia, esporte, ciência, tecnologia, cotidiano etc.

O autor é um jornalista da *Folha de S. Paulo*. No “sumário”, embaixo dos *links* de acesso, está a foto dele, o nome do *blog*, a chamada do assunto sobre o qual comenta e outras manchetes. Junto ao último *post* está a data de publicação, o horário, um ícone indicando quantos comentários e o botão para compartilhar em redes sociais, como Facebook, Twitter, LinkedIn e outras. Ele pode ser acessado tanto pela fotografia do seu autor quanto pelo nome ou chamadas. Todos os *links* enviam o leitor diretamente ao Blog do Josias de Souza cuja página inicial pode ser vista na figura 1.

4 Pesquisa fomentada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Fapemig/UEMG). A pesquisa, além disso, foi bastante desenvolvida nos espaços de debates do Grupo de Pesquisa Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam – UEMG/CNPq).



Figura 1 – Blog do Josias de Souza.

Fonte: arquivo da pesquisa⁵.

Com um design atualizado, todas as seções estão dispostas na horizontal. O nome, “Blog do Josias”, aparece em letras brancas no interior de uma imagem (que também é um *link* de acesso ao *blog*) com o fundo azul, contendo a fotografia do autor e um jornal do lado esquerdo. Abaixo, ainda do lado esquerdo, há outra imagem que dá acesso à página do jornalista no Facebook e está escrito “Blog do Josias”, “Curtir”, “71 Mil Curtidas”. Mais abaixo, encontramos “@blogdojosias no Twitter”. Ao clicar, você é direcionado para o perfil do autor nessa rede social. Descendo a página, há pequenas chamadas de notícias atuais, imóveis, sociedade etc. que levam a outros *blogs*.

Ao rolar um pouco mais para baixo, vê-se um breve perfil do autor, com outra foto de Josias, tirada em uma biblioteca, na qual o jornalista está

⁵ Disponível em: <https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br>. Acesso em: 5 fev. 2018.

vestido com uma camiseta e um blazer pretos, indicando um estilo mais moderno, de acordo com o momento. A seção “Sobre o autor” traz o seguinte texto: “Josias de Souza é jornalista desde 1984. Nasceu na cidade de São Paulo, em 1961. Trabalhou por 25 anos na ‘Folha de S.Paulo’ (foi repórter, diretor da Sucursal de Brasília, Secretário de Redação e articulista). Leia mais”.

Além disso, há um “Sobre o blog” com o texto:

A diferença entre a política e a politicagem, a distância entre o governo e o ato de governar, o contraste entre o que eles dizem e o que você precisa saber, o paradoxo entre a promessa de luz e o superfaturamento do túnel. Tudo isso com a sua opinião na caixa de comentários.

Segundo o entendimento do jornalista, ele mostra “o que você precisa saber”, levando em consideração que ele se coloca como uma espécie de leitor da mente dos políticos e das notícias políticas, traduzindo e interpretando para o público.

Ao fazer isso, ele se constitui em um aforizador (um jornalista, um blogueiro, um professor etc.), que pode ser responsável pela “des-textualização” de um texto, uma matéria, uma postagem. Ou seja, se responsabiliza por retirar um enunciado de sua origem (de outro espaço ou gênero de discurso) e utilizá-lo em outros contextos. Ademais, ele enfatiza a possibilidade de seus leitores contribuírem com sua opinião, deixando comentários, o que os faz acreditarem que serão realmente escutados.

Já na caixa de “Busca”, o leitor tem a possibilidade de encontrar determinada postagem utilizando uma palavra-chave ou, ainda, procurar a notícia que deseja no “Histórico por data”, onde há um calendário com datas de todas as postagens. No “Top 5 Mais comentados”, há as cinco postagens mais comentadas recentemente. Em “Categorias”, é possível acessar diretamente uma categoria, como entrevistas ou vídeos. Essas entrevistas são realizadas com os mais variados atores políticos brasileiros: ministros, senadores, deputados etc. e, geralmente, são acompanhadas de fotografias dos entrevistados, principalmente de seus rostos.

Em “Recomendados”, vê-se uma caixa que direciona para o site da Transparência Brasil, uma entidade sem fins lucrativos de monitoramento do poder público e busca por transparência. O que pode ser visto como mais um sinal de “veracidade” do jornalista, já que ele preza pela “transparência”. Na categoria “Blogs”, há *links* para páginas de outros jornalistas e parceiros de Josias no UOL. E, por último, no “Siga UOL Notícias”, encontramos ícones que direcionam para as redes sociais do portal.

Diante do exposto, ao utilizar um *blog* de circulação nacional como objeto de estudo – um espaço no qual se debatem temas políticos por meio de ferramentas tecnológicas que possuem forte presença na sociedade – busca-se compreender melhor o papel de tal ferramenta na construção de interpretações políticas, sobretudo em um período bastante sensível aos debates públicos do objeto político.

No entanto, esse gesto interpretativo-analítico foi feito por meio da compreensão dos direcionamentos de sentido utilizados nos destaques feitos das falas dos atores políticos, na ocasião, candidatos à

presidência. Mais ainda, essa análise se baseia na teoria discursiva das frases sem texto de Dominique Maingueneau (2010, 2014).

Portanto, analisamos o papel que o Blog do Josias de Souza ocupou nas eleições presidenciais de 2010, buscando compreender como é o recorte que o autor faz das falas dos candidatos a presidente do Brasil, Dilma Rousseff e José Serra, se aparecem inteiras ou em partes, e qual a influência na dinâmica interpretativa das notícias.

Descrevemos-interpretamos, com base na metodologia da Análise do Discurso (AD) francesa pecheutiana, como o autor destaca as falas dos candidatos de seus contextos originais e as coloca a circular em forma de manchetes, intertítulos, destaques, entre outros. E, finalmente, são examinadas as maneiras com que essas falas são “destextualizadas” de seus contextos originais e submetidas ao regime enunciativo da aforização, que cria uma ampliação ou redução dos sentidos e efeitos de sentidos colocados em circulação nos direcionamentos desse regime enunciativo de destacamento aforístico.

A QUESTÃO TEÓRICA QUE EMBASA ESTE TRABALHO

Dominique Maingueneau é quem propõe a teoria das frases sem texto que baseou o desenvolvimento da pesquisa. Segundo o autor francês, a força motriz das relações discursivas da comunicação política se dá na enunciação aforizante, uma espécie de estatuto enunciativo em que “frases sem texto” prescindem dos textos em que surgiram para circular e criar efeitos de sentido. Ainda segundo Maingueneau (2010, 2014), existe um processo na construção da comunicação midiática

contemporânea de destacar enunciados e fazê-los circular (modificados/transformados ou não) em novas arenas discursivas.

Embora atualmente sejam referência para compreensão dos diversos fenômenos de linguagem, as chamadas “frases sem textos” são autônomas e independentes, de certa forma, do texto que lhes serve de base. Sobre isso, Maingueneau (2010, p. 9) afirma que “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos”. E esses textos circulantes, por sua vez, remetem a gêneros de discurso que funcionam como parâmetro para todas as comunicações verbais humanas pensáveis e plausíveis numa dada formação sócio-histórica, ao encontro de uma conjuntura de produção histórica de sentido.

Entretanto, a concepção de textos como formas básicas de estudo não está livre de questionamentos quando o que se investiga são práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que prevalecem enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase, que circulam fora do texto. Maingueneau (2010) chama de “enunciados destacados” os *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. Ele ainda diferencia duas classes de enunciados, segundo a natureza de seu “destacamento”: 1) os constitutivos, que são enunciados “naturalmente” independentes de uma circunstância histórica e de um contexto (fórmulas sentenciosas, provérbios, *slogans*, divisas etc.) e 2) os destacados por qualquer extração de fragmento de texto segundo a lógica de citação, ou seja, um trabalho deliberado de retirada de trechos a serem circulados fora do original.

Mas a extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois frequentemente o enunciador “sobreassevera” alguns de seus fragmentos e os apresenta como “destacáveis”. A sobreasseveração é uma modulação enunciativa que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma “destextualização”, isto é, um procedimento operacional de destaque do trecho em relação ao restante dos enunciados. Além disso, há outra instância enunciativa em que Maingueneau (1997, p. 92) distingue a sobreasseveração da aforização, uma vez que cada uma delas funciona segundo uma lógica própria.

Enquanto a sobreasseveração se dá pela acentuação de uma sequência contra um fundo textual, a aforização extrai os enunciados e põe-nos a circular fora dele, em outras cenas de enunciação. Não se trata apenas de uma diferença de forma: por exemplo, para a sobreasseveração, há marcas explícitas de citação do discurso do “outro” no fio do discurso do “eu”, como o uso de conjunção integrante mais verbo *dicendi*, travessão e aspas para o texto; e, para a aforização, marcas implícitas de citação, como o discurso indireto livre.

Assim, a aforização ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de representar a voz do outro, mas de apresentar outra verdade, que passa a ser a única saturada e possível, produzida em outro lugar a partir do contato com uma fonte maior, moral e eticamente. O esquema a seguir representa as duas ordens enunciativas propostas pelo autor.

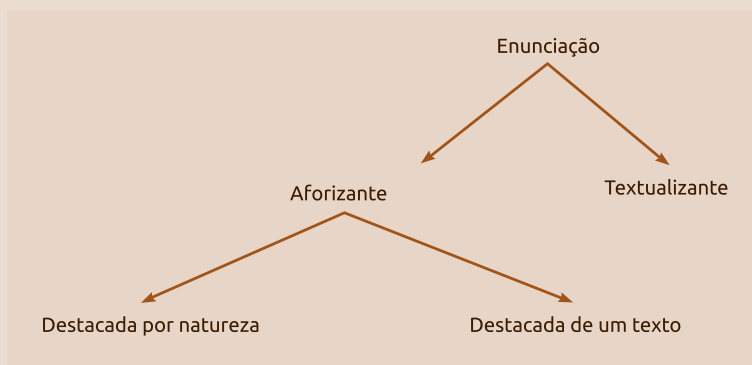


Figura 2 – Esquema vetorial do funcionamento enunciativo.

Fonte: MAINGUENEAU, 2010, p. 13, adaptação nossa.

Notamos que, no esquema, Maingueneau (2010) propõe duas ordens de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. A enunciação aforizante pode ser “destacada por natureza” e “destacada de um texto”. Ela se diferencia da enunciação textualizante em vários aspectos: por exemplo, enquanto a textualizante define posições correlativas de produção e recepção e tem papéis específicos para o enunciador e o enunciatário, negociados em conformidade com a cena genérica; a aforizante prescinde de posições correlativas e estabelece uma cena onde o locutor, um sujeito jurídico e moral, fala a uma espécie de auditório universal.

Se a enunciação textualizante inclui jogos de linguagem de diversas ordens – como argumentar, narrar, perguntar, responder etc. –, a aforizante pretende apresentar o pensamento do locutor como a verdade soberana, para além desses jogos. A textualizante estratifica os planos enunciativos e varia segundo os gêneros, suportes e modos

de circulação, e a aforizante tende à homogeneização e não é afetada por condicionantes.

A enunciação aforizante pretende ser pura fala e, ainda, “implica a utopia de uma fala viva sempre disponível” e repetível, ao passo que a textualizante ultrapassa a dimensão propriamente verbal e, além disso, desfavorece a memorização. Mediante aforização, o locutor busca se colocar além dos limites condicionantes e restrições de um determinado gênero de discurso.

[O] « aforizador » assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente. [...] Trata-se, fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito no sentido jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários (MAINGUENEAU, 2010, p. 14-15).

Assim sendo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, como em um título de uma matéria na imprensa, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador que, como sujeito, “diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14-15).

De maneira geral, para o teórico francês, a ideia central da problemática da aforização é a de que as “frases sem texto” prescindem de textos e gêneros para circular, de modo que elas sejam completamente independentes. No entendimento de Maingueneau (2010), é essencial entender que a enunciação aforizante tem um modo de funcionamento enunciativo próprio que difere da ordem textualizante na qual estão

inscritos os textos e os gêneros, ademais, as diferentes ordens estão em constante tensão, que pode ser mais ou menos forte. Dito de outra forma, o cerne da questão é a tensão que se estabelece entre a aforização e o todo textual que a acolhe.

Partindo também das teorias de frases sem textos e de seus conceitos, buscou-se compreender o papel dos discursos midiáticos em nosso cotidiano. Como esses textos postos a circular (fragmentados, adaptados, inteiros ou aos pedaços) podem influenciar ações e pensamentos de eleitores, por exemplo. Para isso, o estudioso propõe alguns conceitos: destacabilidade, aforização e sobreasseveração.

Atualmente, fala-se muito em “neutralidade”, “imparcialidade”, mas é possível notar que discursos são carregados de interpretações e ideologia. O papel da mídia é destacar enunciados e colocá-los em circulação (modificados/transformados ou não) em novas arenas discursivas.

Maingueneau (2014) propõe que as frases sem textos mantenham com o texto uma relação tensa, como se quisessem saltar para fora dele e, conseqüentemente, das condições de produção.

Segundo o autor, com relação a destacabilidade não basta apenas constatar que certas frases foram destacadas de um texto, deve-se levar em consideração também como elas se apresentavam antes do destaque. As sobreasseverações são as modulações que autores de *blogs* e jornalistas fazem sobre as falas de seus entrevistados, criando um dizer sobre outro dizer, de maneira direcionada. Este é um ato muito comum da mídia contemporânea, que está sempre retomando essas “pequenas frases” em seus canais de informação, como os jornais, os *blogs* etc. Deve-se distinguir o destaque forte do destaque

fraco. Sendo que, no primeiro, implica-se que há uma separação do texto-fonte, enquanto no segundo, a frase destacada fica mais próxima à original de onde foi destacada (MAINGUENEAU, 2014).

“Na imprensa escrita, como nos *sites* da *web*, as sobreasseverações são candidatas naturais ao destacamento fraco, na forma de manchetes, de intertítulos, ou de legendas de fotos” (MAINGUENEAU, 2014, p. 16). No caso dos destacamentos fortes, geralmente, o texto-fonte não está acessível ao seu leitor ou ouvinte, a menos que faça uma pesquisa aprofundada.

A aforização ressignifica a citação, apresentando outra verdade que passa a ser única, tenta mostrar o pensamento do locutor como a verdade soberana. “A enunciação aforizante obedece a uma economia diferente da do texto. Enquanto o texto resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável” (MAINGUENEAU, 2014, p. 25). Para o autor, uma única frase pode funcionar como aforização primária em um caso e, em outra ocasião, como uma aforização secundária. De acordo com Maingueneau (2014):

as aforizações primárias são desprovidas de texto-fonte. Seu sentido é uma espécie de instrução sobre as condições de emprego: ele delimita *a priori* o tipo de contexto nos quais podem ser empregados, mesmo que evidentemente caiba ao locutor decidir se as condições para seu emprego estão satisfeitas (MAINGUENEAU, 2014, p. 27).

As aforizações secundárias trabalham com um contexto-fonte e um contexto de recepção. Dito de outra forma, a diferença entre as duas ordens de aforização faz surgir comentários que explicitam

deformações, mal-entendidos e deslizamentos de sentido que o contexto de recepção pode propiciar.

Em síntese, um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, descrever, responder a uma pergunta, dialogar, entre outros. Já na aforização, através do enunciado, pretende-se exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação (MAINGUENEAU, 2010).

Portanto, é desse corolário teórico que serão analisados os recursos linguísticos destacados no *blog* de Josias de Souza, de onde saiu o *corpus* de análise.

METODOLOGIA

De posse do arquivo da pesquisa – textos (*posts*) diversos publicados durante o período do primeiro e do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010 e de 2014 no Blog do Josias de Souza – fez-se um trabalho de entrada e organização nos *corpora* de pesquisa.

Para tanto, passou-se pelas seguintes etapas: a) Descrever-interpretar os protagonistas da enunciação: locutor, destinatário, enunciador, enunciatário e alvo (o acontecimento discursivo ou o ator político tematizado); b) Descrever-interpretar a temática que a enunciação veicula; c) Descrever-interpretar os procedimentos linguísticos utilizados que fazem funcionar a enunciação do discurso; d) Descrever-interpretar os possíveis efeitos que produzem nos interlocutores; e)

Descrever-interpretar como a enunciação discursiva, enquanto acontecimento discursivo, se relaciona com o acontecimento histórico que circula e quais memórias esse gesto traz à tona nos discursos.

Num terceiro momento, de posse das características linguístico-enunciativas e discursivas, foram analisados os objetos amparados por Dominique Maingueneau (2006, 2010, 2014), sobretudo no tocante à aforização. Isto é, verificou-se como o autor do *blog* “destextualiza” dos contextos e cotextos originais as falas dos candidatos Dilma Rousseff, José Serra e Aécio Neves e as submete a outros contextos e cotextos enunciativos, tais como títulos e intertítulos de *posts*. E quais sentidos e efeitos de sentido tal destextualização produz⁶, fazendo-se uma espécie de “tradutor” de pensamentos, não no sentido da citação indireta livre, mas como um regime enunciativo-discursivo de aforização.

O processo metodológico apresentado como a chave “descrição-interpretação” consiste em observar a questão da descrição e da interpretação dos enunciados produzidos nos *posts* do *blog*. Dessa forma, o norte condutor para a metodologia dos *corpora* segue as premissas de descrever e interpretar, processo abordado por Michel Pêcheux (2008).

Para explicitar o procedimento, diz o filósofo que lançou a “pedra angular” da teoria do discurso na França, a apreensão da língua se dá não somente pelos elementos lógicos ou frásticos da língua, mas também por aquilo que lhe é próprio, real condição de existência, que está tanto no plano material quanto no simbólico e que, muitas vezes, escapa a

6 Em realidade, essas divisões metodológicas, expostas de forma mais didática, são justamente para demonstrar o “passo a passo”. No processo de análise, essas etapas se entremisturam.

toda tentativa de tornar este real e próprio da língua algo logicamente estabilizado. Para dessa forma proceder,

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela não se instala: o real da língua. [...] Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como condição de existência (princípio), sob forma de existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan (PÊCHEUX, 2008, p. 50).

É essa característica inescapável da língua de existir no material e no simbólico que torna crucial ao trabalho de pesquisa em análise do discurso essa questão de descrever e interpretar como uma abordagem discursiva dos objetos nos acontecimentos.

A busca do analista de discurso por objetos que orbitem nos limites do que, por convenção, se coloca como logicamente estabilizado faz-se pertinente e necessária. De modo a encontrar o que também está nesse próprio limite: os equívocos, as falhas, as rupturas, o *nonsense*, os chistes, as metáforas, as metonímias, as representações de mundos possíveis, como ora se faz no acontecimento discursivo da comunicação política.

Além do mais, essa maneira de descrição dos acontecimentos, dos conjuntos textuais, de tipos de discurso, entre outros, não se altera, exceto se existirem formas de interdição que busquem prender os sentidos em um universo logicamente estabilizado. O princípio basilar

é o de que o(s) sentido(s) de todo enunciado pode(m) derivar para outros e que todo enunciado pode ser descrito em uma série de pontos possíveis de deriva, abrindo a picada na floresta de sentidos para a interpretação. E “é nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso” (PÊCHEUX, 2008, p. 53). Esse é o espaço das disciplinas de interpretação.

Busca-se a compreensão de outros discursos, elementos linguísticos, imagens, narrativas, sujeitos, códigos, gêneros e sentidos que circulam na história social para descrevê-los e interpretá-los a partir de filiações identificadoras, como redes de memórias sócio-históricas, no momento presente ao fato analisado dos acontecimentos discursivos – sejam eles um evento, um texto, uma sentença – sempre com a possibilidade de múltiplos territórios de sentidos. Assim:

Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. E é nisto que se justifica o termo de disciplina de interpretação, empregado aqui a propósito das disciplinas que trabalham neste registro (PÊCHEUX, 2008, p. 55).

Em uma leitura mais afoita, essa questão da descrição-interpretação, que Pêcheux coloca como força-motriz dos trabalhos de análise do discurso nos acontecimentos, pode fazer crer que essas interpretações sejam as que outrora se pensaram “obras abertas”. Todavia, o pensador francês chama a atenção para que essa interpretação não seja um “não importa o quê” e que, de fato, há uma questão-problema nas práticas

de análise discursiva ao determinar o momento próprio da interpretação e o da descrição.

Ao analista compete compreender que a descrição dos objetos no acontecimento discursivo coloca em evidência o jogo próprio a que os enunciados estão submetidos. Além disso, possibilita também a compreensão de lugares de furos, apagamentos, ressaltos, recalques, espaços de deriva dos sentidos, lugares vazios para encaixe de sentidos, processos históricos de significação de uma imagem, palavra etc.

É desse gesto de compreensão do discurso-outro, virtualmente presente na leitura da interpretação discursiva, que se faz a gestão dos processos históricos no discurso, tal qual se pretende aqui com a noção-conceito de acontecimentos dos discursos de comunicação política.

OBJETOS E RECORTES DE ANÁLISE

Nossos *corpora* de pesquisas estão divididos em: *Corpus* 1, referente às postagens feitas entre julho e outubro de 2010; e *Corpus* 2 que concerne aos *posts* do período entre julho e outubro de 2014. Desses dois *corpora*, retiramos os objetos textuais que serão os recortes linguísticos analisados à luz da teoria discursiva de frases sem texto de Dominique Maingueneau. Os recortes foram numerados na sequência crescente, conforme a data de postagem.

ANÁLISES PELA LEITURA DISCURSIVA

CORPUS 1: Recorte analítico 1

① josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-07-01_2010-07-31.html

Serra: Dilma e o PT ‘não são duas, mas várias caras’

Lula Marques/Folha



José Serra aproveitou o episódio da troca de programas de governo que o PT encenou no TSE para escalar sobre Dilma Rousseff.

O PT anexara ao pedido de registro de sua candidata um programa de governo que havia sido aprovado em congresso partidário de fevereiro.

A peça continha as teses radicais do pedaço esquerdista da legenda. Coisas como entraves à retomada de terras invadidas...

...E o combate ao "monopólio dos meios eletrônicos" de comunicação. Tudo assinada por Dilma. A candidata após sua rubrica em cada uma das páginas.

Divulgado pelo TSE, o programa ganhou a web. E inspirou uma reação subterrânea das legendas de centro-direito que integram a coligação de Dilma.

Chia daqui, reclama dali, o petismo retirou da praça o programa azedo. Com atraso de quase oito horas, substituiu-o no TSE por uma versão edulcorada.

Figura 3 – Serra diz que Dilma e PT têm várias caras.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Nesta postagem do início de julho de 2010, Josias de Souza dá o título a partir de uma fala de Serra, que se encontrava no corpo do texto. No entanto, o blogueiro faz isso não de qualquer maneira, mas sim derivado de uma sobreasseveração. Em sua fala, José Serra diz: “nós temos uma só cara, a minha cara”. O título da matéria é “Serra: Dilma e o PT ‘não são duas, mas várias caras’”. A percepção de antecipar a fala do presidenciável pode ser entendida como uma asseveração do autor em cima da fala assertiva de Serra, colocada em citação direta. Ou seja, ele faz uma modulação acerca da frase dita pelo candidato tucano.

Essa forma de organizar e hierarquizar o discurso de Serra é, desde já, um direcionamento dos sentidos do discurso, através dos efeitos gerados em significações, em relação aos interlocutores. Portanto, é a partir desse gesto modulante que o blogueiro se constitui num aforizador, que traz a aforização de dizer algo além do que já foi dito ou dissimulando o que foi dito, se colocando como um locutor que fala do alto de todos os conhecimentos. O que, por sua vez, pode levar o seu leitor a ter determinadas interpretações sobre um trabalho de destacamento de “livre” opção do editor do Blog.

Essa opção, embora pareça, não segue uma ordem aleatória, e sim está atenta para a construção da narrativa que se quer dar à fala do candidato em questão. Essa narrativa o coloca de forma eufórica e sapiente, como uma palavra fiável e legítima acerca do discurso político que deseja ensinar. É Serra, e não Dilma, quem dá o tom e a última palavra, aforizada a partir da modulação do editor, acerca de como deve ser visto, lido e interpretado o partido adversário ao seu.

CORPUS 1: Recorte analítico 2

Dilma: posição de bispo não reflete opinião da CNBB

Marcello Casal/ABR



Dilma Rousseff falou, nesta quinta (22), a uma emissora de rádio de Garanhuns (PE). Provocada, comentou o artigo do bispo Luiz Gonzaga Bergonzini.

Titular da Diocese de Guarulhos, Dom Bergonzini levou à web [artigo](#) recomendando aos católicos que não votem em Dilma porque ela defende o aborto.

Primeiro, a candidata disse que a opinião do bispo anti-PT não reflete o pensamento da [CNBB](#). Depois, declarou que o texto do prelado parte de pressuposto falso.

"Tanto eu quanto o presidente Lula não defendemos o aborto. Defendemos o cumprimento estrito da lei".

O que diz a lei? Prevê que a Justiça pode autorizar o aborto apenas em dois casos: 1. Estupro; 2. Quando a gravidez submete a mãe ao risco de morte.

A Dilma modelo 2010 é diferente da Dilma de anos anteriores. Na versão 2007, por exemplo, Dilma defendia a completa descriminalização do aborto.

É pena que a conveniência eleitoral tenha empurrado Dilma para o ajuste semântico. Nessa matéria, vale o interesse das mulheres, não o das batinas.

- Siga o blog no [twitter](#).

Escrito por Josias de Souza às 14h46
[Comentários \(40\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Compartilhe [t](#) [f](#) [i](#) [p](#)

Figura 4 – Dilma comenta posição de Bispo.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Esta postagem, também do mês de julho de 2010, é reflexo de uma polêmica que assolou as eleições daquele ano: a questão do aborto. O aborto clandestino é uma das maiores causas de morte materna no país. Os procedimentos são feitos, geralmente, de forma muito precária e podem chegar a custar 5 mil reais em clínicas clandestinas pelo país. Conforme dados do Ministério da Saúde, quatro mulheres morrem por dia, vítimas de complicações de abortos provocados. No Brasil, mais de 850 mil mulheres fazem abortos clandestinos anualmente. No entanto, a lei ainda é retrógrada e prevê o aborto em poucas circunstâncias, de

modo que em 2010 somente casos de estupro ou de risco de morte da mãe poderiam ser feitos legalmente pelo Estado. Diante dessa realidade estarrecedora, percebe-se que o aborto é uma questão séria de saúde pública.

No texto, Josias de Souza dá título a partir de uma fala notadamente atribuída a Dilma, de acordo com os dois pontos que antecedem a citação. O que remete à figura sintático-semântica do aposto que, de forma catafórica, anuncia um pensamento a ser retocado pelo locutor do discurso.

Prosseguindo, mais à frente do texto Dilma diz: “Tanto eu quanto o presidente Lula não defendemos o aborto. Defendemos o cumprimento estrito da lei”. Ela pretende dizer que eles defendem o cumprimento da lei, que permite o aborto em dois casos, conforme já dito. Porém, Josias de Souza aproveita essa brecha para retomar nas mentes de seus leitores uma memória de quando em 2007 a candidata supostamente, segundo determinados meios de comunicação, defendia o aborto.

Essa é uma enunciação aforizante bastante explorada por Josias, ele está sempre retomando essa memória disponível, atualizando o “memorável” de seus leitores, de forma a gerar essa contradição no contexto de Dilma. O que causaria o desfavorecimento da candidata para com os seus (e)leitores, já que eles são pessoas, na maioria, conservadoras e tradicionalistas que, por convicções religiosas ou outras razões, possuem o pensamento de que o aborto é algo errado.

Dessa forma, ele se constitui em um aforizador, ou seja, o blogueiro retira as falas de contexto, do próprio texto, e passa a circular em outro, criando outras novas narrativas de efeito de sentido, para que

se interprete a fala de Dilma como corroborativa à prática de aborto. Em outras palavras, ao fazer esse movimento, colocam-se em cena vários implícitos, perdendo a neutralidade de sua fala e expondo-as aos leitores.

O editor modula a frase de Dilma de modo a ficar sob os auspícios da então candidata um assunto polêmico e de difícil discussão social, passando a impressão de que não há polêmica para Dilma, mas sim consenso acerca de se ter o aborto como prática ampla e irrestrita.

CORPUS 1: Recorte analítico 3

Serra: PT 'esconde' Dilma e a trata como um 'iogurte'

Fábio Pozzebom/ABR



Aproveitando-se da ausência de Dilma Rousseff, José Serra a converteu em alvo num encontro promovido por associações comerciais, em São Paulo.

Convidada, Dilma disse que iria ao evento. Mas, na última hora, deu meia-volta. **"Normal"**, disse Serra. "O PT tem evitado ao máximo debater e se expor".

Sem mencionar o nome de sua rival, Serra insinuou que Dilma se esconde atrás de Lula.

O problema, disse ele, é que "o presidente é insubstituível. Quem ganha é quem governa. É preciso se expor mais".

Defendeu a simplificação da campanha. Disse ter sugerido um modelo alternativo em **1993**:

"Cheguei a propor que nós transformássemos o horário eleitoral em uma coisa mais simples. O candidato, diante da câmera, apresentando sua proposta..."

"...É chato? É chato. Mas política é uma coisa chata. O que vamos fazer? Com isso, a gente elimina o custo e impede que o candidato sejam vendidos como iogurtes ou como um novo pão de centeio..."

"...Coisas publicitárias ou não publicitárias, como, inclusive, a ocultação do candidato. Hoje no Brasil parece uma importância grande: ocultar o que o candidato é ou deixa de ser".

De fato, as campanhas eleitorais são guiadas mais pelo marketing do que pelas ideias. Elege-se a encenação mais competente, não o melhor candidato.

Nessa matéria, a propósito, Serra não é exceção. Longe disso. Incorporou-se à regra geral.

Acusa Dilma de usar a popularidade de Lula como escudo. Mas cuida de manter no fundo do armário o aliado FHC.

No encontro de São Paulo, Serra voltou a condenar o aparelhamento do Estado, rendido, segundo disse, a "interesses privados".

Figura 5 – Serra comenta estratégia de PT com Dilma.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Aqui o autor destaca partes da entrevista, modificando-as para dar título à matéria. A junção das falas de Serra que resultam no título da manchete é novamente uma sobreasseveração, feita pelo aforizador do *blog*. Na primeira fala: “O PT tem evitado ao máximo debater e se expor”, tem-se uma sobreasseveração que substitui “evitado” por “esconde”, para gerar mais impacto no início na matéria ou, ainda, esgotar as múltiplas possibilidades de implícitos existentes na matéria. Depois, o editor ainda mostra que Serra disse que “o PT a trata como um ‘iogurte’”, quando originalmente Serra não disse exatamente isso. Sua declaração foi: “Com isso, a gente elimina o custo e impede que os candidatos sejam vendidos como iogurtes ou como um novo pão de centeio...”.

Em sua fala, Serra está generalizando todos os candidatos; já para Josias de Souza, em aforização crescente, trata-se apenas de Dilma como um produto perecível e comprável sob demanda em prateleiras. Semelhante ao que diz Francis Fukuyama em *O fim da história e o último homem* (1992), tratando o político e a política apenas como produto e bem material a ser negociado e vendido, sem debate ideológico, como um trunfo democrático e de capital. A aforização dessa notícia evidencia o algoz certo para compreensão do leitor, posicionando-o ideologicamente, mostrando a ele também os implícitos.

Assim, essa mudança em sua fala configura-se como uma aforização secundária, pois ela se destaca do texto mobiliado pelo próprio aforizador, do contexto de destacamento (MAINGUENEAU, 2014). Ele ainda destaca algumas falas de Serra que, levando em consideração a circulação de seu *blog*, podem ter gerado o favorecimento do candidato, por exemplo, quando Serra diz: “Cheguei a propor que nós transformássemos o horário eleitoral em uma coisa mais simples. O candidato,

diante da câmera, apresentando sua proposta..." "...É chato? É chato. Mas política é uma coisa chata". Pode-se levar a crer que Serra é um candidato mais preparado e intelectual, que não tem nada a temer e não precisa de uma "publicidade eficaz", como a de Dilma. Não precisa ser moldado como um produto comercial, com embalagem vendável. Ele seria, por esse entendimento, um candidato mais autêntico.

CORPUS 1: Recorte analítico 4

28/08/2010

Dilma diz que, eleita, vai 'estender a mão' para Serra

Marcello Casal/ABr



Em Brasília, Dilma Rousseff tirou a manhã para descansar. À tarde, concedeu uma entrevista, para aparecer, à noite, na janela do 'Jornal Nacional'.

Disse que, eleita, se dispõe a "estender a mão" para José Serra, seu principal contendor na sucessão.

Passada a guerra eleitoral, afirmou, "a gente desarma o palanque e estende a mão para quem for pessoa de boa vontade e quiser partilhar do processo de transformação".

Não sabe se Serra corresponderá ao gesto. Mas, "se ele quiser, sim, perfeitamente", ela não hesitará em estender a mão.

Ainda que a oposição recuse o diálogo, Dilma declarou que não vai retaliar: "Pode ficar sem estender a mão como oposição, numa boa, e vai ter dinheiro".

Curioso, muito curioso, curiosíssimo. Na noite da véspera, Dilma e seu cabo eleitoral haviam comandado, em Recife, um comício ácido.

Lula pedira votos para ela e para os seus. E dirigira à oposição epítetos tóxicos. Um dos mais amenos foi "picaretas".

Recomendara aos eleitores que não votem "nesse tipo de gente". Trabalha para asfixiar os opositoristas que concorrem ao Legislativo, sobretudo ao Senado.

Ou seja, o petismo caminha para a paz prometida por Dilma no ritmo militar ditado por Lula.

Se o plano de Lula for bem sucedido, é certo que o sossego virá depois da guerra. Mas, para a oposição, não está reservada senão a paz dos cemitérios.

- Siga o blog no [twitter](#).

Figura 6 – Dilma diz que, se eleita, iria se conciliar com Serra.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

No Blog do Josias de Souza nota-se claramente como se dão as diferenças entre notícias relacionadas a candidatos do PSDB e do PT. Quando se trata de Dilma, o autor tende a não dar a palavra diretamente à candidata. Já com José Serra, geralmente, ele é mais fiel às suas citações, exceto quando suas falas são direcionadas a Dilma ou a seu partido, mesmo que de forma indireta. Essa postagem, dependendo do veículo de circulação, poderia ser dada como uma notícia que favorecesse Dilma. Todavia, a partir de uma aforização, nesse caso uma aforização primária, Josias de Souza transforma o que poderia ser visto como uma boa ação de Dilma em um gesto ruim.

É preciso esclarecer que as aforizações podem ser primárias ou secundárias. São primárias aquelas nas quais não vemos mais o elo da comunicação com o texto-fonte, e nas secundárias ainda é possível encontrar a informação no mesmo espaço do texto-fonte. Ao colocar “estender a mão” em aspas, podemos entender que isso é algo ruim. Além do mais, traz à tona novamente possíveis contradições da candidata, gerando má interpretação em seus leitores. Ademais, ele usa palavra pejorativa para referir-se a Lula, reforçando mais uma vez o lado em que está posicionado.

CORPUS 1: Recorte analítico 5

Serra: Ela 'terceirizou ataque'; Dilma: Lula 'é o líder'

ABR



Sob o impacto da peça em que Lula o acusara de partir para a "baixaria", José Serra retornou a um tema que, na véspera, refulgava: o "Fiscogate".

Enxergou na participação de Lula no programa eleitoral não uma defesa de Dilma Rousseff, mas um ataque a ele.

Chamou sua antagonista de "candidata oculta". E disse que Dilma **terceirizou** a artilharia ao cabo eleitoral.

Ela promove, segundo Serra, "a terceirização dos debates e dos ataques, que incluem, agora, o presidente da República".

Disse que, a despeito de ser "presidente de todos os brasileiros", Lula "se engaja como porta-voz de uma candidata".

Uma presidenciável que, segundo disse, "não tem condição de falar por si própria nem de atacar".

Considerou "absolutamente original" que Lula o tenha acusado de recorrer à "baixaria".

"Acusar vítimas, que reclamam por terem sido vítimas, de fazer jogo baixo... O jogo baixo, da invasão, só mostra a natureza daqueles que praticam o crime...".

"...Essa é a estratégia do PT, essa é a estratégia da candidata oculta e essa é a estratégia do presidente da República enquanto pessoa física".

Serra se disse "indignado" com a notícia de que também o cadastro de seu genro, Alexandre Bourgeois, foi atacado na agência da Receita em Mauá.

Acha que o episódio "deixa mais do que claro que se trata de um trabalho de quadrilha".

A caminho de Minas Gerais, onde fará seu 14º comício ao lado de Lula, Dilma também trocou um dedo de prosa com repórteres.

Falou num hangar de Brasília, antes de embarcar no jatinho de sua campanha.

Figura 7 – Serra diz que Lula é líder de ataque.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Neste recorte analítico do *corpus* 1, já na manchete, em uma frase curta, percebe-se outra aforização secundária a respeito de Serra, referindo-se a Dilma como uma candidata manipulável e não legítima, que fica sob as rédeas de seu mentor, Lula. Observa-se, mais uma vez, um direcionamento que certamente causa má impressão para a presidenciável do PT. Tanto nessa aforização quanto em outras presentes no corpo do texto é perceptível a intenção do blogueiro ao destacar falas de Serra

para reforçar sua afirmação, manifestada desde o começo das eleições, de que Dilma não seria capaz de exercer o cargo de presidente devido à forte presença de Lula em sua campanha.

CORPUS 1: Recorte analítico 6

Dilma: 'Não respondo pelo que faz o filho de alguém'

Divulgação



Dilma Rousseff foi exibida em entrevista matinal na TV Globo. Um pedaço da conversa foi dedicado ao 'Erenicgate'.

Perguntou-se a Dilma se, depois da demissão de quatro autoridades e da exposição da parentela de Erenice Guerra, ainda considera que o caso é mero 'factóide'.

E ela: "A primeira denúncia dizia respeito ao filho da pessoa. Então, eu não posso ser responsabilizada pelo que faz o filho ou o parente de alguém".

Lorota. Já no nascedouro, a encrenca fora apresentada como de tráfico de influência do filho, Israel Guerra, com o aval da mãe, Erenice Guerra.

Recordou-se a Dilma que ela trabalhou sete anos com Erenice, seu braço direito. Não notou nenhuma irregularidade? E a candidata:

"Eu, até hoje, nunca vi nenhuma prova e nenhuma ação inidônea da ex-ministra Erenice..."

"...Isso não significa que, havendo denúncias, elas não tenham que ser apuradas. E eu acredito que ninguém está acima das suspeitas..."

"...Acho que tudo tem que ser apurado. Agora, eu não tenho, até hoje, nenhum conhecimento de um ato inidôneo da Erenice".

Nesse ponto, Dilma foi como que confrontada com uma contradição. A despeito da alegada falta de comprovação, demitiram-se quatro.

Insistiu-se: Nunca reparou nada? "Olha, eu não", Dilma declarou. "Eu posso dizer, sim, com absoluta franqueza, eu nunca aceitei nem nomeação de parentes nem nomeação por critérios de amizade".

Sobreveio a pergunta óbvia: Se nunca aceitou, por que aconteceu? E Dilma, dissociando-se de Erenice:

"Eu não tenho como responder por ela. Agora, acho que, até onde eu a conheci, ela era uma pessoa bastante idônea".

Mais adiante, Dilma repisou: "[...] Resta ser provado que ela tem responsabilidades. E muito perigoso a gente ficar condenando as pessoas sem ter provas".

Lero vai, lero vem enfatizou-se que Israel, o filho lobista de Erenice, admitira o recebimento de pelo menos R\$ 120 mil por "serviços" prestados nas franjas do governo.

"Se ele admitiu que recebeu e se acha que aquilo é indevido, ele é culpado. Então, ele vai pagar por isso..."

"...Agora, daí a fazer qualquer relação com a minha campanha é que são outras... Quer dizer, são outros quinhentos. Porque a minha campanha não está envolvida com essa história".

Ficou entendido o seguinte: a supergestora, vendida como "mãe" de todos os êxitos do governo, acha que não tem nada a ver com Erenice, uma de suas "obras".

O marido, o irmão, os filhos e o sócio do filho de Erenice? Dilma também não se acha responsável pelo que "faz o filho ou o parente de alguém". Ainda que esse "alguém" seja cna dela.

Na campanha, Dilma refere-se à gestão Lula como "nosso governo". Leva à propaganda os principais programas da era petista. Apropriam-se deles. Porém...

Porém, quando estouram malfeitos na sua Casa Civil, Dilma diz que a relação com a campanha "são outros quinhentos".

Ela aperta o botão do automático -- "Nada a ver" -- desvia o nariz do monturo e segue em frente. Assim fica fácil!

- **Serviço:** [Aqui](#), a ínetgra da entrevista.
- Siga o blog no [Twitter](#).

Escrito por Josias de Souza às 18h39
[Comentários \(64\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#)

Compartilhe [f](#) [t](#) [p](#)

Figura 8 – Dilma comenta caso Erenice Guerra.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Neste recorte, a manchete inicia-se com uma sobreasseveração em que a modulação de destacamento cria uma aforização secundária, feita a partir de uma fala de Dilma: "A primeira denúncia dizia respeito ao filho da pessoa. Então, eu não posso ser responsabilizada pelo que faz

o filho ou o parente de alguém”. Recorrendo a um verbo mais comum, ele substitui o verbo “responsabilizar” por “responder”. Essa postagem trata de outra polêmica das eleições de 2010: o “fiscogate” ou, segundo Josias e outros meios de comunicação, o “erenicegate”.

Mais um elemento destacável é: “...Agora, daí a fazer qualquer relação com a minha campanha é que são outras... Quer dizer, são outros quinhentos. Porque a minha campanha não está envolvida com essa história”. Dilma busca afastar qualquer relação do escândalo com a sua campanha, enquanto Josias de Souza faz exatamente o contrário ao dizer: “Ficou entendido o seguinte: a supergestora, vendida como ‘mãe’ de todos os êxitos do governo, acha que não tem nada a ver com Erenice, uma de suas ‘obras’”.

Ele tenta mostrar que Erenice é uma “obra” de Dilma, e que a candidata também seria responsável pelos erros de Erenice e de seu filho. Mais adiante, ainda reforça: “O marido, o irmão, os filhos e o sócio do filho de Erenice? Dilma também não se acha responsável pelo que ‘faz o filho ou o parente de alguém’. Ainda que esse ‘alguém’ seja ‘cria dela’”. Colocando novamente Erenice e seus familiares na conta de Dilma.

CORPUS 1: Recorte analítico 7

Dilma faz campanha no Santuário de Nossa Senhora

Joel Silva/Tulha



Aparecida, na cidade de Aparecida (SP).

Participou da missa das 9h. Percorreu o santuário. Foi ao recanto onde se encontra a imagem da santa padroeira do Brasil.

Depois, em entrevista, **justificou** o tom azedo que utilizara na noite da véspera, no debate com o antagonista José Serra.

"Esperavam o quê? Que eu não defendesse as minhas posições? Que eu não apresentasse as minhas propostas?..."

"...Que eu não criticasse a visão estratégica dele? Mas o debate é para isso".

Explicou as razões que a levaram a inquirir Serra sobre a tática do boato:

"Eu sempre me recusei a baixar o nível do debate. Passei quase três meses sendo acusada da quebra de sigilo fiscal..."

"...E hoje está claro que quem quebrou o sigilo fiscal foi um esquema mercantilista e corrupto dentro da Fazenda por razões não eleitorais e não políticas..."

"...Eu passei muito tempo calada sobre essas acusações, o tamanho que tinha tomado essa central organizada de boatos..."

"...Eu resolvi tornar isso algo público e compartilhar. Eu não fui na internet e não disse na forma de boato".

Durante a missa, Dilma absteve-se de comungar. Por quê? "Eu prefiro ter essa manifestação –até pode ser uma questão minha– mais recatada".

Questionada sobre sua devoção religiosa, a candidata abespinhou-se:

"Acho que ninguém tem o direito de dizer qual é a minha crença, quem pode julgar sobre crenças e religiões é Deus".

Insinuou que o **câncer** a aproximou do Padre Eterno: "Eu tive um processo recente e este processo me fez retomar várias coisas que estavam já dentro de mim..."

"...Essas questões dizem respeito a mim e eu não autorizo, não legítimo ninguém a julgar minha crença. Acho que isso é o cúmulo do preconceito".

Na semana passada, Dilma já havia levado sua candidatura para passear num templo religioso, no Rio.

Parece ter dificuldade para virar a página que escreve a crônica da sucessão de 2010 com caligrafia beata.

O diabo é que o histórico da ex-Dilma desautoriza a pose de vítima da candidatura.

Em matéria de religiosidade, a pupila de Lula vem se revelando uma ginasta sem futuro.

Em 2007, durante sabatina na *Folha*, perguntou-se à então chefe da Casa Civil se acreditava em Deus.

E Dilma: "Eu me equilibro nesta questão. Será que há? Será que não há?"

Em 2009, numa entrevista à revista "Marie Claire", Dilma declarou que não praticava religião nenhuma.

Permitiu-se brincar: "Balançou o avião, a gente faz uma rezeirinha".

Em fevereiro de 2010, já na pele de pré-candidata, Dilma foi inquirida pela "Época": Uma religião específica, a senhora não tem?

Souo peremptória: "Não, mas respeito".

Decorridos três meses, em maio, já convertida em candidata, Dilma falou à "IstoÉ". Perguntou-se se era católica.

Dilma deu um salto mortal: "Sou, antes de tudo, cristã. Num segundo momento, católica".

Nesta segunda-feira, a candidata escora a "conversão" no câncer. Agora, é católica de frequentar a missa. Mas não comunga.

O melhor que Dilma tem a fazer é dar um triplo mortal carpado em direção a outro tema.

Primeiro porque a agenda carola não a socorre. Segundo porque o evangelho de uma pessoa que se dispõe a presidir o país deveria ser outro.

- Siga o blog no **twitter**.

Escrito por Josias de Souza às 16h27

[Comentários \(41\)](#) | [Enviar por e-mail](#) | [Permalink](#) #

Compartilhe

[Twitter](#) [Facebook](#) [Google+](#)

Figura 9 – Dilma se mostra religiosa.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Esta é uma postagem que traz uma notícia a respeito da candidata petista. Não há nenhum destacamento de fala no título. No entanto, ao adentrar no corpo do texto, notam-se algumas aforizações e sobreasseverações.

A matéria traz mais uma polêmica do ano das eleições de 2010, a questão da religiosidade da candidata do PT, que é o tempo todo colocada em dúvida, tornando possível identificar novamente o posicionamento do blogueiro.

Logo no início, ele deixa claro: “Em tempos de eleição, a religiosidade aflora. É quando se descobre que a política está infestada de ateus”. Assim, entende-se que a religião é importante, mas para certos candidatos é só algo conveniente em época de eleição, uma vez que a grande maioria da população brasileira é cristã. Mais à frente: “Por sorte, é muito fácil identificar os heréticos. Estão todos nas coligações adversárias”. Aqui Josias não deixa dúvidas quanto a sua opinião, utilizando vocabulário mais agressivo ao incluir candidata petista entre heréticos que estariam nas “coligações adversárias”, nesse caso o PT.

Até mesmo os verbos que Josias de Souza usa para conceder palavras a Dilma partem desse vocabulário desfavorável. Como em: “Questionada sobre sua devoção religiosa, a candidata abespinhou-se”. Ao utilizar o verbo “abespinhar”, ele a pinta como nervosa, irritada, alguém sem preparação para o cargo que está disputando. Ele ainda destaca algumas outras falas da candidata:

‘Acho que ninguém tem o direito de dizer qual é a minha crença, quem pode julgar sobre crenças e religiões é Deus’. Insinuou que o câncer a aproximou do Pai Eterno: ‘Eu tive um processo recente e este processo me fez retomar várias coisas que estavam já dentro de mim...’.

Aqui ocorre mais uma aforização, pois Dilma não diz que o câncer a aproximou de Deus, fala de seu processo recente, que é sabidamente

um câncer. Neste sentido, o blogueiro coloca como direcionamento de sentidos a aproximação de Deus devido à doença. Ele ressignifica a citação, dando a entender que se não fosse o câncer ela provavelmente não teria religião. Além do mais, utiliza novamente verbos que jogam a favor do seu posicionamento, para ele, a candidata não “disse” ou “afirmou”, e sim “insinuou”, mais uma vez trazendo um ar duvidoso para a fala da candidata.

Em outra frase destacada: “...Essas questões dizem respeito a mim e eu não autorizo, não legitimo ninguém a julgar minha crença. Acho que isso é o cúmulo do preconceito”. A candidata petista fala que as questões de religiosidade dizem respeito a ela, contudo, a interpretação de Josias de Souza, através do discurso aforizado por ele, traz memórias de aforizações primárias que perduram no tempo para desfavorecê-la. Quando ele diz: “O diabo é que o histórico da ex-Dilma desautoriza a pose de vítima da candidata” ou ainda: “Em matéria de religiosidade, a pupila de Lula vem se revelando uma ginasta sem futuro”, utiliza termos pejorativos, como “ginasta sem futuro” ou termos que colocam a candidata, por ser mulher, como uma incapaz e dependente de Lula com “pupila de Lula”. Além disso, está sempre apresentando duas Dilmas, usa as contradições dela para tentar derrubá-la o tempo todo.

Uma das aforizações primárias que sempre vêm à tona nos textos de Josias é a de que Dilma não acredita em Deus: “Em 2007, durante sabbatina na Folha, perguntou-se à, então, chefe da Casa Civil se acreditava em Deus. E Dilma: ‘Eu me equilibro nesta questão. Será que há? Será que não há?’”. Ele faz da contradição passada algo permanentemente disponível, visto que recorre a ela com frequência. Desse modo, leva seus interlocutores a acreditarem que a candidata é mentirosa, hipócrita e não sustenta o que diz.

Ele resgata uma memória discursiva que foi sendo engendrada ao longo da campanha presidencial de 2010, que significa(ou) Dilma como adepta do ateísmo. Essa ideia começou a ser gestada na época da manifestação da petista acerca da questão do aborto. Dilma havia dito em entrevista: “Um governo não tem de ser contra ou a favor do aborto; ele tem de ser a favor de uma política pública”. A maneira como o enunciado foi lido pela mídia gerou a constituição de uma memória sobre o ateísmo da candidata, reiterado no destaque feito pelo jornalista.

Ainda podemos destacar a importância que o texto imagético teve nessa publicação, apesar de Josias não ter utilizado a imagem em que a candidata “erra” ao benzer-se, que circulou bastante em importantes meios de comunicação, ele também explora a aforização ao citar que ela foi flagrada “errando” ao benzer-se na missa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Aqui, ele mostra que Dilma supostamente não conhece a liturgia católica. Atualizando a memória a partir do próprio passado da ex-presidente que, durante a Ditadura Militar, militou em grupos de esquerda vinculados aos postulados comunistas. Historicamente, existe uma desavença entre os ideais comunistas – calcados no materialismo histórico, portanto na realidade dos processos históricos das relações sociais – e as doutrinas e ideais religiosos.

Assim, surge desse “descompasso” uma certa desconfiança em relação às práticas a serem adotadas, caso a candidata fosse eleita, principalmente no que tangenciava as questões religiosas imbricadas no trato político, como a legalização do aborto.

CORPUS 1: Recorte analítico 8

26/10/2010

Serra: A campanha de Dilma usa métodos 'nazistas'

Divulgação



Em campo: no Maracanã, Serra posa contra imagem de torcida congelada na foto

José Serra concentrou sua campanha, nesta terça (26), nas regiões Sudeste e Sul. Foi, primeiro, ao Rio de Janeiro.

Visitou as obras do Maracanã, que está sendo preparado para a Copa de 2014. Disse que, eleito, dará prioridade aos investimentos para a Copa e as Olimpíadas de 2016.

Posou para foto contra um pano de fundo de torcedores. Torcedores de clubes cariocas, congelados numa foto.

Dali, cruzou os céus em jatinho particular rumo ao Sul. Na cidade gaúcha de Caxias do Sul, discursou num palanque montado pelo PMDB.

A maioria do PMDB gaúcho, partido do vice de Dilma Rousseff, Michel Temer, fechou com Serra.

O candidato tucano pespegou na campanha rival um epíteto indigesto: **'nazista'**. Disse que Dilma & Cia. empregam métodos à Goebbels.

Como assim? Repetem à saciedade que, se eleito, Serra vai 'privatizar' o pré-sal.

"Eles pegam uma coisa totalmente absurda e ficam repetindo, repetindo, repetindo... Fazem isso no melhor estilo de propaganda nazista".

Entre os pemedebês presentes, o mais ilustre era José Fogaça, candidato derrotado ao governo gaúcho. Depois dele, Germano Rigotto, derrotado na corrida ao Senado.

Figura 10 – Serra compara campanha de Dilma ao Nazismo.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Essa aforização que dá título à matéria causa grande impacto, pois o candidato presidencial psdbista relaciona a campanha de sua rival ao regime totalitário nazista, apoiando-se em uma memória sócio-histórica, com todo peso das barbáries desse período. Para trazer um intertítulo mais chocante, Josias de Souza destaca pequenas partes das falas de Serra e as transforma. O que Serra falou foi: “Eles pegam uma coisa

totalmente absurda e ficam repetindo, repetindo, repetindo... Fazem isso no melhor estilo de propaganda nazista”.

Para Goebbels, uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade. Josias explora esse aforismo para dar título ao seu texto. Ele coloca: “Serra: A campanha de Dilma usa métodos ‘nazistas’”, exclui parte do que foi dito e ressalta resumidamente apenas um trecho no título. A frase que veio a circular fora do texto é uma aforização secundária na qual ele amplia, mesmo que rapidamente, os direcionamentos de sentidos que podem ser dados aos seus interlocutores.

CORPUS 2: Recorte analítico 9

A cada 4 anos, Deus opera milagres em Dilma

Josias de Souza 08:08 | 04:02

Recomendar 4,4 mil



Disse coisas **assim**: “Eu acredito naqueles que creem e no poder da oração. Na Bíblia, está escrito que a oração de um justo pode muito em seus efeitos. Não se esqueçam de orar por mim. Eu estarei contando muito com isso. Quero dizer também para vocês que todos os dirigentes desse país dependem do voto do povo e da graça de Deus. Eu também.”

Confirma-se em 2014 algo que os brasileiros haviam percebido em 2010: perto das urnas, a religiosidade de Dilma cresce. Surge no íntimo da ex-guerrilheira uma beatice insuspeitada. O velho materialismo dialético cede espaço ao redívivo poder divino. Depois de renovar seus laços com Lula, a ex-devota de Marx achega-se a Deus!

Uma semana depois de prestigiar a inauguração do Templo de Salomão, da Igreja Universal, Dilma Rousseff participou, nesta sexta, do encerramento de um congresso da Assembleia de Deus. Brindou os presentes com comentários como **esse**: “O Brasil é um Estado laico, mas, citando um salmo de Davi, eu queria dizer que feliz é a nação cujo Deus é o Senhor.”

Certas conversões estimulam a suspeita. Há pessoas que falam em Deus com tal convicção que a plateia fica tentada a acreditar que Ele não existe. Ou não merece existir. Bobagem. Deus já não é *full time*. Mas aparece de quatro em quatro anos. Ele está em toda parte. Numa eleição em que o desempenho do pastor Everaldo pode provocar o segundo turno, Deus está até na alma de Dilma Rousseff.

Figura 11 – As mudanças de Dilma em época de eleição.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Após três anos da eleição em que disputaram Dilma e Serra, uma onda de protestos atingiu todo o país a partir de movimentos como o Movimento Passe Livre (MPL), que ganharam grande força com advento dos dispositivos de comunicação pela Internet. Em 2013, protagonizaram manifestações contra, inicialmente, um aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus em algumas capitais brasileiras. A partir daí, vê-se a crescente e notável participação da Internet em momentos importantes para a sociedade. Além disso, as redes sociais passaram a ser mais exploradas com fins políticos e textos perdem espaço para a utilização de vídeos. Por isso, os *corpora* de 2014 estão em menor número que os de 2010.

Alguns acontecimentos marcaram a campanha eleitoral de 2014, sobretudo no primeiro turno, com o falecimento do candidato à presidência pelo PSB, Eduardo Campos. O avião em que o candidato viajava caiu na cidade de Santos, São Paulo. A tragédia fez com que as eleições percorressem caminhos diferentes, pois Marina Silva entrou no lugar de Eduardo.

Nesse momento, a disputa que antes era acirrada entre Dilma, Eduardo e Aécio passou a ser mais dura principalmente entre Dilma e Marina Silva, deixando Aécio com o terceiro lugar. Entretanto, com o passar das eleições, nos momentos finais do primeiro turno a campanha de Silva acabou “desidratando” e abriu espaço para Aécio Neves⁷.

Agora, o ódio era maior ainda. Depois de Dilma já ter sido eleita e estar concorrendo a uma reeleição, alguns veículos de comunicação se tornaram ainda mais assíduos na busca por desestabilizar a candidata.

7 Lembrando que o candidato tucano, na época, cogitou até mesmo retirar a candidatura devido ao seu fraco desempenho até os momentos finais da campanha de primeiro turno.

Josias não fez diferente. Na postagem do início de agosto de 2014, ele retoma o boato sobre o ateísmo de Dilma. De maneira debochada, o blogueiro dá título à sua publicação utilizando uma aforização primária, como se saltasse para fora do texto com a intenção de chamar a atenção. Em outro trecho destaca a seguinte fala da candidata à reeleição: “O Brasil é um estado laico, citando um salmo de Davi, eu queria dizer que feliz é a nação cujo Deus é o Senhor”. Ao fazer isso, o autor pretende reforçar o que vem pontuando desde 2010, que para ele Dilma é uma política contraditória e que quase sempre existem incoerências em suas falas. Portanto, ela não é digna do cargo que disputa.

Com o trecho “Confirma-se em 2014 algo que os brasileiros já haviam percebido em 2010: perto das urnas a religiosidade de Dilma cresce”, ele reforça novamente o boato de ateísmo. Há uma tentativa de mostrá-la como uma interesseira, como se ela se aproximasse de Deus perto das eleições apenas com intuito de conquistar os votos do povo cristão.

Em outro excerto do texto “o velho materialismo dialético cede espaço ao redivivo poder divino. Depois de renovar seus laços com Lula, a ex-devota de Marx achega-se a Deus!” o blogueiro, além de corroborar com a ideia de que Dilma é ateia e contraditória, lembra que ela tem/teve ideais baseados na teoria de Marx. Isso pode ser visto como algo ruim por parte de seus (e)leitores, levando em consideração que a maior parte da população do país possui princípios católicos e que existe uma certa incompatibilidade entre comunismo e religião.

CORPUS 2: Recorte analítico 10

Aécio: PT tem insônia com as petro-revelações

Josias de Souza 21/09/2014 | 03:57

Compartilhe       



A delação de Paulo Roberto Costa transformou a Petrobras num pesadelo do qual o petismo tenta acordar. Ante a [notícia](#) sobre o envolvimento de mais dois ex-diretores no escândalo, Aécio Neves acha que os correligionários de Dilma Rousseff vão dormir cada vez [menos](#).

"Se esse Paulo Roberto Costa já está deixando todo mundo sem dormir, quando chegarem próximo desse diretor conhecido como Duque, acho que muita, mas muita gente, principalmente do PT, vai ter grave insônia." Disse isso após carreatas em Minas. Referia-se a Renato Duque. Vem a ser um ex-diretor da Petrobras, diretoria de Serviços da Petrobras, sob apadrinhamento do PT.

Figura 12 – Aécio comenta os escândalos de corrupção envolvendo o PT.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesse recorte analítico do *corpus 2*, nota-se novamente que Josias tende a ser mais fiel às falas dos seus candidatos. No texto, é Aécio quem tem a palavra e o editor-blogueiro modula uma das falas dele para conceder o título da matéria. Isso resulta em outra sobreasseveração, agora de destaque fraco, já que se mantém condizente ao corpo do texto. A fala inicial de Aécio era: “Se esse Paulo Roberto Costa já está deixando todo mundo sem dormir, quando chegarem

próximo desse diretor conhecido como Duque, acho que muita, mas muita gente, principalmente do PT, vai ter grave insônia”.

No título Josias trouxe: “Aécio: PT tem insônia com as petro-revelações”. Ele coloca como se os petistas já estivessem sofrendo de insônia, quando Aécio havia dito que eles ainda teriam, provavelmente, em um futuro próximo. Além disso, ele utiliza o termo “petro-revelações” que pode ser visto como pejorativo, já que ele torna-se ambíguo ao ser entendido não apenas como as revelações que vinham acontecendo no setor petrolífero, mas também como revelações por parte dos petistas. Ele ainda desconsidera que Aécio não estava falando apenas de um partido, exclui a parte “principalmente do PT” e coloca em uma pequena frase que apenas os petistas teriam insônia grave, dando a entender que a participação nesses esquemas era exclusiva deles.

Ao ampliar o sentido das frases, ele cria outras interpretações para seus leitores, buscando desestabilizar novamente o Partido dos Trabalhadores e a candidata Dilma Rousseff. Ao observar rapidamente a postagem ainda pode-se notar que até mesmo a imagem de Aécio o favorece: em plano aberto, o candidato está em uma carreta com muitos eleitores ao fundo, as cores do seu partido estão em destaque e ele aparenta estar feliz e sorrindo. Situação diferente das imagens escolhidas da candidata do PT, que geralmente são fotos somente de rosto com expressões tensas e de preocupação. Portanto, entendemos que a composição de suas postagens vai além dos textos e a soma de vários fatores resulta em determinadas interpretações.

CORPUS 2: Recorte analítico 11

Petrobras: delação faz Dilma exagerar no teatro

19 min

Josias de Souza 22/09/2014 | 05:16

Compartilhe



Imprimir



Compartilhe



Sob a alegação de que precisa de "informações oficiais" para tomar providências, Dilma Rousseff exige receber uma cópia dos depoimentos do delator Paulo Roberto Costa. Requeceu os papéis à Polícia Federal. Nada feito. Reiterou o pedido ao procurador-geral da República Rodrigo Janot. Nem pensar. Anunciou que baterá à porta do gabinete do ministro Teori Zavascki, que cuida do caso no STF. Qualquer resposta diferente de um categórico indeferimento será absurda.

Como presidente da República, Dilma é parte do problema, não da solução. Como candidata à reeleição, ela é devedora de explicações, não credora de informações. Pode começar explicando à plateia por que fala em adotar agora, sob pressão, providências que não adotou antes por opção.

Bom, muito bom, ótimo! Agora só falta Dilma reconhecer que a corrupção é igual aos esportes coletivos. É como o futebol. Ou o vôlei. O sujeito pode ser super talentoso, mas não marca gol, não faz o ponto sozinho. Tem toda uma engrenagem por trás do lance: a agremiação, o preparador físico, o massagista, o técnico e, mais importante, o time em ação, armando toda a jogada que resultará no chute ou na cortada indifensáveis.

Na corrupção é igualzinho. O governo se autodefine como "de coalizão", reparte até as diretorias da Petrobras com os pseudoaliados, esquece as mais elementares noções de recato, confunde a atividade pública com a privada... Enfim, arma toda a jogada. O corrupto apenas pratica a corrupção.

Assim como Lula não teve culpa no mensalão que a bancada da Papuda organizou sob suas barbas, Dilma não tem nada a ver com o óleo derramado embaixo do seu nariz. Ela era ministra e presidia o Conselho de Administração da Petrobras quando o governo levou a estatal ao balcão. Mas não teve nada a ver com isso. Empossada no Planalto, manteve o hoje delator Paulo Roberto Costa no comando de bilhões de contratos por mais um ano e quatro meses. Mas não tem nada a ver com os 5% de propina, dos quais 2% pingaram na caixa registradora do PT.

Se perguntarem a Dilma quem são os responsáveis pelos roubos, ela dirá: os outros. Grande time esse: os outros. Tida como durona e centralizadora, a presidenta fala do grande flagelo da política nacional como se fosse 100% feito por outros. Os responsáveis por tudo são seres impalpáveis. Podem ser os despuddorados do PT, os desclassificados do PMDB, os desavergonhados do PT, até os espertalhões do PSDB talvez... Todos, menos a dona da caneta, menos a senhora do Diário Oficial. Fica bolando na atmosfera quente e seca de Brasília uma indagação intrigante: que foi feito dos espelhos do Palácio da Alvorada?

Imprimir



Compartilhe



Figura 13 – Dilma acusada de encenar no caso de delações.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesta postagem de setembro de 2014, momento em que a Operação Lava Jato ganhava cada vez mais visibilidade, Josias tenta o tempo todo colocar Dilma e o ex-presidente Lula como responsáveis pelo escândalo. Segundo o *site* Brasil de Fato⁸, essa operação investiga um esquema de propina e lavagem de dinheiro que envolve políticos, empresários, funcionários de estatais e operadores financeiros de todo o país.

8 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-cobertura-da-operacao-lava-jato/>. Acesso em: 15 out. 2018.

Josias abre o *post* com a seguinte chamada: “Petrobras: delação faz Dilma exagerar no teatro”, colocando a candidata como uma atriz, falsa e exorbitante. Mais à frente, de maneira hostil, escreve: “Como presidente da República Dilma é parte do problema não da solução, como candidata à reeleição, ela é devedora de explicações, não credora de informações”. Mais uma vez a responsabiliza e pede que dê explicações.

Ao longo do texto segue disparando críticas a Dilma, chamando-a de “gerentona inventada por Lula” e de forma gozada ainda diz que ela sempre “jactou-se” das maravilhas do setor petrolífero. Em outro excerto: “Se a estatal virou essa bomba que ameaça explodir no seu colo, Dilma só pode culpar o antecessor e a si mesma. Ou a quem colocou ou permitiu que ficasse no comando”. Outra vez transfere a culpa da operação para Dilma e Lula e, mais do que isso, critica os (e)leitores da candidata e demais pessoas que permitiram que ela permanecesse no poder.

É possível notar que falta fidedignidade ao jornalista com relação a seus opositores. É muito clara a ocultação de informação e dizeres de Dilma, pois ele não mostra o que ela de fato diz, sempre traz sua própria interpretação, tornando-se um aforizador.

CORPUS 2: Recorte analítico 12

Na noite desta sexta-feira, a TV Globo exibirá o último **debate** presidencial da sucessão de 2014 —Dilma '53%' Rousseff X Aécio '47' Neves. O telespectador que não quiser fazer papel de bobó precisa assistir antes ao debate levado ao ar pela mesma emissora em outubro de 2010. Nessa época, o lucano favorito para fazer de Dilma a próxima presidente da República era José Serra. As cenas estão disponíveis na internet. Nelas, soam cinco compromissos e declarações de Dilma:

Economia: "Sabe por que aumentou arrecação [tributária]? A gente, que cresce 2,5%, às vezes zero, esse ano estamos crescendo. A discussão é se é 7%, 7,5% ou 8%. Quando isso acontece, você arrecada mais sem aumentar impostos."

Corrupção: "Mafeto, você pode ter certeza que em qualquer lugar onde houver impunidade ou não houver investigação ele vai ocorrer. É importante investigar e punir do a quem doer e atinja a quem atingir."

Educação: "Não há como fazer qualidade da educação sem pagar bem o professor. [...] Por isso, farei da campanha para pagamento de salário dos professores uma das questões fundamentais ao meu governo. Pagar bem o professor é o grande desafio que nós temos nos próximos anos, para além de qualquer outra coisa. A educação não irá pra frente se não remunerar o professor."

Segurança: "O governo federal sempre disse: Não é comigo, segurança pública é com os Estados. Não acho isso. Eu tenho um compromisso: é tão grave o problema da segurança pública que a União é obrigada a fazer uma política em cooperação com os Estados e municípios. E isso significa, primeiro, melhorar as polícias civis e militares dos Estados. [...] Considero que também tem de dar condições para os Estados montarem centros de referência, tanto na área de investigação quanto na área da pericia criminal. [...] Proponho também a criação de polícias comunitárias, principalmente nos bairros populares."

Saúde: "De fato, temos um problema sério de qualidade da saúde no Brasil. Temos, sim, e se a gente não reconhecer que tem, a gente não melhora. Assumo o compromisso de melhorar a saúde. Primeiro, jogando o peso do governo federal na fiscalização da qualidade da prestação do serviço. Depois que a gente aumentar os valores das repassas para Estados e municípios, nós vamos ter que completar a estrutura do SUS. O SUS é incompleto."

Costuma-se dizer que o brasileiro não tem memória. Bobagem. O que o patricio não tem mesmo é curiosidade. Quem se preocupa em rever a maravilha que Dilma pretendia vir a ser em 2010 percebe que ela se tornou em 2014 uma personagem pior do que já foi. Quem vê no lucano Aécio Neves uma opção ainda mais precária pode manter o voto na oposição dele. Mas fará isso sem passar por bobó, consciente de que optou por uma ex-Dilma.

Não economia, aquele crescimento chinês superior a 7% com que Lula eletrificou sua "poste" virou estagnação. As manchetes sobre corrupção não conseguem mudar de assunto. Mudam, no máximo, de corrupto. Não há vestígio de campanha presidencial em defesa dos contracheques dos professores. A segurança continua sendo feita integralmente de insegurança. E o SUS ainda é o mais extraordinário ponto de partida para construir algo inteiramente novo em matéria de saúde pública. Casos não falta.

Sobre o autor

Josias de Souza é jornalista desde 1984. Nasceu na cidade de São Paulo, em 1961. Trabalhou por 25 anos na "Folha de São Paulo" (foi repórter, diretor da Sucursal de Brasília, Secretário de Redação e articulista). [Lêla mais](#)

Sobre o blog

A diferença entre a política e a politicagem, a distância entre o governo e o ato de governar, o contraste entre o que eles dizem e o que você precisa saber, o paradoxo entre a promessa de luz e o superaquecimento do Brasil. Tudo isso com a sua opinião na caixa de comentários.

Busca

1 HISTÓRICO POR DATA

Top 5 Mais Comentados

1. Dilma: Janot é procurador-geral mais desprezado que já passou pelo MPF

Figura 14 – Destaques do Blog.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Desde 2010, alguns canais da mídia tentavam construir uma imagem negativa de Dilma Rousseff para determinada parcela da população.

Mostravam a candidata à reeleição como uma ateaia favorável ao aborto, o que a colocava, por vezes, em situação desfavorável. Portanto, ao se referir à petista como uma “ex-Dilma”, Josias faz uma aforização secundária, já que não é totalmente sem nexos dizer isso, tendo em vista toda a imagem construída ao longo dos anos. As aforizações secundárias trabalham com um contexto-fonte e um contexto de recepção, por isso se encaixaria nessa situação.

Em um dos trechos, Josias diz: “o telespectador que não quiser fazer papel de bobó precisa assistir ao debate levado ao ar pela mesma emissora em outubro de 2010”. Ele coloca o (e)leitor de seu *blog* e também de Dilma como sendo um “bobó” – para não o ser, basta não votar em nela. Depois, retoma algumas promessas da candidata em 2010 e afirma que não foram cumpridas, colocando-a novamente como uma falsa, mentirosa.

Quando escreve: “Quem vê no tucano Aécio Neves uma opção ainda mais precária pode manter seu voto na oponente dele. Mas fará isso sem passar por bobó, consciente de que optou por uma ex-Dilma”, deixa claro novamente que o eleitor de Dilma é bobó e, por vezes, cego, já que não percebe o que ele considera como os “erros” da candidata.

CORPUS 2: Recorte analítico 13

Dilma diz que revista pratica 'terrorismo eleitoral'

Josias de Souza 24/10/2014 | 18:17

Compartilhe       Imprimir  Comunicar erro

Este formato de vídeo não é mais suportado [Erro UV-011]
Para visualizar o vídeo, clique aqui: <https://tv.uol/11yjb>

No último dia do horário eleitoral, Dilma Rousseff viu-se compelida a usar sua propaganda para tentar vacinar-se contra a notícia de capa da revista *Veja*. A candidata oficial tachou de "**terrorismo**" a acusação atribuída ao doleiro Alberto Youssef de que ela e Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras.

"Não posso me calar frente a esse ato de terrorismo eleitoral articulado pela revista 'Veja' e seus parceiros ocultos. Uma atitude que envergonha a imprensa e agride a nossa tradição democrática", vociferou Dilma. "Sem apresentar nenhuma prova concreta e mais uma vez baseando-se em supostas declarações de pessoas do submundo do crime a revista tenta envolver diretamente a mim e ao presidente Lula nos episódios da Petrobras, que estão sob investigação da Justiça" (assista acima).

Apinhada de depoimentos de apoio, inclusive do craque Neymar, a propaganda de Aécio Neves não tratou do tema (assista abaixo). Mas o candidato tucano convocou uma entrevista para dizer que considerou "extremamente graves" as revelações. Insinuou que a campanha de Dilma em 2010 foi azelizada por verbas sujas.

"Hoje a revista 'Veja' reproduz um trecho do depoimento do doleiro Alberto Youssef que diz que a presidente da República e o ex-presidente Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras", disse Aécio. "Se comprovado, é a prova de que houve caixa dois nessa campanha." Na noite desta sexta, Aécio e Dilma travarão na *Globo* o último debate da temporada. Pelo jeito, vai sair faísca.

Figura 15 – Dilma fala em terrorismo de Revista.

Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesta postagem de outubro de 2014, já na reta final do segundo turno das eleições, Josias de Souza retira a manchete de uma fala de Dilma, no entanto, ele não é fiel ao que foi dito. No título: “Dilma diz que revista pratica terrorismo eleitoral”, já o que ela falou foi: “Não posso me calar frente a esse ato de terrorismo eleitoral articulado pela revista ‘Veja’ e seus parceiros ocultos”.

Em tese, segundo a teoria das frases sem textos, Josias faz uma modulação na fala de Dilma e cria um dizer sobre o outro dizer. Sendo assim, faz uma sobreasseveração por destacamento fraco, tendo em vista que ainda há alguma relação entre o título da matéria e o corpo do texto. Ao afirmar que a candidata do PT disse que a revista pratica terrorismo eleitoral, o blogueiro exclui parte de sua fala, como “não posso me calar” ou “articulado pela revista ‘Veja’ e seus parceiros ocultos”. Quando tenta se defender de determinada situação, Dilma é constrangida, pelo menos neste *blog* e em alguns outros veículos de comunicação. Além disso, o editor-blogueiro opta por não colocar o nome da revista ‘Veja’ no título, levando a crer que há algum motivo para a preferência de desconsiderar tal informação.

Mais abaixo, Josias achou relevante destacar que a propaganda de Aécio Neves estava “cheia” de depoimentos de apoio, até mesmo do jogador brasileiro Neymar. “Apinhada de depoimentos de apoio, inclusive do craque Neymar”. Apesar de não ser especialista em política, o jogador é um jovem ídolo para muitos brasileiros e, apelando para essa autoridade, o autor cria em seus (e)leitores simpatia ou favorecimento para Aécio. Além do mais, destacou outro momento Aécio que o favorece, em que diz que a campanha de Dilma em 2010 foi paga com verbas sujas.

Para finalizar, no seguinte trecho: “‘Hoje a revista ‘Veja’ reproduz um trecho do depoimento do doleiro Alberto Youssef que diz que a presidente da República e o ex-presidente Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras’, disse Aécio. ‘Se comprovado, é a prova de que houve caixa dois nessa campanha’” ele reforça que, a seu ver, as acusações são verídicas e ainda repassa outra fala de Aécio que desfavorece o lado petista. Em um momento de reta final da eleição 2014, é claro que todos os destacamentos e “destextualizações” foram muito bem pensados para favorecer quem o blogueiro apoiava. Por isso, faz-se necessário compreender a teoria das frases sem textos e captar o que Dominique Maingueneau oferece para entender melhor os enunciados que a mídia constrói em tempos como esse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de iniciação científica se propôs a analisar como autores de *blogs* políticos destextualizam as falas de seus enunciadores em seus contextos e cotextos originais, submetendo-as ao regime enunciativo da aforização, uma forma enunciativo-discursiva específica de realizar esse gesto, de acordo com o teórico francês Dominique Maingueneau (2010, 2014).

Especificamente, foi analisado o papel que um determinado *blog* exerceu nas eleições presidenciais de 2010 e 2014. Dessa forma, o *corpus* do estudo foi o Blog do Josias de Souza, hospedado no *site* UOL, durante as eleições de 2010 e 2014, já que ele foi um dos mais acessados ao longo desses períodos.

O papel desempenhado por esse *site* foi muito importante nas eleições, principalmente devido a seus posicionamentos bastante marcados, os quais quase sempre desestabilizaram um lado em detrimento do outro. O jornalista fez isso através de jogos de linguagem, aforizações, sobreasseverações, destacamentos etc.

Josias de Souza estava sempre recorrendo à memória, ou ainda, às aforizações primárias e secundárias, para enfraquecer majoritariamente as candidaturas petistas. Tal fato foi ficando claro ao longo da pesquisa e das análises realizadas.

Como já foi dito anteriormente, a prática de recortar enunciados e colocá-los em circulação (de modo primário ou em variantes) elabora percursos e caminhos de leitura/interpretação a serem feitos pelos leitores – sobretudo os que são também eleitores. Esse ato pode influenciar, direta ou indiretamente, nos rumores públicos, como aconteceu nas eleições de 2010 e 2014.

Tanto 2010 quanto 2014 foram anos cheios de polêmicas políticas, nas quais o *blog* não se isentou em se engajar, e que eram bastante alimentadas em alguns canais de comunicação. As duas eleições percorreram caminhos parecidos, com discussões semelhantes e segundo turno influenciado pelas polêmicas, bem como resultados “iguais”, uma vez que apesar de tudo, Dilma Rousseff foi eleita em ambas.

Desde 2010, talvez até mesmo antes, o Blog do Josias e outros veículos de comunicação tentavam colocar Dilma como adepta ao ateísmo e favorável ao aborto, o que para a sociedade brasileira majoritariamente cristã é visto como algo ruim. Tentavam apontar uma suposta homossexualidade da candidata, enquanto mostravam outros candidatos,

ligados ao universo masculino, como superiores, intelectuais e muito mais preparados do que ela. Nas análises, observamos esses movimentos de estratégia política, principalmente ao antagonizar Dilma e candidatos tucanos, feitos a partir das destextualizações de suas falas, aforizações etc.

Dilma, mulher, ex-guerrilheira e que já havia sido ateia: exploravam muito esses dados e a colocavam como incapaz por ser mulher, como uma 'lulodependente', alguém que não tinha capacidade para governar o Brasil, buscando esvaziar sua campanha política.

Por meio deste estudo, foram apresentados e compreendidos dados políticos das eleições de 2010 e 2014 não vistos comumente. Mostrando que, com uma simples substituição ou exclusão de uma palavra e com o destacamento de frases colocadas a circular em contextos e cotextos diferentes, podem-se criar interferências interpretativas e influenciar os fatos sociais.

Consideram-se essas práticas da nova mídia como responsáveis pelo engendramento dos turnos eletivos, pois ao construir/reforçar polêmicas, os aforizadores (no caso em estudo, Josias de Souza) criam percursos interpretativos para os seus leitores e, na maior parte das vezes, atingem os seus objetivos. Além disso, percebeu-se que Internet mudou o cenário midiático, pois a ferramenta que até poucos anos atrás não era muito usada para esses fins, a partir de 2010, obteve um protagonismo maior nas campanhas políticas. Ou seja, deixou de ser um espaço e/ou plataforma de divulgação e debate político secundário e passou a ser privilegiado e sofisticado, porque incorpora todas multimodalidades do discurso político.

Ainda há muito a se pesquisar no campo da Análise de Discurso, principalmente na nova e cada vez mais popular plataforma de Internet, os *blogs*. Espera-se que, ainda que minimamente, esta pesquisa tenha contribuído científica e socialmente para os trabalhos vindouros.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da Comunicação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.
- PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

Leitura recomendada

- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PRIMO, A. Os blogs não são diários online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p.122-128, 2008.
- PRIMO, A. F. T.; SMANIOTTO, A. M. R. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. **E-Compós**, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.



Parte 2

SOCIEDADE

Capítulo 2

O Setor de Gênero e a luta das mulheres do MST à luz do conceito de igualdade substantiva de Mészáros¹

Frederico Daia Firmiano e Eduarda Camargo Sansão

1 Esta pesquisa foi fomentada pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica, financiada PAPQ/UEMG – Edital 03/2017.

INTRODUÇÃO

O patriarcado é um sistema estrutural de dominação social das mulheres, originário do rompimento de diversas relações pré-capitalistas que sedimentaram, ao longo de séculos, uma hierarquia de gênero. Tal subordinação feminina foi essencial para que se produzisse um “lugar social subalterno”. A partir do século XIX, com a emergência de novas formas de intercâmbio (re)produtivo mediada pelo capital, a posição subjugada das mulheres na sociedade constituiu-se como uma necessidade direta do sistema sociometabólico capitalista, como propõe Mészáros (2009).

A discussão sobre o significado histórico do machismo e sua compreensão como expressão do patriarcado é importante para o entendimento da condição das mulheres e sua posição societal, à luz dos processos de hierarquia de gênero e de classe. Assim, torna-se importante a análise das opressões estruturais que marcam a sociedade contemporânea, de um ponto de vista histórico-concreto.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é: desvelar algumas determinações da subordinação estrutural das mulheres nas sociedades mediada pela relação-capital. Para tanto, foi tomada como referência teórico-metodológica a categoria de “igualdade substantiva”, articulada por István Mészáros em sua teoria da crise estrutural do capital e da necessidade de uma ofensiva socialista, na qual faz uma crítica radical aos fundamentos do sistema sociometabólico constituído por variadas e complexas formas de subordinação/dominação/subsunção do trabalho e, ao mesmo tempo, projeta uma alternativa autêntica ao padrão alienado e alienante das relações entre homens e mulheres e deles com a natureza. A pesquisa foi feita a partir de uma realidade

concreta: a luta das mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Muitos movimentos de mulheres, particularmente de trabalhadoras, que vêm enfrentando, ao longo da história, a estrutura de dominação engendrada pela sociedade do capital, são reunidos sob o genérico conceito de “movimentos feministas”. Há também muitas teorias feministas que buscam encarar a questão. O trabalho visa enfrentar a problemática de um ponto de vista pouco comum: a luta de classes e, em seu interior, os sujeitos que articulam as dimensões estruturais da dominação de classe e de gênero.

Atualmente no Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se destaca na luta pela terra, pela reforma agrária e pelo socialismo. As mulheres participantes do movimento vêm empunhando bandeiras anticapitalistas e contra o patriarcado há mais de uma década. Buscamos nos debruçar sobre as formas de organização das mulheres sem-terra, a fim de refletir acerca das condições sob as quais o patriarcado se produz e reproduz nas sociedades burguesas, bem como das formas de enfrentamento que transcendem questões feministas, assumindo caráter de luta de classes.

Ademais, foram estudadas as relações de gênero e o modo como o enfrentamento do patriarcado pode ser constitutivo no desenvolvimento da luta de classes, investigando as contradições internas da organização das mulheres do MST, no decorrer do desenvolvimento do Setor de Gênero. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, e envolveu levantamento e análise bibliográfica e documental e entrevista semiestruturada. Foi dividida em três grandes frentes: a construção de um debate teórico sobre igualdade substantiva na perspectiva de

István Mészáros e de estudos feministas, tendo como referências Maria Orlanda Pinassi e Kelli Mafort; a análise histórica do Setor de Gênero do MST e das principais lutas desenvolvidas pelo movimento; e a análise dos Cadernos Políticos do Setor de Gênero do MST e entrevistas com militantes do setor.

DA OPRESSÃO DE GÊNERO E CLASSE À CONQUISTA DA IGUALDADE FORMAL

A história das mulheres é predominantemente narrada por homens. E, no caso do Brasil, há uma escassez de documentos que tenham a mulher como sujeito dos processos sociais. No início do século XX, as mulheres não possuíam diversos direitos, eram ignoradas nos ambientes públicos e apartadas do mercado de trabalho que, à época, ainda não demandava a força de trabalho feminina – tendência que iria se reverter, sobretudo, a partir dos anos 1970.

Não raro, a história das mulheres brasileiras é contada através de estereótipos de sacrifício, submissão sexual, silenciamento, promiscuidade e lascívia, inclusive, com um registro de classe que estabelece posições sociais para as mulheres da elite em perfeito contraste com as de classe subalterna (DEL PRIORE, 1992).

A hierarquia de gênero fortaleceu-se a partir da dominação dos corpos e da limitação do poder de decisão, através da valorização da imagem da mulher virgem e “pura”, que podia ser condenada à morte moral se incorresse em atos de infidelidade. Com tantas limitações, o cotidiano alienado das relações de produção capitalistas encarregou-se de caracterizar a feminilidade como algo frágil, dependente, emotivo e

sempre ligado ao ideal do belo; enquanto a masculinidade é associada à virilidade, coragem, inteligência e força.

A consolidação do capitalismo deu-se de forma simultânea à ascensão da família burguesa, para a qual esse estereótipo feminino, durante séculos, foi (e por vezes ainda é) bastante adequado. Com a condenação aos cuidados da família e à dedicação total ao esposo, surgiram novas questões quanto à relação de subordinação/submissão por ela experimentada. A modernização do Estado burguês influenciou diretamente as constituições familiares que produziram mudanças na estrutura social. Com novos ritos sociais, a mulher passou a ser avaliada não somente pelo marido ou pai, mas também pelos institutos morais da sociedade, por exemplo, a Igreja, que cobrava um padrão de comportamento (D'INCAO, 2004). Padrão que, hoje, no Brasil, poderia ser sintetizado pela fórmula “bela, recatada e do lar”².

O núcleo da questão parece residir, historicamente, na família burguesa, que se torna conectora da mulher com o ser mãe e esposa, fiel e dedicada. Porém, não para todas:

Considerada base moral da sociedade, a mulher da elite, a esposa e a mãe da família burguesa deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole (D'INCAO, 2004, p. 230).

2 A expressão em tela ganhou repercussão após uma matéria publicada pela revista *Veja*, sobre a então primeira-dama, intitulada “Marcela Temer: Bela, recatada e 'do lar'”, e que conferia a ela o estatuto de “mulher modelo” no Brasil. Ver: “Marcela Temer: bela, recatada e 'do lar'”. Portal Revista *Veja*. 18 abr. 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

Ao consolidar esse microcosmo social como mediação de segunda ordem, o papel da mulher na sociedade foi definido. Assim, a ordem burguesa fez nascer novos valores e padrões de comportamento, como a organização de uma família voltada para o respeito da ordem, das leis, dos costumes e das convenções.

Razões biológicas foram historicamente mobilizadas para a subjugação feminina (fragilidade, submissão no sentido sexual, predomínio da emoção), aspectos que também influenciaram diretamente a construção dos direitos das mulheres, principalmente, das trabalhadoras e de “classes baixas” (SOIHET, 2004). Assim, o Direito foi usado na nova ordem burguesa para disciplinar, de modo que as leis penais se tornaram formas de controle das mulheres que faziam parte dos segmentos populares. Se as ricas precisavam cumprir um padrão para que mantivessem seu *status* social, que envolvia a família; as pobres o seguiam para tentar evitar as diferentes violências providas do sistema do capital.

Com o objetivo de repressão, havia limitações até para a ocupação de locais públicos e privados pelas mulheres e era impróprio que saíssem sozinhas. Estavam condenadas ao lar, se ricas; e à ignorância e ao trabalho, se pobres.

A construção social da subordinação da mulher foi imposta através de diferentes formas de dominação e, principalmente, por meio da violência, desempenhada pelos homens e pelo Estado, e consentida por toda a sociedade. Cotidianamente as diversas expressões de violência contra as mulheres, sejam elas físicas, emocionais ou psicológicas foram sendo naturalizadas, como se a mulher precisasse ser castigada até aprender qual é o seu lugar na sociedade [...] As mulheres foram submetidas a se comportarem dentro de um determinado padrão,

que ditava o que deveriam sentir, pensar e ser (SETOR DE GÊNERO, MST, 2015a, p. 6).

Mas ao contrário do que se pensa, essa subordinação não se dá de modo homogêneo. As “mulheres pobres”, mais precisamente da classe trabalhadora, precisaram buscar diferentes formas de resistência ao sistema do capital para a conquistar seus direitos e para que pudessem ocupar os espaços públicos burgueses. A vida familiar, o casamento e os padrões da sociedade burguesa não cabiam às mulheres pobres. Apesar de restritas à maternidade e ao lar, a normalização desse papel submisso não era algo simples:

Ocorre que esse processo [repressão] não se desenrolou sem uma efetiva resistência dos membros das camadas populares, inclusive da parcela feminina, que disputava, palmo a palmo, o seu direito ao espaço urbano. [...] Apesar da existência de muitas semelhanças entre mulheres de classes sociais diferentes, aquelas das camadas populares possuíam característica próprias, padrões específicos, ligados às suas condições concretas de existência. Como era grande sua participação no “mundo do trabalho”, embora mantidas numa posição subalterna, as mulheres populares, em grande parte, não se adaptavam às características dadas como universais ao sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam e muito, em sua maioria não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, fugindo, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao sexo frágil (SOIHET, 2004, p. 366-367).

A organização das mulheres sob uma ótica feminista pressupôs, assim, o questionamento das hierarquias nas relações de gênero e seus desdobramentos políticos, econômicos, sociais e jurídicos. Ao longo da história das entidades feministas, muitas vezes foram tratadas pausas específicas às suas condições enquanto mulher, mas isso não foi

suficiente para a conscientização de seu lugar subjugado na sociedade de classes (SARDENBERG; COSTA, 1994).

Com a Revolução Francesa, as mulheres passaram a questionar o lema “liberdade, igualdade, fraternidade”, com a percepção de que esse discurso não era suficientemente abrangente. Ainda assim, a questão era entendida apenas como uma desigualdade, sem realizar uma análise que considerasse a mulher sob as condições impostas pelo capital. Essa conscientização não poderia ocorrer plenamente à época, em razão da ausência de substrato material à luta de classes, pois somente a partir de 1848 a classe trabalhadora ganhou clareza de seu caráter necessariamente antagônico com relação ao capital e à burguesia.

No entanto, a Revolução Francesa dá início ao primeiro movimento de percepção quanto à questão de gênero, visto que o estabelecimento do sistema capitalista desencadeava a noção do indivíduo e dos ideais liberais sobre a igualdade:

É que se tratava de um conceito limitado da noção de igualdade: apesar de clamada para todos, na prática vai se instaurar só entre as classes dominantes e – como bem estabelece, já no título, a “Declaração dos Direitos do Homem” – somente entre homens. Para as mulheres, permanecem os códigos patriarcais inscritos na “Ménagier de Paris”. Para as filhas e esposas dessa burguesia ascendente (o que dizer das outras mulheres?), igualdade e fraternidade só entre si. Liberdade, só entre os muros do espaço doméstico e, mesmo assim, vigiada. Direitos? Os de boa filha, boa esposa, boa mãe (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 86).

No contexto histórico do século XVIII, as organizações de mulheres passaram a existir e ganharam alguma expressão política. Todavia, suas

reivindicações se limitavam a uma igualdade de direitos, baseada na concepção liberal de que a concessão de direitos formais seria suficiente para que seus problemas sociais fossem resolvidos. A luta sufragista, por exemplo, foi um movimento que se mostrou capaz de organizar as mulheres, muito embora estivesse circunscrito à classe média com acesso ao ensino superior. Não existia uma preocupação por parte das sufragistas em compreender e analisar as contradições das mulheres que ocupavam o mercado de trabalho, como as operárias, ou acerca da dupla jornada e outras consequências da opressão estrutural do capital sobre as trabalhadoras (SARDENBERG; COSTA, 1994).

Mas com a consolidação da sociedade capitalista, a mulher é transformada em mercadoria, tanto como força de trabalho quanto como objeto sexual, situação que persiste mesmo com a concessão de alguns direitos na ordem estatal burgo-capitalista. A invisibilidade feminina dentro do mundo do trabalho não representa apenas a opressão de gênero, mas também a subjugação da classe através da naturalização do trabalho doméstico e disparidade salarial.

Quanto às limitações dos direitos formais, dizem Sardenberg e Costa (1994):

Ao alcançar a tão esperada igualdade jurídica (diga-se, principalmente direito ao voto) pela qual tanto haviam lutado e por não terem uma perspectiva de transformação estrutural na sociedade e, mais especificamente, do papel da mulher, ou seja, por não terem consciência do mínimo que esta “igualdade” realmente significava, regressam aos seus lares para desenvolver a “sagrada função” que a sociedade sempre esperou delas (SARDENBERG; COSTA, 1994, p. 89).

Em contrapartida, as correntes de feminismo socialista que ganharam maior visibilidade na Alemanha – com a atuação, por exemplo, de Rosa Luxemburgo – tentavam realizar a articulação das questões das mulheres dentro das organizações que lutavam contra a ordem do capital, por compreenderem que a luta por uma sociedade sem classe deveria também conduzir a uma luta pela superação de outras desigualdades, como as produzidas a partir das relações hierárquicas de gênero, raça e etnia (SARDENBERG; COSTA, 1994). O momento da emergência dessas correntes, no entanto, coincidiu com a fase de ascendência histórica do capital, de modo que quase um século depois as determinações objetivas transitaram para aquilo que Luxemburgo chamou de barbárie e alteraram o quadro de referências do movimento socialista e feminista de modo drástico, colocando a questão feminina no centro das contradições mais explosivas do sistema sociometabólico capitalista. É nesse quadro que emerge uma renovada teoria capaz de abarcar a questão das mulheres no interior da necessidade premente de uma ofensiva socialista.

A CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL OU A EXIGÊNCIA HISTÓRICA DA OFENSIVA SOCIALISTA

Antes de abordarmos a questão da igualdade substantiva, é necessário compreender como Mészáros (2009) concebe a estrutura e funcionamento do sistema do capital a partir de Marx, pois, sem essa referência, é praticamente impossível abordar a questão.

Para o filósofo húngaro, todo sistema de reprodução sociometabólico tem seus limites intrínsecos ou absolutos que não podem ser transcendidos dentro dos próprios marcos de referência. Assim, depois de

estender seu domínio “[...] aos bolsões mais distantes e anteriormente isolados do planeta [...]”, o capital “[...] ativou os limites absolutos deste sistema de controle sociometabólico”, chegando ao fim de seu longo processo de ascensão histórica. A coincidência desse fato com a derrocada do socialismo no leste da Europa indica a influência das ações do capitalismo. É importante destacar que, ao alcançar seu pleno desenvolvimento, o sistema sociometabólico do capital esgotou o recurso de exportação de suas contradições internas e, constrangido pela redução drástica de sua margem de viabilidade produtiva, enceu-tou uma crise que afeta a totalidade do complexo social, ou seja, que tem um alcance global e caráter universal, contínuo, permanente e “rastejante” (MÉSZÁROS, 2009, p. 796).

Historicamente, o capital é a mais poderosa estrutura totalizadora de controle societal, inexoravelmente absorvente, irrecusável e irresistível. Não importa quanta repressão exista na imposição de sua função tota-lizadora, eventualmente, é encontrada resistência. Seu extraordinário dinamismo, determinado pela sua orientação para a expansão movida pela acumulação, é o que lhe torna incontrolável, pois tal dinâmica é também sua deficiência (MÉSZÁROS, 2009, p. 98-99).

Diferente de outros sistemas históricos de metabolismo social, as uni-dades econômicas do capital não necessitam e nem são capazes de autossuficiência. Por essa razão, o capital se tornou um sistema global e passou a ser o mais dinâmico e competente extrator de mais-valia, ultrapassando todos os obstáculos e limites relativos. Mas, se por um lado isso implicou uma excepcional melhoria da produtividade, por outro teve como condição a perda do controle do sistema reprodutivo, graças à tríplice ruptura de suas unidades internas, quais sejam:

- a. Produção e controle, que estão radicalmente isolados entre si e diametralmente opostos;
- b. Produção e consumo, que adquirem independência e existências separadas extremamente problemáticas;
- c. Produção e circulação, cujos microcosmos combinam-se em uma espécie de conjunto administrável, de modo que o capital social total seja capaz de penetrar no domínio da circulação global, em busca de superar a contradição entre produção e circulação (MÉSZÁROS, 2009, p. 105).

A ausência de unidade interna no sistema sociometabólico do capital constitui, assim, um de seus “defeitos estruturais”, não só insubstituível, mas também vital para o capitalismo. Por consequência, os antagonismos que daí emanam são necessariamente reproduzidos em todas as circunstâncias históricas da ordem vigente, independentemente da correlação de forças existente entre capital e trabalho.

Se durante um longo período os “defeitos estruturais” do capital induziram “positivamente” a expansão dinâmica desse sistema sociometabólico, nas condições atuais de desenvolvimento suas estruturas vitais ativaram os seus “limites absolutos”, redundando em contradições explosivas. Esses limites absolutos “[...] correspondem de fato à ‘maturação’ ou plena afirmação do valor sob condições marcadas pelo encerramento da fase progressista da ascendência histórica do capital” ou, dito de modo inverso, “[...] a fase progressista da ascendência histórica do capital chega ao encerramento precisamente porque o sistema global do capital atinge os limites absolutos além dos quais

a lei do valor não pode ser acomodada aos seus limites estruturais” (MÉSZÁROS, 2009, p. 226).

O significado disso é a explosão de um conjunto grave de contradições sociais, generalizadas por todo o sistema de metabolismo social do capital, entre os quais István Mészáros (2009) destaca (a) a contradição entre o caráter transnacional do capital e o nacional do Estado; (b) a eliminação das condições elementares da reprodução social; (c) o desemprego estrutural; (d) a “liberação” das mulheres. Isoladamente, cada uma dessas contradições implica uma dimensão da vida social, porém juntas intensificam a “força desintegradora” do sistema, de modo a sobrepor o “momento destrutivo” da expansão capitalista ao “momento civilizador”. Em outros termos, isso significa um profundo, complexo e extenso processo de “barbarização” da vida social.

Mészáros (2009) alerta para o fato de que o esforço cada vez maior do capital em transcender seus limites não pode ser detido de repente, a partir de uma suposta (auto) racionalidade que determinaria quando o sistema atinge seu limiar final. Um dos aspectos mais problemáticos é sua incapacidade de tratar as causas como causas, independentemente da gravidade de suas implicações. A limitação é tomada sempre como relativa e com isso abre-se a possibilidade de superação, expandindo progressivamente a margem e a eficiência produtiva e mitigando temporariamente os efeitos deletérios da estrutura fundamental do capital. O reconhecimento dos limites absolutos colocaria em questão a própria essência capitalista, sendo assim, os problemas devem ser tratados como “disfunções temporárias”. Essa é, portanto, sua fundamentação: uma *causa sui* na qual a relativização (irresponsável) das restrições absolutas é corolário das condições relativas historicamente limitadas que são permanentemente absolutizadas e exigidas

pelo processo de reprodução do capital. A título de exemplo, vê-se o modo de exploração dos recursos ecológicos e naturais não-renováveis (MÉSZÁROS, 2009, p. 176).

Uma das implicações dessa função vital do capital é a restauração permanente das estruturas reprodutivas, o que faz com que ele tenha um modo de funcionamento reativo e retroativo. Mézszáros (2009, p. 177) denomina esse mecanismo “paralisante temporalidade restaurado do capital”, que permite, por exemplo, operações de salvamento de setores insolventes da indústria – justamente porque sua estrutura de comando político (o Estado) permanece inalterada – ou concessão de direitos às mulheres, sem perder o controle sobre sua subordinação na sociedade de classes. A mudança social só é admissível se absorvida/assimilada à rede de determinações estruturais vigentes, com isso, as verdadeiras mudanças societais qualitativas são inaceitáveis.

Graças à sua capacidade de impor “mediações de segunda ordem”, o capital constitui um círculo vicioso do qual aparentemente não há escapatória. Essas mediações se interpõem destrutivamente às de primeira ordem entre os seres humanos e a natureza, e, em virtude de sua preponderância, seus apologetas convertem-nas em condição eterna de realização da produção e reprodução da existência humana – por exemplo, a família nuclear, os meios alienados da produção, o dinheiro, o trabalho alienado, o mercado, as variedades de formação do Estado (estrutura de comando), entre outras.

Um importantíssimo desdobramento emerge da teoria de Mézszáros (2009) sobre a crise estrutural em direção à necessidade histórica da ofensiva socialista:

[...] através das interconexões estruturais das partes que o constituem, o sistema do capital consegue se impor sobre os esforços emancipadores parciais que visam alvos específicos limitados. Com isso, os adversários da ordem estabelecida de reprodução sociometabólica, incorrigivelmente discriminatória, têm de enfrentar e superar não apenas a força positiva auto-sustentada de extração do trabalho excedente pelo capital, mas também a força devastadora negativa (a inércia aparentemente ameaçadora) de suas ligações circulares. É por essa razão que a verdadeira meta da transformação socialista radical deve ser o próprio sistema do capital com todas as suas mediações de segunda ordem (MÉSZÁROS, 2009, p. 181).

As tendências e contradições do capital se generalizaram pelo conjunto do sistema, encontraram seus limites absolutos e, vis-à-vis, ergueram-se como um poderoso círculo vicioso das mediações de segunda ordem, de maneira a impor a qualquer alternativa socialista substantiva uma formulação, necessariamente, global. Disso decorre a necessidade de uma “teoria da transição” que estabeleça uma “direção global a ser seguida” ao mesmo tempo em que reconheça plenamente as circunstâncias limitadoras e a imediatividade de “atalhos ideais”. É a partir dessa perspectiva que a elaboração da igualdade das mulheres ganha sentido, como parte de uma alternativa socialista radical global. Nesse contexto, ganha relevo a categoria de igualdade substantiva.

A IGUALDADE SUBSTANTIVA E A LUTA DAS MULHERES

Mészáros (2009) questiona o significado dos direitos conquistados pelas mulheres dentro da ordem burguesa e afirma contundentemente que o movimento feminista não deve se bastar com concessões de

caráter legal e com a construção de uma igualdade meramente formal. O direito ao voto, por exemplo, não deve funcionar como um elemento apaziguador das lutas das mulheres, as quais devem traçar direcionamentos para uma emancipação significativa. Se é verdade que a emancipação política operou importante salto qualitativo, é igualmente verdadeiro que os artifícios legais não têm mais efeito no plano da construção de uma efetiva igualdade.

O autor também observa que os ganhos obtidos pelas mulheres estiveram, historicamente, limitados às possibilidades abertas pela fase de ascensão do capital. Mesmo que a Revolução Francesa tenha trazido o lema burguês “liberdade, igualdade e fraternidade”, os parâmetros da emancipação das mulheres esbarravam no próprio Estado, com as limitações de uma igualdade formal. Ou seja, os direitos, por sua natureza, limitam o desenvolvimento humano pleno e autêntico e têm contribuição questionável para a construção da igualdade substantiva.

É assim que, mesmo num quadro de grande ampliação dos direitos sociais, particularmente das mulheres, as opressões contra elas são fortalecidas justamente por alcançarem microcosmos do sistema socio-metabólico – como a família, em que acontece uma forte reprodução das relações de poder impostas pelo capital. Não se pode esquecer que essa estrutura é extremamente hierárquica, a começar pelas relações antagônicas estabelecidas entre capital e trabalho.

István Mészáros coloca:

Verdade seja dita: ainda que mantidos dentro dos limites bem demarcados das concessões puramente formais/legais, nos séculos XIX e XX fizeram-se avanços na questão da emancipação das mulheres em

relação à época de Kant, como a celebrada vitória das sufragistas ou a eliminação da parte da legislação discriminatória contra as mulheres. **Entretanto, essas mudanças não afetaram significativamente as relações de poder material da desigualdade estrutural, assim como a eleição de governos socialdemocratas e trabalhistas de nada emancipou o trabalho do domínio do capital** (MÉSZÁROS, 2009, p. 277. Grifos nossos).

É nesse contexto em que se encontra uma das contradições da ordem social vigente: ao mesmo tempo que a mulher possui uma igualdade limitada no sistema do capital, também mantém uma posição de subordinação. “Para resolvê-la realmente e não apenas em termos legais e políticos fictícios, seria preciso um controle e uma organização radicalmente diferentes do processo sociometabólico” (MÉSZÁROS, 2009, p. 278). E o autor prossegue:

A condição prévia essencial da verdadeira igualdade é enfrentar com uma crítica radical a questão do modo inevitável de funcionamento do sistema estabelecido e sua correspondente estrutura de comando, que a priori exclui quaisquer expectativas de uma verdadeira igualdade (MÉSZÁROS, 2009, p. 289).

A LUTA DAS MULHERES DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

As formas de degradação/precarização da classe trabalhadora têm aumentado nos últimos anos devido à crise civilizacional do capital (MÉSZÁROS, 2009). Por isso, movimentos sociais de massa, que conquistaram novos espaços na América Latina, passaram a confrontar as políticas neoliberais e as medidas de reestruturação produtiva. Destaca-se

o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) – considerado por Maria Orlanda Pinassi como “uma base fundamental para compreendermos a práxis destas expressivas organizações alternativas constituídas no mundo do trabalho latinoamericano” (PINASSI, 2010a, p. 131) –, dentro do qual se desenvolve uma importante experiência de organização e luta das mulheres.

Para a autora, a organização interna das mulheres do MST parte de uma premissa segundo a qual a particularidade das questões de gênero só ganha sentido na medida em que desafia a universalidade da autoridade do capital (PINASSI, 2010a). Isso é corroborado pelo próprio movimento, conforme indica um dos Cadernos de Formação do Setor de Gênero:

A luta revolucionária e mesmo as experiências socialistas desenvolvidas, muitas vezes trataram a questão das mulheres como um tema secundário, como se tudo fosse resolvido através da centralidade de classe. A história mostrou que isso foi um grande equívoco, pois a classe é constituída por diferenças de gênero, de raça, étnicas, culturais e geracionais, que precisam ser consideradas de forma radical para se pensar o lugar da luta, como as mulheres participam e como se vinculam a um projeto de transformação social comum (SETOR DE GÊNERO – MST, 2015b, p. 10-11).

No entanto, essa afirmação das mulheres do MST não é um consenso interno e vem ocorrendo sob a tensão do machismo e dos valores do patriarcalismo, aos quais o movimento não está imune: “embora a supressão da opressão das mulheres seja vital à construção de uma alternativa societária, essa afirmação está muito aquém de constituir unanimidade no interior do MST” (PINASSI, 2010a, p. 132).

A condição de militância das mulheres foi diferenciada da condição dos homens em razão do privilégio estrutural e histórico forjado pela sociedade capitalista e patriarcal. A partir dessa percepção, elas compreenderam que era necessário construir um espaço onde as relações de dominação de gênero pudessem ser debatidas pelo conjunto do movimento. Isso se deu a partir da compreensão de que existem particularidades no interior de uma organização de luta pela terra, pois seus sujeitos se constituem pelas contradições do capital no campo e também pelas questões étnicas e de gênero (NOVAIS, 2017)³. Assim surge o Setor de Gênero do MST:

O setor de gênero surge nos anos 2000, a partir da compreensão das mulheres sem terra de que elas viviam uma condição de militância diferente da condição de militância dos homens, ou seja, elas estavam fora dos espaços de lideranças, elas estavam com dificuldade de participar de cursos de formação (NOVAIS, 2017).

O setor de gênero do MST surge no ano de 2000. O ano de fundação do Movimento Sem Terra é 1984, mas por que demora tanto tempo para ter o setor de gênero? Porque esse processo de construção foi desde a base daqueles sujeitos sociais que estavam no início do movimento nas ocupações da terra. E tem a ver com a questão da presença das mulheres que estavam, em sua grande maioria, nos acampamentos, tinham uma participação, mas não tinham um poder de decisão. Então, as mulheres estavam nas lutas, nas ocupações, mas nas instâncias diretivas do poder, nas decisões deliberativas, isso era de muita responsabilidade dos homens. Como é que isso começou a mudar? As próprias mulheres começaram a se organizar, elas participavam das reuniões com as crianças, então toda essa questão do cuidado era como se fosse algo naturalizado, essa coisa de mulher. E essa questão da participação das mulheres, das crianças, as próprias mulheres foram se organizando para buscar

3 Entrevista realizada com Adriana Novais, do Setor de Gênero do MST, em 1º de dezembro de 2017, por e-mail.

espaço, não só de participação, mas também de decisão dentro do movimento. Sobre isso, contou muito a influência do protagonismo das mulheres em outras organizações. A gente sabe que o feminismo no Brasil tem um ponto alto na década de 70 [1970] com toda a efervescência dos processos revolucionários da América Latina e o protagonismo que as mulheres tinham nesses processos. Então, isso, de alguma maneira, influenciou também o Movimento Sem Terra na década de 80 [1980], as outras organizações, não só do campo, mas organizações que estavam sendo criadas naquele contexto, como a Central Única dos Trabalhadores, o Partido dos Trabalhadores, enfim. Uma outra influência importante foi a questão da discussão da participação das mulheres no espaço sindical, a luta por direitos das mulheres, a questão do salário maternidade, o reconhecimento da trabalhadora rural com trabalho de fato, e não considerando uma questão de trabalhadora do lar. Todas essas questões de base foram fundamentais para poder gerar conflitos nos quais as mulheres foram tomando consciência da importância da sua auto-organização e de como organizar essa participação com a tomada de decisão dentro do movimento (MAFORT, 2017)⁴.

As mulheres do MST organizaram um coletivo de lutas contra o capital articuladas, concretamente, com as questões de gênero a partir do dia 8 de março de 2006. Em uma ação da Via Campesina, da qual o MST faz parte, elas ganharam notoriedade ao se posicionarem contra a Aracruz Celulose, uma empresa transnacional poderosa. Ocuparam por algumas horas o Jardim Vegetal da transnacional, localizada no Rio Grande do Sul, em defesa da vida e pelo fim da degradação social da natureza (PINASSI, 2010a). Desde então, 8 de março foi instituído no MST como uma data de luta que, necessariamente, vincula o enfrentamento do capital às questões particulares de gênero.

4 Entrevista realizada com Kelli Mafort, do Setor de Gênero do MST, em 1º de dezembro de 2017, por e-mail.

O dia tem uma importância fundamental para a luta das mulheres sem-terra, pois elas, ao lado de outras mulheres da luta pelo campo através da Via Campesina, têm realizado ações contra a ordem do capital. Suas lutas e mobilizações, com organização e realização exclusivamente feminina, pautam as contradições das atividades econômicas do capital transnacional no campo. Além disso, pontuam questões relacionadas às condições elementares da reprodução social, por exemplo, a utilização de sementes transgênicas, o uso de agrotóxicos e a forma como as mulheres, por sua condição de gênero, experimentam essas contradições (NOVAIS, 2017).

O 8 de Março é uma luta muito importante. Ele existe quase desde o início do movimento, mesmo antes do Setor de Gênero. As mulheres já participavam ativamente do movimento. Mas a partir de 2006, ele ganha um sentido mais amplo, que é a luta do enfrentamento ao capital com a ação contrária à Aracruz Celulose, no Rio Grande do Sul, mas era uma ação nacional. De lá para cá, muitos temas são pautados como agronegócio, mineração, a questão dos agrotóxicos, transgênicos, a previdência – focando na sonegação de impostos por parte das grandes empresas. Esses são os temas que são trabalhados, sempre com essa temática das transnacionais (MAFORT, 2017).

No caso da Aracruz Celulose, a luta foi contra as consequências socioambientais de ações da empresa, por exemplo, a monocultura, que era determinante para tornar improdutivas terras que poderiam passar para a reforma agrária e para a produção de alimentos orgânicos. A partir desse episódio, o 8 de março adquiriu um novo significado, demonstrando a capacidade organizativa das mulheres e a importância de um movimento feminista no interior das lutas transgressoras da ordem do capital.

Em 2008, realizou-se uma ação importante: a ocupação da Fazenda Tarumã, que é produto da compra ilegal de terras brasileiras por uma transnacional de origem sueca e finlandesa, Stora Enso, que atua no Brasil por meio da empresa agrícola Azenglever (PINASSI, 2010b). Naquela situação, exigiu-se o cancelamento das compras dessa e de outras terras e a expropriação para a reforma agrária das áreas adquiridas ilegalmente pelo capital transnacional. Pinassi (2010b) aponta que, se os 45 mil hectares pertencentes a essa empresa fossem expropriados, poderiam ser gerados aproximadamente 6.750 empregos diretos e seriam afetadas positivamente cerca de 2.250 famílias, mas isso não aconteceu.

As mulheres do MST, organizadas a partir da Via Campesina com outras militantes, produzem processos de combate importantes, que desafiam a ordem do capital e conectam a questão feminina diretamente à luta de classes. Elas realizam uma conscientização a respeito de sua condição na sociedade de classes enquanto sujeito de ação e transformação na realidade em que estão imersas.

Maria Orlanda Pinassi escreve que:

Acima de tudo, elas parecem incansáveis em uma luta que continua a surpreender por sua práxis ousada, slogans radicais e consciência aguda do papel histórico que eles desempenham pela emancipação em seu sentido mais amplo. Porque esse papel, além de ter um forte impacto externo no movimento, tem causado uma transformação lenta, difícil, mas imperativa na sociabilidade interna, absolutamente necessária para a constituição revolucionária dos movimentos a que pertencem (PINASSI, 2010a, p. 135).

Na organização do Setor de Gênero do MST, destacam-se as linhas políticas que tratam especificamente de pautas feministas:

LINHAS POLITICAS DO SETOR DE GÊNERO DO MST

1. Garantir que o cadastro e o documento de concessão de uso da terra seja em nome do homem e da mulher.
2. Assegurar que os recursos e projetos da organização sejam discutidos por toda a família (homem, mulher e filhos que trabalham), e que os documentos sejam assinados e a execução e controle também sejam realizados pelo conjunto da família.
3. Incentivar a efetiva participação das mulheres no planejamento das linhas de produção, na execução do trabalho produtivo, na administração das atividades e no controle dos resultados.
4. Em todas as atividades de formação e capacitação, de todos os setores do MST, assegurar que haja 50% de participação de homens e 50% de mulheres.
5. Garantir que em todos os núcleos de acampamentos e assentamentos tenha um coordenador e uma coordenadora que, de fato, coordene as discussões, estudos e encaminhamentos do núcleo, e que participe de todas as atividades como representante da instância.
6. Garantir que em todas as atividades do MST, de todos os setores e instâncias, tenha ciranda infantil para possibilitar a efetiva participação da família (homem e mulher).

7. Assegurar a realização de atividades de formação sobre o tema gênero e classe em todos os setores e instâncias do MST, desde o núcleo de base até a direção nacional.
8. Garantir a participação das mulheres na Frente de Massa e SCA (Sistema Cooperativista dos Assentados e Assentadas) para incentivar as mulheres a ir para o acampamento, participar das atividades no processo de luta, e ser ativa nos assentamentos.
9. Realizar a discussão de cooperação de forma ampla, procurando estimular mecanismos que liberam a família dos penosos trabalhos domésticos cotidianos, como refeitórios, lavanderias etc. comunitários.
10. Garantir que as mulheres sejam sócias de cooperativas e associações com igualdade na remuneração das horas trabalhadas, na administração, planejamento e na discussão política e econômica.
11. Combater todas as formas de violência, particularmente contra as mulheres e crianças que são as maiores vítimas de violência no capitalismo (SETOR DE GÊNERO, MST apud MAFORT, 2013, p. 134).

Segundo a militante do Setor de Gênero do MST, Adriana Novais:

As linhas políticas do setor de gênero significam uma conquista para o conjunto do movimento. Elas foram construídas ao longo dos anos. São onze linhas políticas que temos o desafio de implementar em nossas áreas [acampamentos e assentamentos]. Entre as conquistas

dessas linhas políticas, está, por exemplo, o documento de concessão do uso da terra em nome das mulheres, em vez de estar só no nome do homem, porque acontecia que com esse documento no nome do homem, em casos de divórcio, surgia um conjunto de mulheres que se tornavam sem-terra. Tornavam-se sem-terra novamente no sentido estrito da conquista (NOVAIS, 2017).

Outra conquista importante é a ciranda infantil, um espaço educativo para as crianças cujo objetivo é liberar a família para o cumprimento das tarefas da luta do movimento. Esse espaço se relaciona com a liberação das mulheres para as atividades da militância, visto que, historicamente, o cuidado dos filhos foi reservado a elas, segundo os moldes da sociedade patriarcal. Além disso, é um local para formação da identidade da criança sem-terra (NOVAIS, 2017). Produziram-se, inclusive, modificações no plano da organização da família – esse microcosmo social que opera na sociedade do capital como uma mediação de segunda ordem (MÉSZÁROS, 2009).

No momento da elaboração deste trabalho, as linhas políticas do setor de gênero estavam sendo reformuladas por meio de debates e reuniões nas mais diversas instâncias do MST. Dessa forma, buscavam avançar nas discussões acerca da concepção de família, da questão do aborto e da diversidade sexual (NOVAIS, 2017). Tudo isso sem deixar de dialogar diretamente com os objetivos fundamentais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que são: luta pela terra, reforma agrária e construção do socialismo. Essas linhas políticas vêm, portanto, para colaborar com a construção de uma nova sociedade (NOVAIS, 2017).

A luta das mulheres do MST evidencia as contradições sociais decorrentes do esgotamento da fase civilizatória do capitalismo. Diante de uma crise irreversível que amplia cada vez mais a perda de direitos pelas

parcelas socialmente oprimidas e aumenta a degradação das condições de vida e de trabalho, as mulheres do MST se mostram como exemplos de combatividade e de compreensão de seu papel histórico enquanto mulheres e trabalhadoras (PINASSI, 2010a). Assim, a organização delas dentro de um movimento que luta pela terra emerge como uma importante experiência histórica de enfrentamento concreto ao patriarcado e ao capital, simultaneamente.

Todavia, ainda que a superação da opressão contra a mulher tenha caráter determinante na luta anticapitalista e na construção de uma alternativa à sociedade atual, existem divergências importantes dentro do movimento. As ações pela conquista de terra e formação de assentamentos aparentam ter limitações, pois, apesar de poderem contribuir para o processo de emancipação do trabalhador, há possibilidade de surgir uma brecha para reprodução de hierarquias patriarcais, anteriormente combatidas na fase da luta pela terra (PINASSI, 2010b).

Maria Orlanda Pinassi (2010b) afirma que os assentamentos – as áreas já conquistadas pelo movimento social – podem trazer certa regressão nas relações de gênero, fazendo com que as mulheres ocupem lugares que já haviam sido suplantados no plano da idealidade ou das lutas do 8 de março. Mas a recusa de muitas mulheres em aceitar a submissão contínua acaba por negar os retrocessos impostos pela sociedade do capital. Nesse sentido, são elas que cobram uma autocrítica do movimento; não brigando com os homens, mas sim lutando contra a reprodução do machismo e contra as deformações patriarcais constituídas socialmente (PINASSI, 2010a; 2010b).

O Setor de Gênero do MST, estruturado em nível nacional, esforça-se por construir espaços de formação política. Conta, inclusive, com

materiais didáticos, como seus Cadernos de Formação, que servem como eixos políticos orientadores do movimento e são baseados em um conjunto de debates sistematizado a partir de construções com mulheres de todo o Brasil. Eles se dividem de forma temática, sendo alguns: “Feminismo camponês e popular – com identidade e revolucionário”; “Avanço do capital no campo e as mulheres”; “Soberania alimentar e reforma agrária popular” e “Violência contra as mulheres e desafios à participação igualitária de gênero”.

Esses cadernos representam um acúmulo organizativo e político que está se construindo pelas mulheres na luta contra o patriarcado e o capitalismo.

A luta das mulheres é uma luta por emancipação humana no sentido de que o feminismo que a gente se vincula, que é esse feminismo de gênero e classe, nós acreditamos que só é possível uma transformação radical da vida das mulheres com processo de transformação radical nas estruturas da sociedade. Haja vista que o patriarcado é um dos pilares de estruturação das sociedades de classe, e que todos aqueles que lutam contra o capitalismo deveriam lutar prioritariamente contra o patriarcado, o racismo, que são pilares estruturantes das sociedades de classes, no entanto nós vemos que não é possível esperar as grandes transformações para poder mudar a vida das mulheres. É preciso que nós tensionemos por essa nova sociedade de emancipação humana já dentro dessa sociedade do capital, e com isso, vá lutando pelo fim do racismo, pelo fim da LGBTfobia, pelo fim do machismo (MAFORT, 2017).

A luta concreta contra a dupla dominação que as mulheres sofrem – de classe e de gênero – é determinante para a produção de uma nova sociabilidade. E a busca por novos entendimentos nesse debate é um aspecto bastante relevante na construção de um projeto de classe

que amplie seus horizontes quanto à diversidade sexual, à questão de gênero, entre outras (SETOR DE GÊNERO, MST, 2015d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais experiências das mulheres do MST se dão na organização feminista dentro do movimento, fortalecendo a “luta, a organização social e política, a solidariedade de classe, o internacionalismo e a construção de alianças na perspectiva da construção de outro projeto de sociedade e de campo” (SETOR DE GÊNERO, MST, 2015c, p. 13).

No entanto, ainda existem muitas contradições na construção da luta anticapitalista e contra o patriarcado, que acontecem também no interior de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). De acordo com as resoluções dos Cadernos de Formação produzidas pelo Setor de Gênero do MST, as mulheres veem como necessário o aprofundamento de um debate que articule socialismo e feminismo, sobretudo, no quadro de elaboração de um projeto político popular. Elas também buscam a confirmação da importância do protagonismo das mulheres na construção desse projeto e avanços na conquista da paridade de gênero em diferentes instâncias do MST.

Quanto a projeções e perspectivas, o setor traça um panorama de fortalecimento das linhas políticas do Setor de Gênero, fazer com que elas se tornem cada vez mais uma realidade concreta dentro dos acampamentos e dos assentamentos. A pauta da diversidade sexual vem ganhando espaço a partir de espaços de debate coletivos e seminários. Seguir fortalecendo o 08 de março e as pautas fundamentais do Movimento. O debate sobre a questão do aborto se faz presente no horizonte do setor de gênero, assim como as questões étnicas e

de raça. A previsão é do estender do debate de gênero para o total do conjunto do movimento, para que a discussão não fique limitada aos coletivos de mulheres. Nos cursos a partir da Escola Nacional do MST é feita uma ação chamada de “Noites antipatriarcais” voltada para as mulheres e onde os homens se reúnem para discutir seus privilégios, iniciado a partir de 2017. A perspectiva é de que a questão das mulheres seja tomada pelo conjunto do movimento, e não somente pelas mulheres⁵.

Fica explícito no breve percurso aqui realizado acerca do Setor de Gênero do MST, à luz do conceito de igualdade substantiva de István Mészáros (2009), que não é possível construir uma nova sociabilidade se as mulheres permanecerem subjugadas ou mesmo sob a igualdade formal oferecida pela sociedade de classes. Por isso, a luta feminista é determinante no processo da emancipação humana, mas somente se articulada de modo profundo e concreto com a luta pela superação do capital.

O movimento feminino do MST não só confirma o radicalismo da prática da ocupação que caracterizou a luta histórica do movimento da reforma agrária, mas também parece constituir uma singularidade ainda mais estimulante. É, então, um movimento muito articulado de mulheres trabalhadoras, acampadas e assentadas, cuja perspectiva de classe melhora o poder de crítica e autocrítica, desafiar os avanços absolutamente destrutivos do capital e enfrentar com imensa coragem os imensos desafios internos e externos para o movimento. Além disso, essas mulheres estão reabrindo a história e redescobrimo o verdadeiro espírito da revolução de que Marx falou, dando um salto ontológico na direção da emancipação, não só das mulheres, mas de toda a humanidade (PINASSI, 2010a, p. 138).

5 Entrevista realizada com Kelli Mafort, do Setor de Gênero do MST, em 1º de dezembro de 2017, por e-mail.

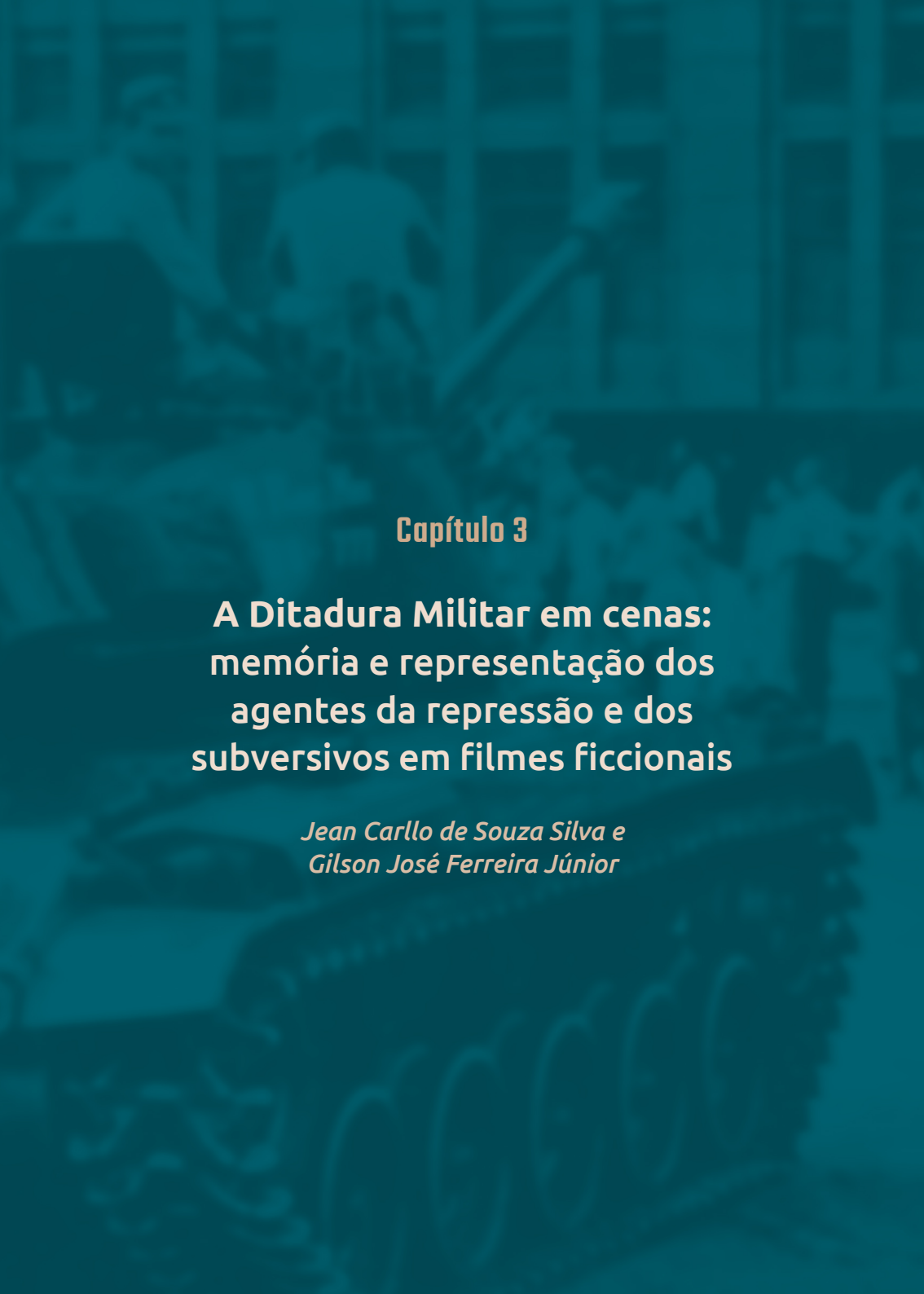
Existe um grande desafio para a construção de um movimento substantivamente igualitário, mas é inegável a importância das mulheres na elaboração das alternativas ao capitalismo. As mulheres do MST são um exemplo de combatividade, contudo sua efetividade está condicionada ao esforço cada vez maior de se colocar além do movimento emancipador parcial representado historicamente pela igualdade formal.

REFERÊNCIAS

- DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.
- D'INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAFORT, K. C. O. **A hegemonia do agronegócio e o sentido da reforma agrária para as mulheres da via camponesa**. Araraquara: UNESP, 2013.
- MAFORT, K. C. O. [Entrevista cedida a] Eduarda Camargo Sansão (por e-mail). Passos, 2017.
- MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Trad. de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2009.
- NOVAIS, A. [Entrevista cedida a] Eduarda Camargo Sansão (por e-mail). Passos, 2017.
- PINASSI, M. O. **O protagonismo das mulheres no MST**. *In*: SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 4., 2010a. [Anais...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.
- PINASSI, M. O. Las mujeres, el MST y los desafíos de la acción revolucionaria. **Herramienta** [on-line], n. 45, out. 2010b. Disponível em: <https://herramienta.com.ar/articulo.php?id=1333>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- SARDENBERG, C. M. B.; COSTA, A. A. R. Feminismos, feministas e movimentos sociais. *In*: BRANDÃO, M. L. R.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). **Mulher e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SETOR DE GÊNERO – MST. **Caderno de formação 1: Feminismo Camponês e Popular com identidade revolucionária**. Curitiba: Ceagro, 2015a.
- SETOR DE GÊNERO – MST. **Caderno de formação 2: Avanço do Capital no Campo e as Mulheres**. Curitiba: Ceagro, 2015b.
- SETOR DE GÊNERO – MST. **Caderno de formação 3: Soberania Alimentar e a Reforma Agrária Popular**. Curitiba: Ceagro, 2015c.
- SETOR DE GÊNERO – MST. **Caderno de formação 4: Violência contra as mulheres e desafios à participação igualitária de gênero**. Curitiba: Ceagro, 2015d.
- SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

Parte 3

MÍDIAS



Capítulo 3

A Ditadura Militar em cenas: memória e representação dos agentes da repressão e dos subversivos em filmes ficcionais

*Jean Carllo de Souza Silva e
Gilson José Ferreira Júnior*

INTRODUÇÃO

A batalha pela memória da Ditadura Militar Brasileira ainda está em curso e mais viva do que poderíamos supor há alguns anos. Esse fato pôde ser constatado quando inúmeras pessoas, em manifestações contra o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, portavam cartazes e discursavam a favor de uma nova intervenção militar. Como era de se esperar, essas imagens correram o país e chocaram a opinião pública.

“Não aprendemos com a história?” – questionavam apresentadores e comentaristas políticos em telejornais. “O que revela a emergência desses discursos intervencionistas?” – perguntaram-se historiadores e sociólogos. As respostas foram várias e abordaram desde a nossa cultura política – marcada pelo conservadorismo e por golpes de Estado – até a incapacidade de escolas trabalharem temáticas vinculadas à ditadura de 1964 de forma pedagogicamente instrutiva.

Para nós, no entanto, fica patente que tais manifestações provam que a ditadura brasileira, mesmo após trinta anos de seu término oficial, continua sendo um dos eventos que, embora passados, não passam. E não passam porque não resolvemos inteiramente os nossos traumas, que insistem em ser recalcados em uma tentativa justificável, mas pouco significativa, de superação em nome da conciliação nacional.

Os meios de comunicação em geral ainda abordam pouco o período da Ditadura Militar, mas o cinema tem assumido um lugar privilegiado, no qual os traumas do passado ditatorial (a tortura, especialmente) podem ser submetidos à análise da própria sociedade. Mas mais do que trazer lembranças, o cinema, como qualquer outra mídia, desempenha uma função importante na organização e construção da realidade social e

cultural. Nesse processo, os meios de comunicação “tanto reproduzem essa realidade, representando-a através de seus diferentes discursos, quanto a modificam, reconstruindo-a por meio de uma interferência direta em sua dinâmica, em seu funcionamento” (CODATO, 2010, p. 2). É nesse sentido que o cinema opera como um meio de representação e de construção de realidades e de imaginários. E, além disso, é uma importante plataforma através da qual as memórias sociais são largamente difundidas.

Desse modo, foram analisados filmes cujas narrativas se passam durante o período da Ditadura Militar iniciada com o golpe civil-militar de 1964. Esses filmes, das formas mais variadas, costumam representar em suas tramas o cotidiano autoritário do país durante os “anos de chumbo” ao abordar as ações dos órgãos de repressão ou os movimentos que lhes faziam resistência. Independentemente das arrecadações de bilheteria ou de carreira nas emissoras de televisão, os filmes sobre a ditadura desempenham um papel social importante, pois nos fazem lembrar – “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça” – um período de cerceamento e suspensão de liberdades civis legitimadas por uma política autoritária de Estado.

O CINEMA E A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

De acordo com Arrigucci Júnior (2006), o cinema tem sido para nós brasileiros não apenas um meio de abstração e fabulação da realidade, “mas um modo de penetração na imagem de nós mesmos, em nossas perplexidades, ainda quando nos parece difícil o reconhecimento de nossa própria face, entre tantas desfigurações históricas” (ARRIGUCCI JÚNIOR, 2006, p. 9).

Surgido no final do século XIX, o cinema moderno rapidamente tornou-se símbolo comunicacional do século XX. Muito se discute, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, sobre suas influências e capacidade, tanto como meio de comunicação quanto como objeto de arte, de interferir efetivamente na compreensão de mundo de um grupo ou sociedade.

Segundo McLuhan, “o próprio filme não é senão um balé mecânico de movimentos rápidos que produz um mundo de sonhos e de ilusões românticas” (MCLUHAN, 2007, p. 326). Desse modo, “o cinema não é apenas a suprema expressão do mecanismo; paradoxalmente, oferece como produto o mais mágico de todos os bens de consumo, a saber: sonhos” (MCLUHAN, 2007, p. 327). A sociedade ansiava por comprar sonhos, e talvez esse tenha sido um dos porquês de o cinema ser um produto altamente rentável durante o século XX. A partir dele, por exemplo, foram criadas tendências comportamentais e padrões culturais. Com destaque para o modelo de vida norte-americano, que se tornou, sobretudo a partir dos anos de 1920, um dos mais almejados graças à intensa propagação do cinema hollywoodiano pelo mundo.

Entretanto, como bem de consumo e de entretenimento, o cinema recebeu duras críticas de Horkheimer e Adorno. Para os dois teóricos da chamada Escola de Frankfurt, os filmes são meros produtos de uma indústria massiva que intenciona pasteurizar a arte e alienar os indivíduos. Além disso, os filmes engendrariam nos consumidores culturais uma “atrofia da imaginação e da espontaneidade”. Assim, “os próprios produtos, desde o mais típico, o filme sonoro, paralisam aquelas faculdades [imaginação e espontaneidade] pela sua própria constituição objetiva” (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 163). Portanto, as obras cinematográficas seriam realizadas:

de modo que a sua apreensão adequada se exige, por um lado, rapidez de percepção e capacidade de observação e competência específica, por outro lado é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser perder os fatos que, rapidamente, se desenrolam à sua frente (HORKHEIMER; ADORNO, 2002, p. 163).

Para ambos, os filmes são produções que, para serem de fato apreendidas, necessitam de presteza, capacidade de observação e conhecimentos específicos sobre o objeto fílmico. No entanto, essa dinâmica dificulta e oblitera a atividade intelectual do público, na tentativa de não perder a ação que se desenrola na tela. E segundo eles, como o cinema promove a obliteração intelectual dos espectadores, ele teria a capacidade de adestrar o público ao fazê-lo identificar a sua própria realidade com aquela representada no meio (HORKHEIMER; ADORNO; 2002).

Contudo, quando se fala da sétima arte, não podemos desconsiderar as sensações que uma narrativa fílmica é capaz de despertar na audiência, que, por vezes, remetem aos mais variados sentimentos. Além disso, o cinema também pode estabelecer estreito contato com a memória individual e coletiva. Com base nos estudos de Le Goff, Bizello, ao escrever sobre a relação entre cinema e memória, afirma que:

O filme é entendido como produtor e guardador de memória, produzido pelas sociedades que fazem dele um suporte material para, objetiva e subjetivamente, mostrar e visualizar seu imaginário, representar o mundo. Nele as experiências coletivas e individuais estão inscritas numa linguagem de imagens e sons (BIZELLO, 2008, p. 165).

Por ser próximo do real e ainda trazer em si sonhos desejados, o cinema causa mais efeito do que é possível supor. Por isso, ele é também muito utilizado para a construção, manutenção e/ou contestação de uma memória coletiva e social. Os filmes com temáticas históricas (mas não exclusivamente) ilustram para o espectador de forma mais concreta o tempo já vivido, trazendo-o para o presente. Assim, o cinema atualmente tem extrema importância coletiva e social, por conseguir apoiar a memória do passado, transpondo-o para o presente, e misturando-os.

A MEMÓRIA

A memória é feita de pessoas, acontecimentos, personagens e lugares, e vem do que foi vivenciado pessoal ou coletivamente pelos grupos com os quais o indivíduo tem vínculo de pertencimento. Mesmo que nem todos tenham experienciado dado fato naquele tempo-espço, a criação da memória é coletiva. Os lugares estão particularmente ligados às lembranças e favorecem o sentimento de pertencer. Acontecimentos, personagens e lugares colaboram para a constituição da memória, seja consciente ou inconscientemente, e há uma ligação fenomenológica tênue entre o sentimento de identidade e a memória (POLLAK, 1992).

A identidade de um indivíduo, assim como de uma sociedade, se faz por meio de suas memórias. A memória coletiva e social faz com que uma história maior que ele mesmo faça parte de sua vida e o torne livre de seu próprio presente. É de extrema importância, portanto, o estudo do passado por meio da história, como forma de criação e manutenção da memória, de modo a transpor o passado e, assim, evitar repeti-lo.

Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual (LE GOFF, 1994, p. 181).

A memória “individual ou coletiva é um elemento essencial na busca da identidade de indivíduos ou de sociedade. É também instrumento de objeto de poder, sempre propício à manipulação” (BIZELLO, 2008, p. 165). Evidencia-se, assim, seu caráter multifuncional e seus usos e abusos pelas sociedades contemporâneas.

Já Halbwachs (1990) questiona se seria possível um indivíduo possuir alguma memória que não tenha influência do meio social no qual está inserido. Para esse autor, a memória individual seria rara, no entanto, paradoxalmente, a memória coletiva também não seria capaz de explicar todas as lembranças de alguém, sejam elas sociais ou não.

A memória social é, por pressuposto, mutável. Portanto, novas memórias podem tomar o lugar das antigas e ambas podem, inclusive, coexistir em uma mesma sociedade. Mas, na perspectiva de Halbwachs (1990), para que certas memórias coletivas cubram as individuais é necessário que elas se façam importantes para o indivíduo. Existe a necessidade de estar inserido no mesmo contexto e/ou grupo de pessoas envolvido no ocorrido. Assistir a um filme, por exemplo, não significa que os eventos tais como narrados serão incorporados à memória ou mesmo que uma possível lembrança individual prévia sobre aquela temática será encoberta. No entanto, o fato de um acontecimento estar inserido em um filme traz ao espectador o reconhecimento, “pois

a representação induz a identificação com a coisa retratada em sua ausência” (RICOEUR, 2007, p. 438).

Os meios de comunicação possuem papel relevante na transposição da memória individual para a coletiva. Assim, são ferramentas influentes no processo de interação entre o indivíduo e a sociedade à qual ele pertence. Pode-se afirmar que as pessoas tendem a enxergar uma ideia, um sentimento ou uma vontade como algo nascido apenas de seu pensamento individual, quando na verdade foram influenciados, principalmente, pelos meios de comunicação. É nesse sentido que “para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias” (HALBWACHS, 1990, p. 27), que Pollak (1992) chama de lembranças por “tabela”.

Meneses (1992) problematiza o “ser” da memória, pois, segundo ele, a definição mais comum a coloca como um mecanismo que acumula informações e registros, um verdadeiro depósito de conhecimento e de experiências, ou seja, aparenta ser algo concreto e cristalizado, uma matéria em que a produção e a finalização acontecem no passado e que cabe a ela transportar ao presente. Contudo, para o autor, a memória é um processo de construção e de reconstrução. “A memória de grupos e coletividades se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz, num processo constante de feição adaptativa” (MENESES, 1992, p. 11). A elaboração da memória é feita no presente para responder as solicitações do presente, e é desse tempo que ela tira sua existência. Embora não possamos esquecer que a referência do passado é o fio condutor da construção da memória. Portanto, “a memória é filha do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto” (MENESES, 1992, p. 14).

Para Huyssen (2000), a partir de 1980 o foco das representações midiáticas transferiu-se do futuro para um passado recente. De acordo com o autor, seja em forma de monumentos, museus ou comemorações nacionais, a busca pela memória coletiva do “passado está vendendo mais do que o futuro. Mas por quanto tempo, ninguém sabe” (HUYSSSEN, 2000, p. 24). Ele ressalta o fato de que esta mudança – de uma obsessão por representar o futuro para uma reprodução do passado recente – decorre do aperfeiçoamento tecnológico que permitiu às nossas sociedades modernas acesso aos meios de comunicação e a um grande número de informações.

Algo mais deve estar em causa, algo que produz o desejo de privilegiar o passado e que nos faz responder tão favoravelmente aos mercados de memória: este algo, eu sugeriria, é uma lenta mais palpável transformação da temporalidade nas nossas vidas, provocada pela complexa interseção de mudança tecnológica, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global (HUYSSSEN, 2000, p. 25).

Junto a toda tecnologia do mundo atual, se fez necessária a preservação da memória por meio de museus, monumentos, tombamentos de patrimônios materiais e simbólicos, como forma de resistir à desterritorialização dos indivíduos em um mundo cada vez mais globalizado (pelo sistema financeiro). E quanto mais somos empurrados para um futuro integrado, mais queremos ir devagar e nos alojar no passado através das memórias, buscando conforto para o caos dos tempos modernos (HUYSSSEN, 2000). O autor ainda pontua que, ao contrário do que muitos pensam, a “memória globalizada e universal” é bem heterogênea. Ela pode existir, mas será acrescentada a ela a memória de cada localidade. Isso se encaixa no conceito de memória coletiva e individual, já que por

mais que se manipule a memória de um grupo de pessoas, cada indivíduo tem sua própria experiência, que pode influenciar ou até mesmo sobrepor o coletivo. Pois, assim como a memória individual não possui relevância sem o coletivo, o inverso também se mostra verdadeiro.

Mas, para Huyssen (2000), os eventos quando são resgatados do passado histórico, via meios de comunicação, não têm como única função preservar a memória, agem também como uma forma de pensar o presente e prevenir um futuro. Esse é o caso do Holocausto que, por diversas vezes, ao ser retomado como temática, é usado para falar de um problema contemporâneo, ainda que como metáfora. Stigger e Gerbase (2012) dizem, a respeito da função dos meios de comunicação em transpor o passado recente para o presente (em especial sobre os filmes com temáticas históricas): “instigam-nos a observar a nossa sociedade no passado, pois cristalizam aspirações de um determinado tempo que hoje se traduz em vestígios históricos” (STIGGER; GERBASE, 2012, p. 118).

Para Ricoeur (2007), “o esquecimento pode estar tão estreitamente confundido com a memória, que pode ser considerado como uma de suas condições” (RICOEUR, 2007, p. 435). Ainda segundo o autor, a memória é constituída por uma dualidade: a lembrança e o esquecimento. Sem o esquecimento seria impossível a memória humana. De acordo com o filósofo, a memória é uma construção social e não é sinônimo de lembrança. Enquanto a primeira é única, a lembrança é plural.

Um primeiro traço caracteriza o regime da lembrança: a multiplicidade e os graus variáveis de distinção das lembranças. A memória está no singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças

estão no plural: temos umas lembranças (já houve quem dissesse maldosamente que os velhos têm mais lembranças do que os jovens, mas menos memória!) (RICOEUR, 2007, p. 41).

Sendo a lembrança múltipla e plural, é por meio de suas transformações e mutabilidade que a memória é recomposta, transformada em um empreendimento constante. Para Ricoeur (2007), a memória é uma tentativa de aplacar o esquecimento, que, no entanto, lhe é constituinte e com o qual mantém uma relação de simbiose. Esquecer é o que deixamos de lembrar, consciente ou inconscientemente, para nos lembrarmos de outra coisa. “Ver uma coisa é não ver outra. Narrar um drama é esquecer outro” (RICOEUR, 2007, p. 459). Sendo assim, é contra alguns esquecimentos, uma vez que eles são seletivos, que a nossa sociedade tem elegido documentos e monumentos, em um esforço de lembrar ou reafirmar a necessidade de se aprender com a história ou legitimar tradições de acordo com a memória social predominante em determinado período. Grandes potências possuem a capacidade de manipular memórias e esquecimentos coletivos de forma mais efetiva e massiva. Para essas manipulações, são usadas narrativas que, partindo da seletividade da memória, podem se tornar uma “armadilha” para a própria sociedade à qual está inserida:

O recurso à narrativa torna-se assim a armadilha, quando potências superiores passam a direcionar a composição da intriga e impõe uma narrativa canônica por meio de intimidação ou de sedução, de medo ou de lisonja. Está em ação aqui uma forma artilosa de esquecimento, resultante do desapossamento dos atores sociais de seu poder originário de narrarem a si mesmos (RICOEUR, 2007, p. 455).

A memória coletiva é manipulada, planejada e articulada pelos que estão no poder de uma sociedade há muitos séculos. Nesse contexto, Pollak (1989) problematiza a existência de memórias plurais e chama atenção para os processos de dominação e submissão nos quais elas estão envolvidas. Ao fazer isso, o autor determina a diferença entre a memória oficializada ou dominante e as que ele chama de “memórias subterrâneas”: a primeira utiliza monumentos, escritos, manipulação, criação de heróis e datas comemorativas que a reforcem; as últimas são marcadas principalmente pelo silêncio do não dito, são individuais ou de um grupo que já foi marginalizado ou esquecido, cuja história pode ser vista como vergonhosa perante a memória oficial da nação. As memórias subterrâneas utilizam-se de referências sensoriais (cheiros, sabores etc.) para serem lembradas, ao contrário da oficial. As instituições ou organizações responsáveis pelo enquadramento da memória coletiva ou nacional o fazem como um investimento de alto risco e de longo prazo, que precisa de constante monitoramento e manutenção, além de inteira coerência.

Portanto, segundo Pollak (1989), a memória do subterrâneo dificilmente desaparece, e quando uma subjuga o esquecimento forçado de uma história – marcada, entre outras coisas, por violência e/ou uma ruptura no passado –, em algum momento seu tabu é quebrado. Então, a memória subterrânea surge e “derruba” a opressora, trazendo incoerência a ela. O que não significa, no entanto, que uma estará sempre divergente da outra, pois elas podem coexistir.

Quando uma sociedade possui uma memória coletiva plural, em constante manutenção, ela dificilmente terá chances ou necessidade de ser questionada. Apesar de massivo, esse poder de manipular memórias e esquecimentos é dado pela própria sociedade, que não apaga as

individuais. Afinal, ela se constrói a partir da necessidade do momento no qual está inserida, é herdada não só no quesito individual, mas também coletivo – mesmo que a coletiva seja minuciosamente planejada, diferente da individual – e faz do presente quesito de maior importância para sua definição. O indivíduo é criado em meio às leis e regras da sociedade, que devem ser em grande medida memorizadas devido ao convívio social. Mas o sujeito não é e não deve ser aquém da história do meio no qual está inserido, e estar ciente dessa história o torna controlador de seu presente.

O cinema possui um papel importante na circulação de memórias, oficiais ou subterrâneas. No caso das subterrâneas, ele se torna um veículo potente ao representar minorias políticas e discursos marginalizados. Ainda acerca da teoria de Pollak, Silva (2015) reforça:

Quando ocorre uma reescrita da história, essa memória antes clandestina passa a ocupar os filmes, as mídias, os meios de comunicação, pinturas e a cena cultural em geral, mostrando o abismo que separa a sociedade civil e a memória oficial do Estado. Logo, o silêncio acerca do passado, antes de gerar esquecimento, serve como força motriz para a resistência numa sociedade que se vê impotente diante dos discursos oficiais (SILVA, 2015, p. 246).

Talvez o maior motivo das sociedades atuais buscarem lembrar o passado-presente, além de forjar uma memória coletiva de cunho nacional e/ou oficial, sejam os desastres que se sucederam no século XX: Primeira e Segunda Guerra Mundial (1914-1918/1939-1945); Guerra Fria; ditaduras pelo mundo, em especial na América latina. Acontecimentos que marcaram essas populações e que, por suas características violentas e traumáticas, têm provocado um movimento social apoiado

sobre a lembrança do horror como forma de sinalizar os perigos da repetição de tais ações.

Interessa-nos aqui estudar a memória social e a forma com que ela é difundida e adaptada pela população. Por mais que um Estado/nação utilize manipulação, sempre vai existir a resistência por parte dos subjugados. O cinema, desse modo, é uma ferramenta tanto para quem exerce o poder, destacadamente o econômico/financeiro, e controla a “indústria cultural” quanto para os subjugados, que transformam o filme em uma expressão de resistência. Não esquecendo que o cinema é também uma produção coletiva, feita por um grupo de pessoas para outro que irá assistir.

Durante a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), foram produzidos filmes cuja temática é a própria ditadura, mesmo dissimuladamente. É o caso de *Os inconfidentes* (1972), de Joaquim Pedro de Andrade, que, segundo Helena Stigger (2011),

narra a Inconfidência Mineira, uma apologia aos anos de chumbo da ditadura contada através de um episódio histórico. Nesse filme, Joaquim Pedro apropria-se do tema da perplexidade dos intelectuais perante a ditadura, ilustrando o comportamento dos integrantes envolvidos na conspiração mineira. Assim, ele faz uma dura crítica aos intelectuais contemporâneos ao regime militar (STIGGER, 2011, p. 64).

Os Inconfidentes é um exemplo de como o passado pode ser atualizado para fornecer respostas e promover críticas ao presente da produção e, nesse contexto, um presente marcado pelo arbítrio dos militares.

Assim, de acordo com Souza (2008), as produções cinematográficas de ficção constituem novas formas de produção de “sentidos em face da experiência passada, uma das maneiras de se lembrar experiências violentas” (SOUZA, 2008, p. 51). Portanto, “cada cinematografia, a seu modo, oferece os termos em que as sociabilidades são reconstruídas e relidas por intermédio da leitura que o cinema faz daquele passado” (SOUZA, 2008, p. 51).

No Brasil, a realização de filmes fictícios e documentários que abordam o tema da Ditadura Militar, mesmo após tantos anos, ainda é grande. O trauma sofrido no país faz necessária a lembrança. O combate ao esquecimento ocorre para que os horrores da ditadura não mais se repitam, para que a população se torne consciente do que ocorreu durante os 21 anos de intervenção militar no país.

MEMÓRIA, CINEMA E DITADURA

Durante a Ditadura Militar, devido à censura e à falta de informação, a maior parte da população desconhecia o que ocorria nos interstícios do regime – principalmente do período chamado de “anos de chumbo”, que vai da instituição do AI-5 (1968) até o processo de “abertura” iniciado com a criação da Lei de Anistia (1979). Esse desconhecimento também ocorria porque os governos militares promoviam, por meio de campanhas ufanistas e ações nacionalistas, um Brasil “grande” e progressista, com o intuito de neutralizar a população e evitar questionamentos acerca do cenário nacional.

Mas a partir da Lei da Anistia (1979), a memória dominante, que ainda insiste no esquecimento em nome da conciliação nacional, a despeito

do ocorrido nos porões do regime, começou a ser confrontada. O processo de abertura colocou em evidência outra memória, até então subterrânea: a perspectiva dos militantes de esquerda presos, torturados ou silenciados pelo braço persecutório do Estado.

No entanto, após mais de 30 anos do início da redemocratização, o confronto com a memória da ditadura ainda persiste, por isso, esse período é tema frequente no cinema brasileiro, seja através de filmes ficcionais ou documentários. Como evento traumático recente – cujas sequelas ainda se encontram em grande medida no corpo social sobretudo porque muitos partícipes continuam vivos –, os meios de comunicação em geral ainda abordam muito pouco esse período histórico. Mas a despeito do silêncio de alguns veículos, o cinema tem tido um papel importante, no qual os traumas desse passado, principalmente a tortura, podem ser submetidos à análise da própria sociedade.

Nesse sentido, nota-se que a maior parte dos filmes que abordam a Ditadura Militar, principalmente de 1990 em diante, têm se concentrado nos “anos de chumbo”. Dá-se, assim, um protagonismo ao ápice do arbítrio, aos anos mais violentos, representando em especial os agentes da repressão ou os movimentos de resistência.

Mas “a maioria dos filmes não é politizada em sentido estrito e procura conciliar a abordagem do tema da ditadura militar com um cinema de caráter mais ‘mercadológico’” (LEME, 2010, p. 4). E, ainda para a autora,

No caso desses filmes o que ocorre é que ao enfocar o período em que a ditadura militar está em seu ápice, eles esquivam-se de adentrar na discussão a respeito de como se chegou a esse regime e de como se saiu dele, elidindo os conflitos e contradições político-sociais

existentes antes e depois dos piores anos de ditadura e, assim, negligenciam a compreensão do processo sócio-histórico e da posição dos agentes históricos nesse processo (LEME, 2010, p. 3).

Assim, segundo ela, tirando a atenção de assuntos políticos, é possível alcançar um público mais amplo e heterogêneo. Como a produção de um filme exige um gasto alto, existe a necessidade de uma grande audiência para torná-lo viável. Já para Souza (2008), mesmo que não exista uma discussão aprofundada na maior parte dos filmes cuja temática ou o pano de fundo é a ditadura, é preciso ter consciência que eles

organizam imaginativamente, pela emoção, uma memória suplementar, a qual se refere tanto àquele passado como aos momentos posteriores, nas formas em que o cinema pensa os eventos da ditadura. Relacionam-se a uma disputa entre a memória articulada e posta em cena e as outras memórias relativas ao período. Além do mais, na condição de filmes-arquivo, são matérias que articulam o político, independentemente da condição de suas narrativas estarem ou não presas a formas mais tradicionais, como as predominantes no cinema comercial (SOUZA, 2008, p.51-52).

Portanto, sob essa perspectiva, percebe-se que os filmes sobre a ditadura variam entre dramas e documentos históricos. Quase sempre a trama narra a história de um herói cujo sentido, de fundo moral, nos chama atenção para como é bom não viver sob um regime ditatorial. Desse modo, os filmes, sem abrir mão do elemento político que lhes é constituinte, recorrem a uma linguagem mais simples como forma de angariar espectadores. Afinal, político ou não, o cinema é uma obra industrial e entreter, mesmo enquanto se educa sobre o passado, ainda é fator importante.

OS FILMES ANALISADOS: A RECOMPOSIÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOCIAL

Aqui, são analisados seis filmes ficcionais produzidos e lançados em um espaço temporal que abrange cerca de 30 anos. A escolha por essa extensão cronológica se deu por considerarmos que, para analisar as dinâmicas da memória social inscrita/trabalhada no cinema nacional, seria vital entendê-la em relação ao contexto histórico e cultural no qual esses filmes foram produzidos e circularam. Desse modo, tem-se um *corpus* de análise representativo não apenas dos diferentes momentos da indústria cinematográfica, mas da própria história social, cultural e política do país. Assim, as obras escolhidas foram: *Pra frente, Brasil* (1982), *Eles não usam black-tie* (1984), *O que é isso, companheiro?* (1997), *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), *A memória que me contam* (2012) e *Tatuagem* (2013).

Pra frente, Brasil (1982), foi dirigido por Roberto Farias e sua trama se passa no ano de 1970, enquanto o país vibra com a Copa do Mundo e prisioneiros políticos são torturados, e mostra um trabalhador de classe média confundido com um subversivo. Já em *Eles não usam black-tie* (1984), dirigido por Leon Hirszman, que se passa em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que ela está grávida. Ao mesmo tempo, ocorre um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve e entra em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar. Esses dois filmes foram gravados ainda durante a vigência da Ditadura Militar, que perdurou oficialmente até 1985.

O que é isso, companheiro? (1997), com direção de Bruno Barreto, narra o sequestro do embaixador americano no Brasil por grupos de esquerda em 1969, assim como o livro homônimo escrito por Fernando Gabeira. Esse filme faz parte do período que é chamado de “retomada do cinema brasileiro”, um tempo marcado pela redemocratização e estabilidade econômico-financeira.

O ano em que meus pais saíram de férias (2006), dirigido por Cao Hamburger, aborda a percepção de uma criança e narra os efeitos da ditadura nas famílias. A trama se passa em 1970, ano do tricampeonato mundial, e o protagonista, um menino de 12 anos apaixonado por futebol, é deixado pelos pais, militantes de esquerda, na casa do avô. Enquanto espera a volta deles, o garoto começa a perceber o mundo a sua volta. Em *A memória que me contam* (2012), dirigido por Lúcia Murat, tem-se a história da ex-guerrilheira Ana, ícone do movimento de esquerda e o último elo entre um grupo de amigos que resistiu à Ditadura. Com a iminente morte da amiga, os companheiros se reencontram na sala de espera de um hospital. Entre eles está Irene, uma diretora de cinema que se sente perdida diante da perda da amiga e que ainda precisa lidar com a inesperada prisão de seu marido, acusado de matar duas pessoas em um atentado terrorista ocorrido décadas atrás na Itália. *Tatuagem* (2013), dirigido por Hilton Lacerda, é protagonizado por um grupo teatral do Recife e contrapõe militares e artistas em plena Ditadura, mas transforma os últimos nos verdadeiros soldados. Esses três filmes estão inseridos em um momento político de chegada da “esquerda” ao Planalto, com os governos Luiz Inácio Lula da Silva e, depois, Dilma Rousseff. Além disso, é um período no qual os debates relacionados à ditadura, sobretudo, no governo Dilma, ganharam certa projeção em virtude da instauração da Comissão Nacional da Verdade e

outras comissões (em universidades, estados e municípios) vinculadas, ou não, a ela.

BESTIAIS: A REPRESENTAÇÃO DOS AGENTES DA REPRESSÃO

Pra frente, Brasil (1982) foi um dos primeiros, talvez o primeiro, a abordar abertamente a repressão dos governos militares. Nele, os agentes do governo são representados como torturadores implacáveis e sedentos por erradicar a subversão. São também mostrados como ignorantes, pois não conseguem compreender que a personagem, erroneamente considerada subversiva por eles, não passa de um sujeito alheio às ações da guerrilha e, portanto, “inocente”.

As cenas de tortura são realistas e, talvez por isso, provocam comoção no espectador, um misto de repulsa e ódio aos agentes que barbarizam um sujeito indefeso. Os torturadores têm uma atuação caricata, eles são vilões e não há nuances de personalidade. Parecem, sadicamente, ter prazer em promover o sofrimento ao interrogado. Os agentes da repressão são sujeitos portadores de desejos animais, insensíveis aos apelos da personagem que questiona por diversas vezes os motivos daquilo ocorrer com ele: “Quem são vocês? Quem vocês pensam que são?”, chega a inquirir Jofre durante uma das sessões de tortura à qual é submetido.

As representações da polícia no filme são sempre marcadas pela agressividade. Os policiais não são simpáticos, ao contrário, são representados como dissimulados e agressivos, sujeitos que não suportam ser questionados. Agem, principalmente, na ilegalidade, mentem e

acobertam os rastros da personagem sequestrada que está à mercê das autoridades inquisitoriais que a torturam. Imbuídos de um ideal de promover a erradicação de elementos considerados comunistas, eles não fazem outra coisa além de operar na semiclandestinidade do sistema autoritário.

Assim, torturadores e policiais compõem peças de uma engrenagem mortífera. Eles são irracionais, incapazes de reflexão crítica acerca da realidade do país e do governo e da ideologia aos quais servem. Ademais, em *Pra frente, Brasil*, os agentes da repressão são desumanizados, meros cumpridores de ordens, que agem sem questionar as implicações. É uma representação severa, embora à luz da história não completamente descabida, do que se passava nos porões da ditadura em 1970, ano no qual a seleção brasileira de futebol serviu de álibi e de difusor dos preceitos de um Brasil grande que se modernizava graças às ações dos militares.

Essa representação de agentes da ditadura como figuras desumanizadas e insensíveis também pode ser percebida em *Eles não usam Black-tie* (1984), filme adaptado da peça teatral de mesmo nome escrita por Gianfrancesco Guarnieri. No filme, os agentes da repressão são truculentos – a exemplo da cena em que a força policial invade um bar à procura de fugitivo armado ou nas que entra em ação para combater os grevistas que fazem piquete na fábrica – e, mais uma vez, se valem do uso irrefletido da força como método de dispersão e coerção. A polícia, além de violenta, é racista. Isso fica evidente quando os policiais assassinam o “negro”, um dos companheiros de greve e militância da personagem Otávio. Matam-no, sobretudo, por ele ser negro, o que em um país racista como o Brasil, em geral, não provoca questionamentos, revolta ou punição para quem, como nesse caso, assassinava alguém

como forma de reprimenda e pressão para grevistas desistirem dos seus intentos.

Embora não gire tematicamente em torno da guerrilha ou outro tipo de oposição frontal ao governo militar – temáticas que de certo modo monopolizam as narrativas fílmicas sobre o período –, *Eles não usam black-tie* é importante por abordar a violência do Estado contra pessoas simples. As personagens são gente suburbana, trabalhadores braçais, que apenas lutam por seus direitos, mas que são perseguidos, pois, como grevistas, passam a ser uma ameaça à ordem instituída. E, no mais, também se tornam criminosos, porque greves estavam proibidas. Por isso, a polícia é implacável contra essas pessoas: são grevistas e descumprem a lei.

Desse modo, tanto em *Pra frente, Brasil* como em *Eles não usam Black-tie* vê-se uma primeira tentativa por parte dos cineastas de confrontar a memória oficial forjada pelos militares durante a ditadura. Memória que tinha como pilar, entre outras coisas, a heroificação dos agentes responsáveis pela manutenção da ordem. Uma sociedade ordeira e, portanto, apta ao progresso almejado pelos altos escalões das Forças Armadas e setores conservadores da sociedade civil que fomentaram e participaram do golpe de 1964. Assim, seriam necessários aqueles que garantiam a segurança e travavam o combate diário contra as forças comunistas. É nesse sentido que o imaginário sobre o progresso econômico da nação estava imbricado com a necessidade de garantia da segurança. Para tanto, os agentes e órgãos de repressão, assim como as próprias Forças Armadas, eram representados como o sustentáculo do grande Brasil que o governo militar estava construindo. O que esses dois filmes, produzidos ainda sob a ditadura, fazem, em um momento de distensão política e de abertura “lenta, gradual e

segura”, é questionar a memória oficial, ao trazer para a tela a violência desmedida e sádica realizada em nome da necessidade de segurança nacional propalada pelos militares.

O filme da década de 1990, possivelmente o que teve o maior sucesso de público entre os que compõem o *corpus*, *O que é isso, companheiro?* (1997), mostrou outro lado dos agentes da repressão. Enquanto nos filmes analisados até aqui os militares e torturadores eram representados como pessoas caricatas, normalmente explosivas e nervosas, que não tinham família e até possuíam prazer na prática da tortura, nessa obra há outra perspectiva.

Para humanizar os agentes da repressão, o torturador Henrique aparece em várias cenas junto à esposa. Em outras tantas, ele se questiona sobre ser certo ou não torturar. Assim, diferentemente de outras representações dos agentes, ele é mostrado como um sujeito em crise de consciência, de fundo moral, em relação ao seu trabalho, causando nele até insônia. Mas decorre dessa crise, também, a elaboração de uma justificativa racionalizada do seu ofício: faz aquilo que foi ordenado fazer. Como alguém que apenas executa as ordens, o agente não demonstra prazer, e sim serenidade durante as sessões de tortura. Esse comportamento pode suscitar no mínimo duas interpretações. Primeiro, que Henrique era um agente insensível e incapaz de reconhecer nos “subversivos” outra coisa senão criminosos que precisavam ser punidos ou mesmo erradicados; segundo, ele era apenas um operador da máquina, um executor de ordens e, portanto, ostentava uma atitude de distanciamento de quem estava apenas fazendo o seu trabalho. Nenhuma das interpretações suscitadas, no entanto, o redime de seu posto de torturador, embora o humanize.

No mais, os demais agentes que aparecem no filme são pessoas duras. Um dos colegas de Henrique, por exemplo, não se questiona sobre as torturas. Quando perguntado sobre seus sentimentos em relação às sessões de tortura, se sente culpa ou mesmo se tem dificuldade para dormir à noite, responde “não”. Ele não se sentia culpado, pois os torturados eram terroristas, comunistas. Talvez, o filme, em uma tentativa de humanizar os membros dos órgãos de repressão, busque representar a existência de visões de mundo conflitantes entre personagens que estavam do mesmo “lado”.

Em *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), a representação da repressão não é um elemento central na trama, pois, embora certamente de modo sutil, ela “paira” sobre todo o filme. Podemos perceber essa presença (pela ausência explícita) da repressão através do sofrimento e da tensão causados pelo sumiço dos pais “subversivos” da criança protagonista. A cena em que policiais aparecem a cavalo combatendo estudantes – e o fato de que uma das personagens, o jovem Ítalo, aparece depois machucado e pedindo ajuda – são sinais da agressividade e violência dos repressores. Ainda que em *O ano em que meus pais saíram de férias* não sejam representadas sessões de tortura, a personagem Bia (a mãe do garoto Mauro) parece ter sido torturada. Somos induzidos a interpretar dessa forma dado o seu estado (emocional/psicológico) quando volta para reencontrar o filho. As condições dela poderiam ser explicadas pela prisão e desaparecimento de Daniel, seu marido e pai de Mauro, no entanto, a dor expressada por ela parece um forte indicativo de que teria sido torturada.

O ano em que meus pais saíram de férias, mesmo marginalizando as temáticas de tortura e repressão, é comovente, pois se trata da perspectiva de uma criança que, evidentemente, desconhece as motivações

políticas e ideológicas de seus pais, mas tem sua vida diretamente implicada por elas. Assim, Mauro narra sua história e, por extensão, a do país em 1970, e com isso representa e elabora uma memória social na qual a repressão e seus agentes aparecem como responsáveis pela separação da família e pela consequente infelicidade provocada na vida dele e de sua mãe, principalmente.

Outro filme que não aborda diretamente a temática da tortura, ou seja, não representa explicitamente os agentes e órgãos da repressão é *A memória que me contam* (2012). Nesse filme, o único analisado na pesquisa cuja trama não ocorre durante a ditadura, a repressão é representada por meio das sequelas e traumas sofridos pelo grupo de amigos ex-guerrilheiros. Em especial, das marcas deixadas na personagem Ana, que está à beira da morte.

A história de Ana é o fio condutor do filme, que mostra como a personagem não superou os traumas da tortura e que, além das sequelas físicas, também sofria psicologicamente, condição sinalizada pelo uso de antidepressivos até o final da vida e por surtos/crises lembrados pelos amigos. Ana, depois de ter sido torturada pelos agentes da repressão, é uma “semiviva” e aparece em diversas cenas questionando se “valeu a pena” terem passado por tudo aquilo.

Assim, Ana é a responsável por unir os amigos e promover uma revisão do passado como militantes e guerrilheiros durante a ditadura. Da personagem temos um espectro: suas memórias de juventude, com as quais as outras personagens interagem. Memórias da repressão.

Em *Tatuagem* (2013), filme que narra a vida e o cotidiano artístico de um grupo teatral de Recife, a repressão do Estado aparece de forma

ocasional, mas significativa. Não representa órgãos de repressão e de torturadores, e sim a presença de um autoritarismo de viés conservador que enquadra, censura e reprime tudo o que vai de encontro à “moral” e aos “bons costumes” ou critica o governo ditatorial.

A representação da repressão aparece, sobretudo, em dois momentos distintos. O primeiro é o quartel: Finhinho, uma das personagens, é um soldado por meio do qual é mostrado o rigor físico dos treinamentos e o processo de doutrinação dos militares, que são levados a considerar o Exército e a pátria como elementos acima de qualquer outro de ordem social ou pessoal. Porém, apesar de serem conservadores, existe também a subversão no quartel. O segundo é a censura oficial, que não era apenas “política”, mas também moral, pois os militares consideravam a moral social como assunto de Estado. Assim, uma das personagens chama atenção para a censura que proibia filmes que mostravam imagens de cunho sexual, quando indignada, diz: “eu nunca vi rola dar facada, nem xoxota dar tiro em ninguém”. É também por causa da censura moral que uma das peças do grupo teatral, *Chão de Estrelas*, é proibida de ser encenada. Como o grupo se recusa a cumprir a ordem, os militares aparecem na estreia e promovem uma quebra-deira no teatro, além de espancarem atores e público. Mais uma vez, a repressão aparece como um instrumento para cercear a liberdade, principalmente, através da violência, de modo irracional e animalesco. O grupo de teatro não era guerrilheiro, mas como artistas, mesmo que não necessariamente engajados, são vistos pela política conservadora dos militares como subversivos da mesma forma que os comunistas.

Nos filmes analisados, com relação à representação dos agentes ou órgãos de repressão, percebe-se que há uma tentativa de construção, sobretudo em filmes como *Pra frente, Brasil* e *Eles não usam black-tie*,

de uma memória que desmistifica os agentes da repressão como guardiões da sociedade. Trata-se de fazer circular na sociedade outra versão da ditadura ou ao menos promovê-la. Questiona-se, assim, não apenas a memória oficial do período que tendia a representar os órgãos de repressão e seus agentes como heróis a serviço da pátria, garantidores da paz social. O que os filmes sobre a ditadura, ao menos os analisados, fazem é desmistificar e, em grande medida, demonizá-la por meio daquilo que era sua “alma”, a repressão.

SONHADORES: A REPRESENTAÇÃO DOS “SUBVERSIVOS”

A representação dos subversivos em *Pra frente, Brasil* (1982) é realizada com alguma dose de autocrítica. Isso fica patente, especialmente, nas personagens Miguel e Mariana. Irmão de Jofre, a personagem confundida com um subversivo que foi presa e torturada, Miguel em alguns momentos demonstra conhecer o que ocorria no país, mas não se interessa em fazer algo. É por isso que Mariana, até então sua amante, o acusa de ser apático e rompe com ele, pois ela deseja lutar contra o regime. Miguel, contudo, prefere não se meter nas lutas contra a ditadura e se considera um apolítico. Em uma cena com Mariana, por exemplo, chega a acusar a guerrilha de não ser uma ação em defesa da população ou cujo principal objetivo fosse derrubar a ditadura. Para ele, os guerrilheiros lutavam para substituir uma ditadura por outra.

No decorrer do filme, é representado o medo das pessoas de serem associadas à subversão, por isso há um discurso hegemônico sobre ser apolítico. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência e não necessariamente um completo alheamento ou concordância com a ditadura.

Jofre, inocentemente preso e torturado, era um apolítico, mas foi capturado pelos órgãos de repressão, então, o filme representa que em uma ditadura ninguém estava completamente a salvo.

No final Miguel, apolítico e apático, se volta à violência para conseguir alguma informação sobre o seu irmão, mas a guerrilha já está praticamente dizimada. Mesmo Mariana, antes do tiroteio final, já desacreditada de uma possível derrubada da ditadura, decide ir embora para outro país junto com Miguel, porém ela morre na fuga. Desse modo, são representados os subversivos como pessoas sonhadoras, portadoras de uma expectativa utópica de futuro. Entretanto, quando esse futuro, que seria efetivado por meio da luta armada, se desvanece, o clima geral é de desânimo, desesperança e medo.

Em *Eles não usam Black-tie* (1984), a representação do que é o elemento subversivo (tradicionalmente relacionado apenas aos adeptos da luta armada) ganha um contorno mais complexo. O contexto é o dos grevistas, gente humilde, que só quer ter melhores condições de vida, ou seja, o perfil dos “subversivos” desse filme é muito diferente da representação mais comum, em geral, intelectualizados e oriundos da classe média urbana. É nesse sentido que Otávio – sem instrução formal, mas sábio devido à idade e às experiências de outras batalhas – tenta organizar uma greve, sem a intenção de luta contra o regime, apenas pensando em seu grupo e sua classe. É uma luta pragmática, mas que não deixa de ser política, apesar de não ter os ideais revolucionários e de libertação dos guerrilheiros.

O antagonista de Otávio é Tião, seu filho, que representa a apatia de algumas pessoas em relação aos seus direitos, ou mesmo uma demonstração de egoísmo, uma vez que ele não adere à greve por

achar que poderia retardar seu casamento com Maria, sua noiva que estava grávida. Tião não quer, por escolha pessoal, se envolver com o movimento grevista e, inclusive, quando entra para trabalhar, contrariando e traindo a todos, vê seu pai ser preso por conta da greve, mas não reage e segue o seu rumo.

Ao contrário de Tião, sua noiva, Maria, sai em luta em defesa da greve. É uma personagem de caráter forte e aguerrida, que prefere ficar sozinha e ser mãe solteira a se casar com o “fura-greve”. Assim, *Eles não usam black-tie* representa os “subversivos” como pessoas, apenas. As personagens são homens e mulheres com problemas familiares, dificuldades cotidianas, mas que tentam produzir juntos um futuro melhor, ainda que isso signifique, em um contexto autoritário, ser reprimido.

Em *O que é isso, companheiro?* (1997), os subversivos – membros de um grupo de guerrilha urbana – são representados como jovens de classe média, que aderem às armas quando a ditadura recrudescceu em 1968, com o AI-5. O treinamento da guerrilha é rígido e militarizado, mas por ser uma organização clandestina, as pessoas não podem se conhecer nominalmente, apenas por codinomes. Outro fator a ser observado sobre a disciplina é que, durante o treinamento com armas, a personagem Maria se veste com roupas militares e é dura principalmente com Fernando pelo fato de ele ter visto o rosto dela sem permissão.

Mas, mesmo com treinamento, o grupo é composto por jovens inexperientes, por isso, quando decidem pelo sequestro do embaixador estadunidense, acham melhor chamar pessoas mais experientes. É nesse contexto que surgem Jonas e Toledo. Jonas se mostra agressivo, estressado e é duro com os companheiros o tempo todo. Toledo, um velho e experimentado comunista, ao contrário, é sempre calmo e sábio.

Após a ação do sequestro, Renê e Fernando, duas personagens jovens, assumem a tarefa de cuidar do embaixador e conversam em inglês com ele, embora mantenham-se sempre com o rosto escondido, por questão de segurança. Renê cuida do machucado do norte-americano, adquirido durante o rapto, e lava sua roupa suja de sangue, para que se sinta melhor. No fim, apesar da operação do sequestro dar certo – com os agentes da repressão atordoados e o governo obrigado a ceder às exigências dos guerrilheiros – todos acabam presos. E isso ocorre por um descuido de um dos jovens que se esquece de apagar todos os rastros (um pedaço de jornal recortado da sessão dos classificados), o que possibilita que o apartamento recém-ocupado transformado em “aparelho”¹ seja encontrado. Daí em diante, é uma sucessão de quedas: prisões, torturas e mortes. Maria é torturada a ponto de ficar paraplégica. A emoção do reencontro dos guerrilheiros, ao serem trocados em virtude do rapto de outro embaixador, é uma cena de compaixão. Apesar de o filme construir uma imagem de sujeitos imaturos e norteados por ideias e ideais pouco democráticos, no final, o tom é de redenção, pois os guerrilheiros sofreram, perderam suas vidas e/ou foram torturados, alguns até a morte, outros até a invalidez.

A subversão em *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006) aparece como um elemento pouco explorado. É um filme delicado, pois, assim como não mostra a repressão explicitamente, também não aborda frontalmente as ações subversivas. Existem insinuações de que os pais de Mauro seriam “comunistas” e subversivos, por exemplo, na tensão deles ao deixar o filho. Mas é somente ao final, quando Mauro diz que ele e a mãe se tornaram exilados, que é possível dimensionar o caráter político do sumiço de Daniel e Bia. Aliás, ela reencontra o filho sem a

1 Aparente era um termo usado, à época, pelos grupos guerrilheiros, para se referir aos locais em que, além de morar, organizavam as estratégias de lutas e outras ações.

companhia de Daniel, o que nos faz pensar se ele está preso, morto ou já se encontra fora do país.

A representação dos subversivos em *A memória que me contam* (2012) não é tão sutil quanto em *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), e ocorre em outra perspectiva, tendo em vista que o filme se passa no presente e não durante os anos de ditadura. O grupo de ex-guerrilheiros, já na meia idade, luta para seguir em frente após ter sofrido e carrega marcas físicas e emocionais da repressão. Um traço marcante é o predomínio de ressentimento em relação ao passado, a todo o momento, as personagens parecem descontentes com o presente do país, como se a luta pela qual tanto se empenharam não tivesse gerado frutos suficientes.

Há também um sentimento de culpa, que parece em alguns momentos beirar a vergonha, por terem, vez ou outra, participado da morte de civis, companheiros e militares, em nome da luta revolucionária. A personagem Ricardo, por exemplo, se mostra o mais amargo em relação ao mundo, cético com tudo, pessoas ou ideais, alguém que deixou de acreditar no mundo melhor pelo qual lutou na juventude.

Em determinada cena, em decorrência de uma discussão sobre a prisão do amigo italiano, acusado de terrorismo, há uma briga a respeito da culpa, se seriam assassinos ou terroristas. Irene, personagem que assume o *alter ego* da diretora, Lúcia Murat, sai da discussão extremamente irritada e é seguida por Zezé, que diz: “Oh Irene, entre gestos conscientes e acidentais, todos matamos, no entanto a gente só sente culpa diante de nossos companheiros assassinados, né? A gente só sente culpa por ter sobrevivido”. Remetendo, assim, à culpa do pós “guerra” e falando sobre as consequências enfrentadas, como tortura

e ameaças de morte, e sobre as sequelas dos sobreviventes, que sentem-se culpados e, ademais, são mal vistos pela opinião pública.

Em *Tatuagem* (2013) é abordada outra perspectiva da subversão, não há cenas de tortura e, assim como em *Eles não usam Black-tie*, o filme mostra uma população humilde, mas, ao contrário dos operários, não há luta por direitos trabalhistas. *Tatuagem* representa a subversão dos costumes e da tradição. A personagem Clécio e os demais membros do *Chão de Estrelas* – grupo teatral composto por “desviantes”: homossexuais, travestis, drogados, gente que defende a liberdade do corpo e do desejo – são figuras que, por seu modo de vida (comunidade), eram perseguidas pela ditadura. Ressalta-se que ideal civilizacional defendido pelas Forças Armadas passava necessariamente por uma sociedade hierárquica, com comportamentos normatizados e um padrão estético semelhante ao modelo “militar”. Assim, o grupo do *Chão de Estrelas*, exemplo da vida contracultural, não é engajado em política no sentido estrito do termo, mas ao seu modo também luta contra a ditadura. E o fazem subvertendo a ordem social, convertendo os papéis do que seria o masculino e o feminino, impondo o corpo nu e a palavra aberta. A subversão pela via do desregramento é o que *Tatuagem* representa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhuma memória social é cristalizada e – assim como a cultura, a história e o próprio tempo – está em contínuo processo de devir. A memória sobre a Ditadura Militar Brasileira tem estado em disputa, o que revela mais sobre os grupos que batalham do que sobre a própria memória. Neste contexto, essa batalha ocorre entre duas facetas do período.

Uma dessas memórias era hegemônica e oficial até o término da ditadura, em 1985, forjada sob os governos militares, com o auxílio da sociedade civil – destacadamente conservadora – que os sustentou por décadas. Ela projetava um país grande, ordeiro e progressista-nacionalista, tendo por base a segurança nacional, a erradicação dos elementos desordeiros e a ação inquestionável de instituições e sujeitos que exerciam o poder formalmente. Essa é a mesma memória que ainda defende, inclusive em práticas sociais, a tortura como método plausível de punição ou para “fazer falar”. Também se manifesta no epíteto “bandido bom é bandido morto” e nos justicamentos. Embora não mais hegemônica, essa memória persiste e persistirá por alguns anos, até que possamos encarar os traumas sociais e as sequelas institucionais de 21 anos de governos autoritários.

No entanto, há outra memória em disputa neste momento, que durante a ditadura permaneceu subterrânea, pois não lhe era permitido circular abertamente. Uma na qual a repressão do período militar não foi outra coisa além de uma ferida no tecido social, um tempo de violência e silenciamento. Um período no qual os direitos individuais e as liberdades estavam cerceados em nome de um progresso e de uma ordem que nunca se efetivaram, a despeito das ações repressivas realizadas em nome do Estado.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI, D. Prefácio. *In*: NAGIB, L. **A utopia no cinema brasileiro**: matrizes, nostalgia, distopias. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BIZELLO, M. L. Hiroshima mon amour: Memória e Cinema. **Baleia na rede**, v. 1, n. 5, 2008. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/baleianarede/article/view/1426>. Acesso em: 6 mar. 2017.
- CODATO, H. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, v. 24, n. 55, jan.-abr. 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/issue/view/2>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. *In*: LIMA, L. C. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- LEME, C. G. A ditadura militar no Brasil em uma abordagem cinematográfica não tradicional: A terceira morte de Joaquim Bolívar. **O olho da História**, Salvador, n. 14, p. 1-16, 2010.
- MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MENESES, U. B. de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 09-24, 1992.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SILVA, T. M. Lembrar, representar ou esquecer? A construção da memória num século de transformações. **Revista Expedições: Teoria & Historiografia**, v. 6, n. 1, p. 239-268, jan.-jul. 2015.

SOUZA, M. L. Cinema e memória da ditadura. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 1, jan.-jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/4472>. Acesso em: 3 abr. 2017.

STIGGER, H.; GERBASE, C. Cinema brasileiro e a experiência da ditadura militar. **Revista ALCEU**, v. 13, n. 25, p. 110-122, jul.-dez. 2012. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=9&infoid=449&sid=37>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Capítulo 4

A saga da imprensa: a ética do real na série Harry Potter

Antônio Donizeti de Carvalho e Larissa Menezes

INTRODUÇÃO

Quando a figura do pequeno garoto de olhos verdes, cabelo preto e cicatriz em forma de raio na testa surgiu, em um livro voltado para o público infantil, ninguém poderia prever o impacto que ele teria na literatura e no cinema. Harry Potter, saga criada pela escritora britânica J. K. Rowling, teve os sete livros que a compõem traduzidos para 80 idiomas, e vendas que atingiram mais de 500 milhões de cópias em todo o mundo, tornando-se a série mais vendida da história¹.

A narrativa ficcional revela aos leitores um mundo mágico, que nem mesmo o menino Harry conhecia, e tem início com *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, lançado em 1997. O último livro da franquia, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, chegou às livrarias em 2007, dez anos depois do primeiro. Apesar de ser uma série fictícia, há na história do personagem diversos elementos de verossimilhança com o mundo real, e um deles é o jornalismo, representado por veículos de comunicação inspirados nos tabloides britânicos, famosos por noticiarem os escândalos no mundo das celebridades – sendo os mais conhecidos na atualidade: *The Sun*, *Daily Mirror* e *Daily Mail*². Na saga, os principais expoentes são o jornal bruxo Profeta Diário e a famosa jornalista Rita Skeeter. De acordo com a autora,

o Profeta não é uma fonte inteiramente imparcial de notícias, e às vezes exhibe uma tendência infelizmente sensacionalista melhor sintetizada pela repórter estrelada Rita Skeeter. Ostensivamente uma fonte de notícias independente, que foi mais de uma vez influenciada

1 Disponível em: <https://poltronanerd.com.br/culturapop/harry-potter-bate-marca-de-500-milhoes-de-livros-vendidos-no-mundo-65335>. Acesso em: 4 nov. 2018.

2 Disponível em: <https://mapadelondres.org/jornais-da-inglaterra/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

pelo Ministério (ou pelo poder governante) para abafar certas histórias (ROWLING, on-line³).

O Profeta Diário é mencionado em todos os livros da série, porém Rita Skeeter é apresentada somente no quarto livro. Sendo assim, serão abordados neste artigo os sete volumes que compõem a série: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

J. K. Rowling – com base em aspectos da televisão, do rádio, do jornal impresso e da revista – introduziu a imprensa na saga, transferindo aos personagens e às instituições diferentes níveis de importância ao longo do desenvolvimento da história. O discurso da mídia influencia diversas relações que se estabelecem no enredo e torna-se substancial para o desenvolvimento da sociedade bruxa.

Cabe avaliar, portanto, como as ações da jornalista Rita Skeeter, principal representante do jornal Profeta Diário, influenciam a trama, levando em consideração os preceitos da ética no jornalismo. Serão analisados três acontecimentos que envolvem o veículo e a jornalista. Os fragmentos podem ser encontrados nos capítulos 18, 19, 31, 35 e 36 do volume *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e foram selecionados por serem representativos da relação com o jornalismo de factoides e da conduta profissional do jornalista.

3 Disponível em: <https://www.pottermore.com/writing-by-jk-rowling/the-daily-prophet>. Acesso em: 11 out. 2018.

As duas primeiras análises serão fundamentadas na semiótica greimasiana, enquanto a terceira será desenvolvida por meio de uma discussão acerca da ética jornalística.

A HISTÓRIA

A história de Harry Potter se passa entre os anos 1991 e 1998, embora os livros tenham sido publicados entre 1997 e 2007. Cada livro equivale a um ano da vida do menino na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e, à medida que o garoto cresce e caminha para a maioridade, que no mundo dos bruxos é 17 anos, a narração também amadurece.

Entretanto, para que seja possível compreender a origem do conflito desenvolvido ao longo dos sete livros, é necessário retornar ao ano 1980, mais precisamente no final do mês de julho, quando o protagonista da série ainda não era nascido. A comunidade bruxa era aterrorizada por Lord Voldemort, considerado por muitos o bruxo das trevas mais poderoso de todos os tempos. Nesse ano, Voldemort recebeu uma profecia que acabou mudando os rumos da história:

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro, pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar... (ROWLING, 2003, p. 680).

Filho de Tiago e Lilian Potter, Harry nasceu em 31 de julho de 1980, ao final do sétimo mês, como dizia a profecia. Por isso, sob o entendimento de que Harry poderia se tornar um obstáculo em sua caminhada pelo poder, Voldemort decide assassinar o bebê para impedir que a profecia se cumprisse. É a partir desse fato que começam a ser escritos acontecimentos importantes que desencadeiam toda a história do “Menino que Sobreviveu”⁴.

Na noite em que Lord Voldemort se dirigiu até a residência dos Potter para matar Harry, descobriu que havia se enganado sobre parte do conteúdo da profecia. Ao matar Tiago e logo depois Lilian, que se sacrificou pelo filho, a maldição da morte lançada em direção ao garoto voltou-se contra o próprio bruxo. Voldemort reduziu-se a uma sombra vaporosa e deixou o bebê apenas com uma cicatriz em forma de raio na testa.

Como só ouviu a primeira parte da profecia, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado⁵ não sabia que, ao tentar assassinar Harry Potter, poderia transferir parte dos seus poderes ao garoto. O sacrifício de Lilian, que entregou a vida para salvar a do filho, colocou sobre o bebê uma forte proteção, pois segundo Alvo Dumbledore⁶ em *Pedra Filosofal*⁷: “ter sido amado tão profundamente, mesmo que a pessoa que nos amou já tenha morrido, nos confere uma proteção eterna” (ROWLING, 2000a, p. 255).

4 Expressão comumente utilizada na trama para se referir a Harry Potter.

5 Expressão comumente utilizada na trama para se referir a Lord Voldemort.

6 Diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

7 Desse momento em diante, serão utilizadas formas reduzidas dos títulos dos livros, contendo somente a segunda parte. Por exemplo, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* torna-se *Pedra Filosofal* (Nota da revisão).

Depois desse acontecimento, a comunidade bruxa não teve mais notícias de Voldemort, e Harry Potter foi levado para a casa de seus tios trouxas⁸, Válter e Petúnia Dursley, seus únicos parentes vivos. Como J. K. Rowling descreve, o Sr. e a Sra. Dursley “se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais” (ROWLING, 2000a, p. 7). Por causa disso, não compactuavam com nada que fosse estranho ou misterioso e nem disseram a Harry a real causa da morte de seus pais.

A história dá um salto e mostra Harry aos 11 anos, que continuava morando com os tios. Considerado um elemento estranho dentro de uma família “perfeita”, composta pelos tios e o filho, Duda Dursley, Harry sofria constantes ataques do primo, que tinha a mesma idade, mas era quatro vezes maior. O menino também herdava as roupas velhas de Duda.

A vida dele era tranquila, não fossem as perturbações causadas pelo primo, mas as coisas começaram a mudar quando Harry recebeu uma carta. Como os tios tinham uma breve ideia do que se tratava, tentaram dificultar o acesso do garoto ao seu conteúdo. Por isso, começaram a chegar inúmeras cartas iguais, mas Harry só conseguiu ler uma quando o meio gigante Rúbeo Hagrid⁹ lhe entregou pessoalmente. Foi ele também quem acabou por contar que o garoto era um bruxo e que seus pais não haviam morrido em um acidente de carro, como os tios diziam.

Na carta, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts informava o garoto da existência de uma vaga em seu nome no corpo discente da instituição, assim como dava informações sobre início do ano letivo e fornecia

8 Pessoas que não são bruxas, ou seja, incapazes de fazer magia.

9 Guarda-caça de Hogwarts e professor da escola na disciplina Trato das Criaturas Mágicas.

uma lista de materiais necessários para os estudos. Após visitar o Beco Diagonal¹⁰, Harry embarcou no Expresso de Hogwarts¹¹. Foi na escola que Harry conheceu seus melhores amigos, Rony Weasley e Hermione Granger, e que sua vida sofreu uma reviravolta.

Com o retorno de Harry Potter ao mundo bruxo, Voldemort pretendia retomar o poder, mas primeiro precisava reestabelecer sua forma humana para ser capaz de executar magia, uma vez que, na situação em que se encontrava, era necessário se apoderar de corpos de animais para sobreviver. Durante os dois primeiros anos da história, mostrados, respectivamente, em *Pedra Filosofal* e *Câmara Secreta*, Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado buscou, em vão, maneiras de recuperar seu corpo.

Lord Voldemort só conseguiu o prodígio no quarto livro da série, *Cálice de Fogo*, quando realizou um ritual de magia das trevas. O bruxo armou uma emboscada para Harry e tirou seu sangue à força, um dos passos para completar o ritual. Assim, o vilão conseguiu seu corpo de volta. Esse fato é importante para compreender o desfecho da história, pois o sangue carregava o sacrifício da mãe do garoto e passa, então, a correr nas veias do bruxo das trevas.

Ao retornar à sua forma humana, Voldemort se manteve na clandestinidade, apoiado pelo medo e incertezas que rondavam seu nome, mas sem deixar de articular maneiras para conquistar seu poder de

10 Área de compras pertencente ao mundo bruxo e localizada em Londres, Inglaterra. Seu acesso se dá por meio de um *pub* chamado Caldeirão Furado.

11 É o nome do trem que realiza a viagem entre a Estação de King's Cross, em Londres, e a Estação de Hogsmeade, onde os alunos da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts conseguem ter acesso à instituição.

volta. Porém as autoridades se negavam a aceitar o retorno do Lorde das Trevas, mesmo quando coisas terríveis começaram a acontecer.

No quinto livro, a Ordem da Fênix¹² se reuniu novamente para tentar retardar os planos de Voldemort e seus seguidores, assim como na última guerra bruxa. Enquanto isso, Harry passou a ser mencionado na mídia – que estava alinhada com o governo – como mentiroso e sedento de atenção, alguém que objetivava estar nas primeiras páginas do jornal.

A profecia, que foi a causa da primeira queda de Lorde Voldemort e retardou sua ascensão ao poder, se tornou novamente o alvo do bruxo, que desejava saber o conteúdo completo antes de continuar com seu principal plano, matar Harry Potter. No entanto, a profecia foi destruída em um combate entre os Comensais da Morte¹³ e os membros da Ordem da Fênix, dentro do Ministério da Magia. Assim, Voldemort se revelou para a comunidade bruxa.

Na busca por soluções para derrotar definitivamente o bruxo das trevas, Harry Potter tomou conhecimento das “Horcruxes”, objetos nos quais Voldemort guardou fragmentos de sua alma, para se tornar imortal. Ou seja, ele só morreria quando todos esses objetos fossem destruídos, eliminando, assim, os fragmentos de alma do vilão contido em cada um.

Para compreender os últimos acontecimentos da série, é necessário voltar para a noite em que Voldemort tentou matar Harry. Ao lançar o

12 Nome de uma sociedade secreta fundada por Alvo Dumbledore para se opor e lutar contra Lord Voldemort.

13 Bruxos das trevas seguidores de Lord Voldemort.

“Avada Kedavra”¹⁴ no garoto e receber o ricochete do feitiço, uma parte da alma de Voldemort se alojou em Harry, tornando-o, acidentalmente, uma sétima “Horcrux”. Todavia, para destruir a última parte do vilão e derrotá-lo, o Menino Que Sobreviveu precisava se sacrificar. Ao se dirigir para a Floresta Proibida, Harry se entregou, e a parte de alma alojada no corpo do garoto foi morta pelo próprio vilão. Harry continuou vivo, e no pátio do castelo de Hogwarts ocorreu o duelo final, no qual Voldemort foi finalmente derrotado.

O PROFETA DIÁRIO E RITA SKEETER

O Profeta Diário é o principal veículo de comunicação da saga Harry Potter. O jornal impresso, cuja sede fica localizada no Beco Diagonal, é entregue diariamente por corujas a quase todos os lares bruxos do país. O pagamento é realizado colocando moedas em uma bolsa de papel amarrada à perna da coruja. Quando acontece algo particularmente interessante, uma edição do Profeta Noturno é veiculada.

O Profeta Diário exhibe, às vezes, uma tendência sensacionalista melhor sintetizada pela repórter Rita Skeeter. Apesar de se afirmar como fonte de notícias independente, foi influenciado mais de uma vez pelo Ministério da Magia para abafar certas histórias. Sua motivação primordial, de acordo com J. K. Rowling, “pode ser encontrada em seu nome, ‘profeta’, sendo um homônimo de ‘lucro’¹⁵ (embora eu também tenha

14 Conhecido também como a Maldição da Morte, faz parte das Maldições Imperdoáveis, juntamente com a Maldição Cruciatas e a Maldição Imperius. A pessoa atingida por esse feitiço tem morte instantânea e indolor.

15 Na língua inglesa, “prophet” tem semelhança sonora com a palavra “profit”, que é o termo empregado para lucro.

sido tomada pela ideia de um jornal bruxo alegando o conhecimento prévio das notícias que virão)” (ROWLING, on-line¹⁶).

A jornalista Rita Skeeter nasceu em 1951, e J. K. Rowling a descreveu da seguinte maneira: “Dobrando a verdade, perfurando o que ela considerava ser ‘reputação inflada’ com sua pena venenosa, transformando-se em um besouro para escutar conversas com sua habilidade como um animago” (ROWLING, on-line¹⁷).

A saga não fornece informações que indiquem se Rita nasceu em uma família de sangue puro ou mestiça. Ela era um “animago”, ou seja, uma bruxa capaz de tomar a forma de um animal, no seu caso um besouro verde. No entanto, era um “animago” ilegal, pois não se registrou no Ministério da Magia, conforme ditava o regulamento. Ela utilizava esse recurso secreto para espionar a vida das pessoas e, além disso, contava com a ajuda de uma pena que tinha a função de registrar tudo o que lhe diziam.

A primeira aparição de Rita Skeeter na série acontece somente no quarto livro, em virtude do “Torneio Tribruxo”¹⁸. O diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore, permitiu que o Profeta Diário entrevistasse os quatro campeões, e a encarregada de realizar a entrevista foi Skeeter. Ela publicou várias notícias bastante grosseiras durante a cobertura do Torneio.

16 Os parágrafos anteriores são tradução livre, a partir do original retirado do site: <https://www.pottermore.com/writing-by-jk-rowling/the-daily-prophet>.

17 Disponível em: <https://www.pottermore.com/explore-the-story/rita-skeeter>. Acesso em: 11 out. 2018.

18 Campeonato entre as três maiores escolas de Magia da Europa: Academia de Magia Beauxbatons, Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e Instituto Durmstrang. Cada escola é representada por um campeão, que concorre à Taça Tribruxo ao final da realização de três tarefas.

De maneira sensacionalista, ela utilizou a desculpa de entrevistar os quatro campeões para falar diretamente com Harry Potter em um armário de vassouras. E escreveu, distorcendo o que tinha sido dito, afirmando que ele era um menino traumatizado, que chorava durante noites pela falta de seus pais e que teria uma relação romântica com Hermione Granger. Muitos amigos de garoto, inclusive Molly Weasley, mãe de Rony, acreditaram na matéria.

Outra vítima de Skeeter foi Rúbeo Hagrid. Rita fez uma série de perguntas sobre Harry para o guarda-caça e, quando ele se recusou a responder, a repórter publicou matérias ofendendo-o e difamando-o, dizendo que era um selvagem e que usava seu tamanho para intimidar os estudantes. Hermione também foi um alvo, quando a jornalista escreveu uma matéria relatando que ela estaria confusa em relação a seus sentimentos por Harry e Vitor Krum, um jogador de “quadribol”.

Meses depois, a repórter publicou uma matéria em que desacreditava Harry Potter. Por causa dessa reportagem, Cornélio Fudge, Ministro da Magia, não acreditou em Harry quando o garoto contou que havia testemunhado a volta de Lord Voldemort ao final do “Torneio Tribruxo”. O fato também ajudou o Ministério a iniciar uma campanha de difamação contra Harry e Dumbledore, no quinto livro da saga.

Hermione descobriu que Rita era um “animago” não registrado e, quando a repórter assumiu a forma de um besouro para obter informações sobre o trio (Harry, Rony e Hermione), prendeu-a em um pote de vidro. Hermione ameaçou-a, dizendo que se não parasse de escrever reportagens mentirosas por um ano, seria delatada para o Ministério da Magia.

Além do Profeta Diário, Rita escreveu para a revista O Pasquim, de Xenofílio Lovegood. Em *Ordem da Fênix*, Hermione entrou em contato com Rita e ameaçou-a para que fizesse uma entrevista com Harry Potter sobre a volta de Voldemort para a revista. Harry deu informações sobre a forma física assumida pelo bruxo das trevas e revelou o nome de seus comensais da morte.

Em *Enigma do Príncipe*, Rita participou do funeral de Dumbledore e no mesmo ano escreveu um livro difamatório e cruel sobre a vida do diretor intitulado “A vida e as mentiras de Alvo Dumbledore”, considerado um *best-seller* internacional. Por mais que o livro tenha retratado o ex-diretor de forma pejorativa, havia muitas verdades nele. Harry supõe, no entanto, que Rita tenha conseguido algumas informações de maneira antiética e ilegal. Grande parte delas foi dada pela historiadora Batilda Bagshot, em quem Skeeter utilizou “Veritaserum”¹⁹ para obter informações sobre a infância de Dumbledore e sobre sua relação com a irmã Ariana, que foi descrita de forma exagerada.

OS ELEMENTOS DE VEROSSIMILHANÇA

Autores de ficção incorporam elementos da realidade à sua escrita – por exemplo, objetos, lugares, personagens e épocas históricas, leis, entre outros – que facilitam a criação de um elo entre o emissor e o receptor e permitem a imersão total no enredo apresentado. J.K. Rowling consegue, com maestria, introduzir uma série de aspectos, como a estrutura governamental, profissional e o esporte bruxo, que possuem muitas semelhanças com a realidade.

19 Poção da verdade. Quem a toma não consegue mentir e nem omitir fatos.

Sendo assim, torna-se compreensível, porque a ficção se estrutura na realidade. Conforme Nascimento e Santos (2012), “a ficção é aquela narrativa irreal imaginada a partir das percepções pessoais da realidade, pois apenas ao apreender a realidade que se pode buscar outros mundos que fujam do contexto social que cerca cada indivíduo” (NASCIMENTO; SANTOS, 2012, p. 232).

Ao revelar em *Cálice de Fogo* que Rita Skeeter se transformava em um besouro para se infiltrar em Hogwarts e obter informações de maneira ilícita, J. K. Rowling acabou dando um novo significado para a ação de grampo telefônico. A atividade ilegal da jornalista é bastante parecida aos escândalos de hackeamento de telefone que abalaram o *News of the World* entre os anos de 2005 e 2011, o jornal dominical mais vendido da Grã-Bretanha. O tabloide britânico precisou fechar suas portas, em 2011, após acusações de que seus funcionários estariam envolvidos em interceptação ilegal de telefones. A justiça condenou à prisão o correspondente Clive Goodman e o investigador Glenn Mulcaire por grampo ilegal em telefones de membros da família real. Milhares de pessoas, entre elas atores, políticos, jogadores de futebol e apresentadores de TV também tiveram seus telefones hackeados²⁰.

Já no livro seguinte, *Ordem da Fênix*, o Profeta Diário tentava evitar os relatos do retorno de Voldemort para desacreditar Harry e Dumbledore. Quando questionada, Rita Skeeter confirmou o posicionamento do jornal, dizendo que o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, se recusava a aceitar a volta do bruxo das trevas. Ela disse ainda: “O *Profeta* existe para vender exemplares, sua tolinha” (ROWLING, 2003, p. 462). A autora da saga justificou o discurso da repórter, afirmando que “nas

20 Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110707_entenda_news_of_the_world_mm. Acesso em: 14 nov. 2018.

publicações bruxas, a integridade dificilmente vai contra as margens de lucro, assim como para os jornalistas trouxas” (ROWLING, on-line²¹).

Para os bruxos que liam o Profeta Diário e também para o Ministro da Magia, a segunda ascensão de Voldemort ao poder não aconteceu, e o jornal se impôs como uma fonte de notícias tão legítima que as pessoas começaram a duvidar do caráter de Harry, até mesmo seus próprios amigos.

No mundo real, a mídia também manipulou as informações as quais o público acessava durante a Guerra do Golfo. Entre janeiro e março de 1991, o jornal britânico *The Guardian* publicou três reportagens de Jean Baudrillard²², que juntas foram nomeadas “A Guerra do Golfo não se realizou”. Esse conflito armado teve início em agosto de 1990, envolvendo forças da Coalizão internacional, lideradas pelos Estados Unidos, depois que as tropas iraquianas atacaram o Kuwait²³. O estudioso argumentou que a propaganda da mídia impedia que o público soubesse o que estava acontecendo e que a guerra tinha sido mais um massacre das tropas iraquianas do que batalhas entre exércitos.

Quando a Segunda Guerra Bruxa teve início, em *Relíquias da Morte*, as comunicações se tornaram clandestinas, principalmente o programa de rádio Observatório Potter, criado para espalhar notícias sobre a luta contra Voldemort, uma vez que o Profeta Diário estava sendo controlado por Comensais da Morte. A rádio era administrada por Lino

21 Disponível em: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>. Acesso em: 11 de out. 2018.

22 Sociólogo e filósofo francês que viveu entre os anos 1929 e 2007.

23 Disponível em: https://www.suapesquisa.com/historia/guerra_do_golfo.htm. Acesso em: 14 nov. 2018.

Jordan²⁴ e todos os bruxos que participavam dos programas recebiam um codinome. Para sintonizar era exigida uma senha, que mudava toda semana.

As táticas narradas por Rowling, no sétimo e último livro da saga, estão bem próximas da rede de rádios utilizada pela Resistência Francesa quando a França teve seu território ocupado, durante a Segunda Guerra Mundial. As radiocomunicações foram fundamentais para disseminar informações e, assim como nesse evento histórico, os operadores do Observatório Potter eram bastante inexperientes e corriam riscos frequentes de serem descobertos e capturados²⁵. Diante disso, Rowling concluiu:

Magia pode mudar os métodos do jornalismo, mas não pode alterar a natureza, ou remover o desejo público de saber exatamente o que está acontecendo – mesmo que nunca tenhamos uma visão completa. É estranhamente reconfortante saber que temos muito em comum, não acha? (ROWLING, on-line²⁶).

A declaração de J. K. Rowling reafirma sua intenção de utilizar em sua narrativa elementos que se assemelham em todos os sentidos possíveis ao jornalismo real.

24 Estudante da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e melhor amigo dos irmãos gêmeos de Rony Weasley, Fred e Jorge Weasley.

25 Os parágrafos anteriores são tradução livre, a partir do original retirado do site: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>.

26 Disponível em: <https://www.pottermore.com/features/journalism-in-the-wizarding-world>. Acesso em: 11 de out. 2018.

Ao tentar tomar conhecimento sobre um fato, é necessário apreender racional e sensivelmente em qual posição social encontra-se o indivíduo. O objeto é coberto de conhecimento devido à percepção e cognição que lhe são inseridas socialmente em virtude do processo de desenvolvimento do ato de conhecer, como defende Muniz Sodré, “um jogo entre o homem e o mundo” (SODRÉ, 2012, p. 9). O autor ainda complementa que

Esse “pôr-se em jogo” (em latim, *in-ludo*, donde, *illusio*) é o mesmo que “ilusão”. Atribui-se à palavra *mito* a mediação realizada pelo homem da Antiguidade: as ilusões míticas, os véus que cobriam as verdades comuns, mais *revelavam* do que explicavam o real. Assim, regido, o homem antigo *narrava* os acontecimentos essenciais à conexão das coisas que, em sua totalidade, constituíam o *cosmos* ou o *mundo* enquanto forma primordial de sua existência. São indissociáveis do mito os acontecimentos relatados pelo primeiro “historiador” do Ocidente, o grego Heródoto (SODRÉ, 2012, p. 9).

No entanto, a *ideologia*, compreendida como uma composição racional das significações, toma o lugar do mito. Com o passar dos anos, a palavra teve diferentes significados e usos, em algumas ocasiões foi expressa como produção de falsa consciência, em outras como visão de mundo, e essa última acabou aumentando seu sentido semântico. Desse modo, a palavra ocupa posições diversas nos discursos, sejam eles individuais ou coletivos. É usada como instrumento de poder, em que ideias e pensamentos podem ser distorcidos da realidade para que o argumento utilizado seja favorecido. Em resumo, “ideologia significa aqui a luta discursiva que se trava para decidir quem domina” (SODRÉ, 2012, p. 10).

Ao levar em consideração a forma de manifestação social do conteúdo (processos, enunciados, significações, imagens etc.), em relação à produção de sentido, a ideologia pode ser considerada uma força de interação social, podendo adquirir valor cognitivo, desde que fique claro o significado do termo nesse ponto.

Ao ser inserida na história, como meio de comunicação da burguesia – classe social capitalista cujos membros são proprietários do capital e que possui como objetivo final o lucro²⁷ –, a imprensa revela-se ideológica em mais de um sentido. Na modernidade, os meios de comunicação burgueses seguem enraizados às mesmas exigências históricas que regem o fenômeno da construção do mundo por meio de um discurso elucidado. Com isso, o livre mercado leva a classe burguesa a fazer exigências a si mesma, objetivando produzir uma racionalidade universal para o ato da fala, em que, de acordo com Sodré, “a legitimidade do enunciado proviesse da própria razão discursiva e não do lugar privilegiado do falante. Desde então, a imprensa ocidental alimenta-se, em seus melhores momentos, de uma *ideologia da transparência pública*” (SODRÉ, 2012, p. 11).

Assim, é possível citar o conceito europeu de esfera pública, em que a ideologia e a intelectualidade burguesa se materializavam em instituições como cafés, clubes, jornais e revistas, e formavam um discurso político crítico e democrático. Dessa maneira, o jornalismo se encaixa apenas como uma das atividades do interior dessa esfera. Houve períodos na Europa em que o jornal diário era mais reservado e só mais tarde adotou um espírito liberal.

27 BURGUESIA. **Significados**, 2018. Disponível em: <https://www.significados.com.br/burguesia>. Acesso em: 14 nov. 2018.

É perceptível, nessa mudança, que a imprensa tinha a intenção de esclarecer o público, ao revelar o que se ocultava nos esconderijos do poder, por exemplo, os “segredos de Estado”, para tentar convencê-lo sobre uma ideia ou causa como geradora de modernização e progresso. Com a transição do Estado absolutista para o Estado de direito, a imprensa – como porta-voz dos direitos civis que dão início à modernidade da cidadania – passou a abordar a novidade ideológica da liberdade de expressão, sem abandonar algumas velhas crenças mitológicas, como a construção de uma narrativa voltada para si mesma, colocando-se como instituição que administra a verdade dos fatos sociais e também a verdade na narração da realidade.

A narrativa da imprensa mantém o compromisso histórico com a ética do liberalismo. Desde o início do regime republicano, é função da mídia assegurar ao cidadão a representação de sua palavra e seus pensamentos, com a garantia de que possa se expressar e se manifestar publicamente. A partir desse dever, que se torna virtude primordial do jornalismo, se propaga o pacto entre os meios de comunicação e o público receptor. O jornalista deve noticiar uma verdade, desde que o enunciado pertença a um fato selecionado de acordo com seu grau de importância.

Originada do conceito das liberdades civis estabelecidas pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, essa virtude advém da definição e do empenho de liberais como Benjamin Constant. Ele dizia que, entre todas as liberdades, a de imprensa não poderia ser suspensa, pois condicionaria as outras. Desse modo, a imprensa livre conseguiu ser reconhecida como obra do espírito objetivo moderno, e, assim, como ressalta Sodré,

Constituir um pano de fundo ético-político que tornaria escandaloso para a consciência liberal, em qualquer parte do mundo, o fenômeno do jornalismo sensacionalista, ou tornaria condenável pela consciência moral do jornalista pelo falseamento ou encobrimento da verdade factual (SODRÉ, 2012, p. 13).

Depois que a fase inicial foi ultrapassada e o foco da imprensa foi definido, surgiu um novo interesse, o empresarial, que dificilmente conseguia fugir das manipulações e da corrupção política. Outro foco que a imprensa ganhou se relacionava com os fatos relativos à realidade sociopolítica do público, envoltos na defesa dos direitos dos cidadãos, locais ou mundiais. O jornalismo fica preso a essa contradição, pois, se por um lado precisa ser transparente com o público, por outro seu mito – fundamentado no resgate da verdade sem interferência da necessidade de lucros – o cerca de opacidade, uma vez que a lucratividade se tornou primordial para a profissão.

Ao longo do século XX, o discurso de objetividade, isenção e empenho ético foi trocado pelo silêncio e adesões aos atos de guerra e massacres cometidos por sucessivos governos em várias partes do mundo. De acordo com Sodré, “a submissão do jornalismo americano ao espírito da ‘Era Bush’ acabou com as velhas ilusões liberais sobre a independência da imprensa” (SODRÉ, 2012, p. 13).

Dessa maneira, o mito do liberalismo acompanha a ideologia do poder. Existem, portanto, diversas técnicas que encobrem o jogo de poder que constitui o jornalismo, que consistem em homogeneizar discursos sociais e em edição dos fatos, assim como acontecia nos primórdios da prática do jornalismo na Europa e com o nascimento da imprensa moderna. Os pontos de vista ou perspectivas podem variar de um lugar para o outro, embora a forma apresentada seja a mesma. Sendo assim,

a imprensa sela um compromisso com o tratamento dos fatos, sempre se amoldando ao avanço tecnológico.

O discurso é o produto básico do mercado simbólico da comunicação, e onde existe discurso haverá disputa em torno da produção de sentido, ou seja, da ideologia. Outro destaque envolve as diferentes estratégias que cada veículo de comunicação produz para que sua identidade editorial permaneça em suas publicações. Essa identidade é construída com base na relação entre o jornal e seu público e possibilita que cada um relate acontecimentos cotidianos de acordo com sua ideologia, pontos de vista, doutrinas e preferências políticas.

O jornalismo, por sua vez, mobiliza tipos de discursos diferentes, mas se apoia na notícia pela sua centralidade conceitual moderna. Esse modo de captação e comunicação do fato se revelou como uma das estratégias da ideologia mercadológica para o esquecimento dos processos de discurso e imaginação que rodeiam a construção do acontecimento. A questão aqui não são as manipulações ou mentiras, mas sim as interpretações que podem utilizar recursos da ficção literária com o objetivo de criar uma melhor compreensão de sentidos. Mesmo apostando em um discurso neutro, a notícia não desconsidera, muitas vezes, o apelo à carga emocional contida nos estereótipos vindos das ficções e resíduos míticos.

Os avanços tecnológicos possibilitaram o aparecimento de mídias híbridas, e, em uma perspectiva de produção de notícias em grande escala para obtenção de lucros, o jornalismo deixou de ser uma categoria exclusiva nos meios de comunicação, ou seja, deixou de se pautar pela imparcialidade e objetividade no relato dos fatos. Assim, o texto de jornal passou a representar um tipo de intervenção na língua, utilizando-se

dos recursos da clareza e da concisão, permeado pela estrutura ideológica do sistema, no qual se reafirma a transparência da realidade em virtude da evidência noticiosa dos acontecimentos. Para Sodré,

É, porém, uma presunção que esconde as refrações, as distorções e a mística do que se pretende erigir como espelho do real. De fato, embora a ideologia que preside à elaboração corporativa do discurso informativo pretenda cingir-se tão só às diretrizes do pragmatismo e da lógica mercantil, descartando a imaginação, não-visto e o que esteja aquém do fato, a parte excessiva do acontecimento o atrai, de um modo ou de outro, mas predominantemente por meio da narrativa, para algumas das águas turvas de onde surge o brilho da ficção (SODRÉ, 2012, p. 16).

É possível compreender, então, que o jornalismo e a literatura caminharam lado a lado, entrelaçam-se e depois se afastam. Isso acontece, principalmente, depois que a imprensa ganha uma característica industrial, a partir da metade do século XIX. No início da era moderna, o jornalismo e a literatura se relacionavam somente pelo ato da escrita, mas, conforme o texto jornalístico evoluía da notícia para a reportagem, surgiu a necessidade de aperfeiçoar as técnicas de tratamento da mensagem.

A partir disso, os jornalistas se inspiraram na arte literária, segundo Edvaldo Pereira Lima, “para encontrar os seus próprios caminhos de narrar o real” (LIMA, 2009, p. 174). E, em contrapartida, não é difícil perceber por que muitos escritores acharam no jornalismo, nessa época pioneira, “tanto um eventual meio de subsistência quanto um canal para o aprimoramento e a promoção do talento literário” (LIMA, 2009, p. 174).

Na realidade, jornalismo e literatura se confundem até os primeiros anos do século XX. Muitos jornais abriram espaço para a arte literária, na produção dos folhetins e publicação de suplementos literários. Os instrumentos de expressão distribuídos pela imprensa industrial iniciante e pela literatura se confundiam, contudo, foi a dificuldade de criar algo novo e diferente que fez com que esses campos caminhassem juntos por longos anos.

Desse modo, essa convergência fazia com que o jornalismo se sustentasse na boemia literária. Foi somente na virada de 1900, com as obras urbanísticas de Pereira Passos, no Rio de Janeiro, capital da federação à época, que a separação entre os dois começou a acontecer. Lima, por sua vez, utiliza as palavras de Nelson Werneck Sodré para explicar a transição:

O que fizera desaparecer a boemia, entretanto, não fora a obra de Pereira Passos, mas a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível; é essa mesma causa que começa a exigir alterações na imprensa. Tais alterações serão introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e os mundanos. Ao homem de letra, a imprensa impõe, agora, que escrevam menos elaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias (SODRÉ, 1997²⁸, p. 339 apud LIMA, 2009, p. 177).

28 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

O jornalismo absorve elementos do fazer literário, transformando-os e dando aproveitamento direcionado para a prática da profissão. Já a literatura, além de manter o seu interesse na escrita, se apoia na representação do real e utiliza a verossimilhança para compor sua narrativa. Num primeiro momento, o jornalismo se sustenta na literatura; num segundo, é esta que encontra naquele uma maneira de reciclar sua prática. Portanto, não mais somente a escrita é colocada em jogo, mas a ficção que se fundamenta naquilo que é real.

A partir desse ponto, é possível apresentar os fundamentos da verossimilhança na ficção. Para isso, Antônio Cândido (2007) utiliza-se do argumento de que, na leitura de um romance, o que fica para o leitor é a impressão de uma série de fatos e, em primeiro lugar, a lembrança das personagens.

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2007, p. 55).

De fato, existem afinidades e diferenças fundamentais entre o ser vivo e as personagens da ficção. As diferenças, nesse caso, são tão importantes quanto as afinidades para produzir o sentimento de verdade, ou seja, a verossimilhança.

Por fim, é possível compreender que as relações que constituem o jornalismo devem ser pautadas pela ética, que, segundo Francisco José Karam (1997), somente pode ser construída, em bases reais,

se levarmos em conta a necessidade de que, na particularidade do jornalismo, o que se desdobra é a própria complexidade crescente da humanidade, que carrega consigo não apenas atos, fatos, versões e opiniões, mas igualmente os valores embutidos na carga moral em que se configuram diariamente (KARAM, 1997, p. 42).

No mundo, o tempo é dividido em períodos: anos, meses, dias, horas, minutos, segundos e assim por diante. Contudo, nenhum dia é igual ao outro e os acontecimentos diários importantes, que envolvem pessoas, ao mesmo tempo, leitoras e fontes de notícias, é que interessam ao público. Desse modo, a quantidade de fatos, considerando também suas consequências imediatas, demanda uma interferência rápida e global. Essas informações, entregues de forma periódica, permitem que quem não vivenciou conheça o que aconteceu de forma simultânea e gradativa. Essa apropriação, de certo modo globalizada, também está relacionada ao compromisso ético do jornalista, uma vez que possibilita que pessoas participem do mundo e o influenciem a partir do conhecimento ofertado.

Ao qualificar o jornalismo como mediador do mundo, Karam (1997) argumenta que existe uma necessidade de refletir sobre a estruturação diária da informação e “sua consecução no gesto técnico competente, no ato político consciente, na proposição que entende a realidade como algo que deve ser percebido em sua abrangência e complexidade” (KARAM, 1997, p. 43), para que os indivíduos possam participar da vida em sua dimensão pública. Assim, para entender a extensão

ética da atividade jornalística, é necessário questionar seu conceito e seu propósito. Para obter essas respostas, não basta apenas avaliar a prática da profissão, deve-se considerar os preceitos morais e éticos que a respaldam.

Quando o jornalismo se envolve na esfera moral em que está inserido, é normal o surgimento de uma série de dúvidas, perguntas, perplexidades ou certezas prematuramente definidas. Karam (1997) estabeleceu algumas:

como fazer respeitar a privacidade do cidadão, quando ele está no mundo, e seus atos, em muitos casos, possuem tal relevância que as demais pessoas precisam ter conhecimento deles? Como respeitar a privacidade da pessoa pública, que, na suavidade da noite, vai tecendo uma negociata na qual o Estado perde dinheiro e, por consequência, o cidadão se vê prejudicado em serviços de saúde, educação, transportes? Como defender um jornalista que, em busca da fama, prestígio e poder envolve, na informação, a vida privada de uma personalidade pública para obter dividendos pessoais e alega, para isso, que o fato possui relevância social? (KARAM, 1997, p. 44).

As respostas para essas perguntas exigem profundos debates e reflexões, todavia, Karam (1997) evidencia uma única solução para o impasse: somente a práxis jornalística, colocada no contexto geral dos desdobramentos sociais da humanidade, é capaz de fazer com que o jornalismo seja engrandecido e tenha alguma potencialidade revolucionária diante do “andar natural e espontâneo do mundo” (KARAM, 1997, p. 47).

A SEMIÓTICA GREIMASIANA

A semiótica greimasiana estuda a significação, definida no conceito de texto. Desse modo, o texto pode ser explicado como uma relação entre plano de expressão e plano de conteúdo. Antonio Vicente Pietroforte (2010) estabelece uma relação entre os dois termos:

O plano de expressão refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano de conteúdo refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético (PIETROFORTE, 2010, p. 11).

Sistemas verbais são o que Pietroforte (2010) chama de línguas naturais, e os não-verbais são, por exemplo, as artes plásticas e a música. Assim, os sincréticos são capazes de unir várias linguagens de manifestação, como acontece na junção do sistema verbal com o não-verbal, como nas histórias em quadrinhos e nas canções. Isso significa que um mesmo conteúdo pode se expressar por diferentes planos de expressão, sejam eles de ordem verbal, não-verbal e/ou sincrética.

Portanto, o sentido de um texto está em seu plano de conteúdo e, ao ser definido nesse plano, ele pode ser ilustrado em uma teoria semiótica, cujo objetivo é a descrição dos processos que o formam, ou seja, a significação. Por sua vez, a semiótica proposta por A. J. Greimas contempla o sentido como algo que se engendra no decorrer de um percurso gerativo.

PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

No processo de geração de sentido, a semiótica estabelece um nível fundamental que permite ir no sentido da formalização de sua camada mais geral e abstrata. Além disso, define o sentido como uma rede de relações, ou seja, os elementos do conteúdo só adquirem sentido por meio das relações que se estabelecem entre eles.

A narrativa, por sua vez, quando encontra um tema comum entre dois objetos cênicos, promove sua primeira abstração cujo nível é definido por uma categoria semântica localizada dentro do nível fundamental, indicada por termos contrários, por exemplo, “vida vs. morte”. Dessa maneira, a rede fundamental é formalizada no modelo do quadrado semiótico.

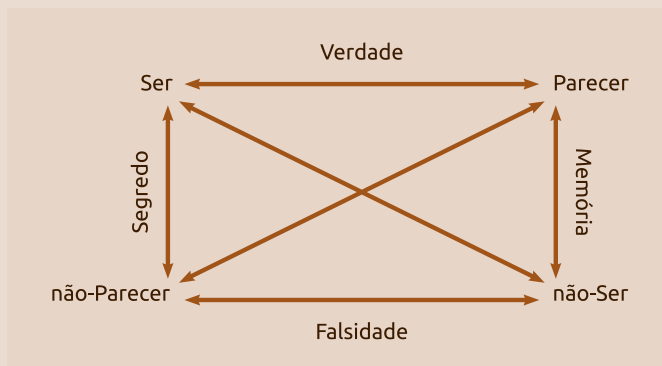


Figura 1 – Quadrado semiótico.

Fonte: Elaborada pelos autores.

As setas do quadrado marcam os possíveis percursos, e os termos que apresentam dupla negação são caracterizados como “contrários” e os

que apresentam apenas uma negação são contraditórios. No exemplo, quando “vida e morte” se opõem, surge um terceiro termo que não é nenhum dos dois. Na oposição entre “vida” e “não-vida”, não existe possibilidade de um terceiro termo. Em paralelo às relações de contrariedade e contradição, acontecem as relações de implicação entre “vida” e “não-morte” e “morte” e “não-vida”, uma vez que afirmar a “vida” implica em negar a “morte” e vice-versa. Dessa maneira, Pietroforte (2010) conclui que

por meio de operações de afirmação e de negação, o quadrado semiótico sistematiza uma rede fundamental de relações de contradição, contrariedade e implicação. Além dessas relações entre os termos simples, há no quadrado semiótico um termo complexo, gerado pela simultaneidade dos termos simples afirmados, e um termo neutro, gerado pela simultaneidade de suas negações (PIETROFORTE, 2010, p. 14).

Assim, a categoria semântica pode mudar, contudo, as relações sintáticas do quadrado permanecem iguais. Além do exemplo apresentado, a semiótica pode definir outras, como “natureza vs. cultura”, “opressão vs. liberdade”, “identidade vs. alteridade” etc. Desse modo, os conteúdos apresentados no texto são capazes de determinar qual categoria está sendo abordada que, de modo geral, pode ser representada como “s1 vs. s2”.

Paralela a essa dimensão inteligível, a semiótica investiga como o ser vivo se relaciona com ela sensivelmente, imprimindo qualidades positivas a um dos termos e negativas ao outro. A sensibilização positiva é chamada “euforia”, e a negativa, “disforia”. Sendo termos contrários, têm-se “euforia vs. disforia”, que constituem a categoria

fórica e, ao lado da categoria semântica “s1 vs. s2”, estruturam o nível fundamental. Quando projetada sobre a categoria semântica, a categoria fórica estabelece a orientação do percurso entre os termos do quadrado semiótico.

NÍVEL NARRATIVO

Em uma narrativa, as transformações de estado, ou seja, as ações executadas pelo sujeito em busca de um objeto de valor, são cruciais para que ela se desenvolva. Dessa maneira, a formalização dessas transformações, em um modelo teórico, integra o nível narrativo do percurso gerativo de sentido. Para a semiótica, a narratividade de um texto é caracterizada pelas relações de junção que o sujeito assume com seu objeto de valor. Na conjunção, o sujeito está junto de seu objeto e, na disjunção, está separado dele.

O estado de conjunção, portanto, é representado por (Suj. $\cap$ Obj.); o de disjunção, por (Suj. $\cup$ Obj.); e o fazer transformador, por $\rightarrow$. Sendo assim, a narrativa mínima tem o esquema: (Suj. $\cup$ Obj.) $\rightarrow$ (Suj. $\cap$ Obj.), podendo partir no sentido contrário, em que a conjunção se transforma em uma disjunção. São, portanto, definidos dois tipos de enunciados elementares: “enunciados de estado, que podem ser de conjunção ou de disjunção, e enunciados de fazer, que dizem respeito às ações que promovem transformações nos enunciados de estado” (PIETROFORTE, 2010, p. 16).

Já em uma narrativa mais complexa, existe, pelo menos, um programa principal cercado de subordinados, que recebem os nomes, respectivamente, de programa narrativo de base e programas narrativos de

uso. Chama-se de *performance* a execução do programa de base e, para realizá-lo, o sujeito narrativo deve adquirir a competência necessária. Os programas de uso, que conferem essa competência, por sua vez, são formalizados pela semiótica “como representantes de um saber ou um poder, ou seja, um saber-fazer e um poder-fazer, relativos à *performance*” (PIETROFORTE, 2010, p. 16). A relação entre competência e *performance* explica o que a semiótica nomeia percurso narrativo da ação. Existem mais dois percursos narrativos: o da manipulação e o da sanção.

Para que um sujeito inicie um percurso de ação, ele precisa ser manipulado para isso. O manipulador é chamado de destinador e o manipulado, destinatário da manipulação. Assim, a semiótica se utiliza de quatro tipos de manipulação, como demonstra Pietroforte (2010):

Quando o destinador manipulador usa seu poder sobre o manipulado, pode oferecer a ele um objeto de valor positivo ou negativo. Quando o objeto é positivo, ele procura manipular por meio do querer do destinatário, como é o caso dos prêmios e das recompensas. A semiótica chama esse processo de tentação. [...] Contrariamente, quando o objeto é negativo, o destinador manipulador procura incitar o dever do destinatário, como é o caso dos castigos. Esse processo é chamado intimidação. [...] Quando o destinador manipulador usa de um saber sobre o destinatário, ele sabe fazer uma imagem positiva ou negativa dele, já que, com uma imagem positiva, ele se vê com vontade de confirmá-la. Esse processo é chamado sedução. [...] Contrariamente, na imagem negativa, o destinatário vê-se obrigado a negá-la, assumindo, portanto, um dever. Esse processo é chamado provocação (PIETROFORTE, 2010, p. 17).

Para agir, não basta apenas adquirir poder e saber durante a ação, o sujeito narrativo precisa também assumir o querer ou dever. As palavras

querer, dever, saber e poder são denominadas pela semiótica como objetos modais e sem elas não há realização da *performance*. Após sua realização, a *performance* é sancionada ou não por um destinador julgador. No julgamento, “ele avalia de acordo com o ser e o parecer do que foi realizado pelo destinatário da sanção” (PIETROFORTE, 2010, p. 17). Quando “é” e “parece”, existe uma verdade, e quando “não é” e “não parece”, a falsidade. Quando “parece”, mas “não é”, existe uma mentira, e quando “é”, mas “não parece”, o segredo. Dessa maneira, o percurso da sanção utiliza a articulação “ser vs. parecer”.

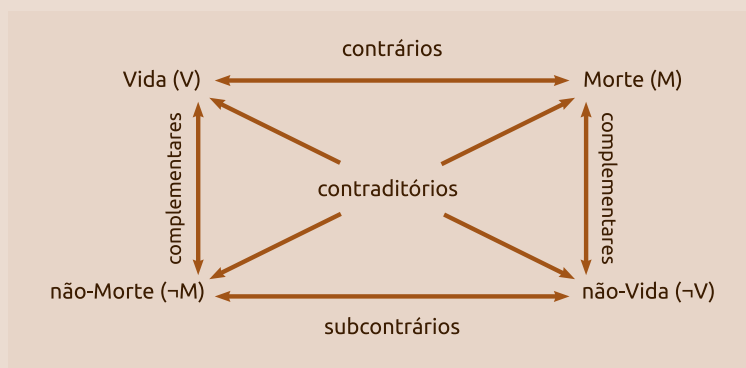


Figura 2 – Percurso da Sanção.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Os percursos de ação, manipulação e sanção compõem o sistema narrativo. Por conseguinte, os níveis fundamental e narrativo marcam a instância semionarrativa da geração de sentido. A última análise, portanto, acontece respaldada no nível discursivo, responsável pela concretização dessa instância geral e abstrata em um enunciado particular.

O discurso, em geral, realiza-se na forma de um enunciado, que, por sua vez, é elaborado por uma enunciação. A enunciação, entretanto, é considerada uma instância pressuposta, uma vez que é o enunciado que se apresenta como produto do semiótico²⁹. Assim, a enunciação é tida como a instância de produção do discurso. Para que essa produção seja efetivada, enunciator e enunciatário são definidos e a relação entre os dois produz a enunciação.

Os três recortes de análise foram retirados, respectivamente, dos capítulos 18 (A pesagem das varinhas), 19 (O Rabo-Córneo húngaro) e 31 (A terceira tarefa) de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Cada um deles resgata um aspecto do jornalismo. No primeiro, tem-se uma entrevista realizada por Rita Skeeter com Harry. No segundo, o parecer do leitor é colocado em prática: em uma conversa com Harry, seu padrinho, Sirius Black, faz um comentário a respeito de uma reportagem publicada pelo Profeta Diário, escrita pela repórter. Já no terceiro recorte, tem-se por base uma reportagem de Skeeter sobre o Menino que Sobreviveu.

É importante ressaltar que essa análise permeia o percurso gerativo de sentido de Greimas, apresentado por Pietroforte (2010). O intuito é revelar como as ações da jornalista Rita Skeeter influenciam nos acontecimentos da trama, ao apresentar o desfecho de todos os fatos narrados nas cenas de recorte, confirmando a sanção, que é o último elemento do nível narrativo de Greimas.

Para melhor compreender esse percurso, é preciso contextualizar o enredo apresentado no quarto livro da série. Em *Cálice de Fogo*, o bruxo está com 14 anos. Em uma noite de verão, Harry teve um sonho muito

29 Especialista em semiótica.

real com Lord Voldemort, em que o vilão conversava com seus súditos e planejava sua retomada de poder. Ainda durante as férias, o garoto foi para a casa da família Weasley³⁰ para assistir à final da Copa Mundial de “Quadribol”. Ao final do jogo, seguidores do Lorde das Trevas, conhecidos como Comensais da Morte, apareceram no acampamento em que os torcedores estavam alojados e um deles conjurou a Marca Negra³¹ no céu pela primeira vez em 13 anos.

Quando o ano letivo começou na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, os alunos foram informados sobre o “Torneio Tribruxo” – competição entre as três maiores escolas europeias de bruxaria: Hogwarts, Beauxbatons e Durmstrang –, que possui três tarefas para testar coragem, conhecimento em magia e poder de dedução. Sempre são escolhidos campeões com idade acima de 17 anos, um de cada escola, para participar.

Os estudantes precisam colocar seus nomes no Cálice de Fogo, objeto responsável por sortear os participantes. Nesse ano, foram escolhidos Cedrico Diggory para representar Hogwarts; Fleur Delacour para Beauxbatons e Vitor Krum para Durmstrang. Porém, de maneira inexplicável, Harry Potter foi escolhido como o quarto campeão, mesmo sem ter colocado seu nome no Cálice. Após uma longa discussão sobre o destino de Harry na disputa, uma vez que ele não possuía idade

30 A família Weasley é composta por Arthur e Molly Weasley e seus filhos Gui, Carlinhos, Percy, Fred, Jorge, Gina e Rony, que é melhor amigo de Harry Potter na trama.

31 Na primeira ascensão de Lord Voldemort, o bruxo das trevas marcou os seus seguidores com algo parecido com uma tatuagem, cujo desenho se assemelha a uma caveira envolta por uma cobra. Ao tocá-la, o bruxo convocava os Comensais da Morte independentemente do lugar em que estivessem. Esse símbolo também era projetado no céu pelos seguidores em locais onde tinham atacado.

necessária para participar, os professores e organizadores do evento decidiram manter o garoto no torneio.

Harry, então, passou a lidar com a notícia de que teria que enfrentar os desafios, questionando quem poderia ter colocado seu nome dentro do Cálice. Além disso, seu melhor amigo, Rony Weasley, acreditou que Harry colocou seu nome no Cálice e se afastou dele. Somente depois da primeira tarefa, em que Harry enfrentou um dragão, que Rony voltou a acreditar no amigo.

Ao longo da trama, ainda aparecem outros mistérios. Como o novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas³², Alastor Moody, conhecido também como “Olho Tonto”, um “ex-auror”³³ que tentou dar suporte a Harry durante o torneio. Seu padrinho foragido de Azkaban³⁴, Sirius Black – preso injustamente ao ser traído por um dos seus melhores amigos, Pedro Pettigrew, o Rabicho –, também se fez presente, através de troca cartas e conselhos.

É nesse livro que Rita Skeeter foi apresentada para os leitores. Como principal repórter do jornal Profeta Diário, a jornalista era a encarregada de realizar a cobertura do “Torneio Tribruxo”, mas foi expulsa de Hogwarts após a primeira tarefa por sua conduta antiética. Em sua primeira aparição, Skeeter foi descrita por Rowling da seguinte maneira:

32 Disciplina comumente lecionada nas escolas de bruxaria da Europa.

33 Especializado em investigar crimes relacionados às Artes das Trevas e capturar bruxos das trevas.

34 Prisão dos bruxos, que tem como guardas os “dementadores”, terríveis criaturas que se alimentam da felicidade humana e, em casos específicos, podem até sugar a alma de uma pessoa.

Os cabelos da repórter estavam arrumados em cachos caprichosos e curiosamente rígidos que contrastavam estranhamente com seu rosto de queixo volumoso. Ela usava óculos com aros de pedrinhas. Os dedos grossos que seguravam uma bolsa de couro de crocodilo terminavam em unhas de cinco centímetros de comprimento, pintadas de escarlate (ROWLING, 2001, p. 243).

Harry foi bem sucedido nas duas primeiras tarefas, mas durante a terceira – que consistia em enfrentar uma série de desafios dentro de um enorme labirinto até alcançar a “Taça Tribuxo” – os rumos do mundo bruxo mudaram. Quando Harry e Cedrico Diggory agarraram a taça e, por meio dela, foram parar em um sombrio cemitério, eles perceberam que a taça era uma Chave de Portal³⁵. Nesse momento, eles se depararam com Rabicho, que carregava em seus braços uma pequena criatura e lançou sobre Cedrico a Maldição da Morte.

A criatura nos braços de Rabicho era Voldemort na forma assumida após os acontecimentos que deram origem à cicatriz de Harry. Em um ritual de magia das trevas, Lord Voldemort voltou a seu antigo corpo, utilizando sangue do garoto como ingrediente. Depois disso, os rivais duelaram entre si, e o garoto conseguiu escapar com a ajuda dos fantasmas de seus pais, Lilian e Tiago Potter, e também de Cedrico e Berta Jorkins³⁶. Ao retornar para as terras de Hogwarts, Harry descobriu que Alastor Moody estava sendo feito refém por Bartolomeu Crouch

35 Objeto enfeitiçado para transportar um bruxo de um lugar para o outro.

36 Funcionária do Ministério da Magia no Departamento de Jogos e Esportes Mágicos, que, em uma viagem para a Albânia, foi capturada por Rabicho e forçada a fornecer informações cruciais para Voldemort que auxiliaram o bruxo a arquitetar seu plano de retomada ao poder.

Júnior, Comensal da Morte, que assumiu o seu lugar com o auxílio da Poção Polissuco³⁷.

Crouch Júnior acabou por confessar seus crimes para o professor Dumbledore e foi condenado a receber o beijo do “dementador”. Assim, apenas os testemunhos de Alvo Dumbledore e de Harry Potter, que presenciou o retorno do Lord Voldemort, poderiam confirmar a volta do bruxo das trevas. No entanto, o Ministro da Magia, Cornélio Fudge, não acreditou nas palavras dos bruxos e abafou o caso. Somente no livro seguinte, *Ordem da Fênix*, quando o ministro encontrou Voldemort pessoalmente, que se convenceu do retorno.

ANÁLISE 1: CAPÍTULO DEZOITO – A PESAGEM DAS VARINHAS

Após ser escolhido como um dos campeões do “Torneio Tribruxo”, Harry ganhou fama entre os colegas, tanto positiva quanto negativa. Alguns outros amigos acreditaram que o garoto havia colocado o nome no Cálice de Fogo e, por isso, pararam de falar com ele. Pensaram que havia feito isso com objetivo de ganhar mais fama na escola. Confuso pelo fato de seu nome ter ido parar no Cálice, ele escreveu para seu padrinho, que respondeu dizendo que precisavam conversar pessoalmente.

Dias depois, Rita Skeeter, em sua primeira aparição, pediu para entrevistar Harry e o levou para dentro de um apertado armário de vassouras. No armário, ela usou uma pena de repetição rápida – objeto que transfere as falas e pensamentos da repórter para o pergaminho e, no caso

37 Poção que permite a quem beber assumir a forma física de outra pessoa.

do entrevistado, distorce suas falas. É possível perceber essa distorção na entrevista. Diante disso, tem-se o primeiro recorte a ser analisado:

– Beleza – disse Rita Skeeter, mais uma vez, e rasgou a parte escrita do pergaminho, amassou-a e meteu-a na bolsa. Inclinou-se então para Harry e disse:

“Então, Harry... o que fez você decidir entrar no Torneio Tribruxo?”

– Hum... – disse Harry outra vez, mas foi distraído pela pena. Embora não estivesse falando, ela continuava a correr pelo pergaminho e seguindo-a o garoto pôde ler uma nova frase:

Uma feia cicatriz, lembrança de um passado trágico, desfigura o rosto, de outra forma encantador, de Harry Potter, cujos olhos...

– Não dê atenção à pena, Harry – disse Rita Skeeter com firmeza. Relutante, Harry ergueu os olhos para ela. – Agora, por que decidiu entrar para o torneio, Harry?

– Eu não entrei – disse Harry. – Não sei como foi que o meu nome foi parar no Cálice de Fogo. Eu não o pus lá.

A repórter ergueu a sobrancelha fortemente delineada.

– Ora, Harry, não precisa ter medo de entrar numa fria. Todos sabemos que você não deveria ter se inscrito. Mas não se preocupe com isso. Os nossos leitores adoram rebeldias.

– Mas eu não me inscrevi – repetiu Harry. – Não sei quem...

– Como é que você se sente com relação às tarefas que o aguardam? – perguntou Rita Skeeter. – Excitado? Nervoso?

– Ainda não pensei realmente... é, nervoso, suponho – disse Harry. Ao falar suas entranhas reviraram desconfortavelmente.

– Houve campeões que morreram no passado, não é? – disse Rita com eficiência. – Você chegou a pensar nisso?

– Bom, dizem que vai ser muito mais seguro este ano.

A pena correu veloz pelo pergaminho entre os dois, para a frente e para trás, como se estivesse patinando.

– Naturalmente, você já viu a morte cara a cara antes, não é? – perguntou ela, observando-o atentamente. – Como você diria que isso o afetou?

– Hum – disse Harry uma terceira vez.

– Você acha que o trauma do passado o deixou desejoso de se pôr à prova? De fazer jus ao seu nome? Você acha que talvez tenha se sentido tentado a se inscrever no Torneio Tribruxo porque...

– *Eu não me inscrevi* – disse Harry, começando a se sentir irritado.

– Você tem alguma lembrança dos seus pais? – perguntou Rita Skeeter, abafando a resposta do garoto.

– Não.

– Como você acha que eles se sentiriam se soubessem que você ia competir no Torneio Tribruxo? Orgulhosos? Preocupados? Zangados? Harry estava se sentindo realmente aborrecido agora. Como é que ele ia saber o que seus pais estariam sentindo se fossem vivos? Percebeu que a jornalista o observava muito atentamente. De cara amarrada, ele evitou seu olhar e baixou os olhos para as palavras que a pena acabara de escrever.

As lágrimas marejaram aqueles olhos espantosamente verdes quando a nossa conversa se voltou para os pais de quem ele mal se lembra.

– Eu NÃO estou com lágrimas nos olhos! – disse Harry em voz alta.

Antes que Rita pudesse dizer uma palavra, a porta do armário de vassouras se escancarou. Harry olhou à volta, piscando para a clareza. Alvo Dumbledore estava parado ali, contemplando os dois apertados no armário (ROWLING, 2001, p. 244-245).

Dias depois da entrevista no armário de vassouras, o Profeta Diário publicou a reportagem de Rita Skeeter, que trouxe consequências negativas para o garoto:

Entrementes, a vida se tornou ainda pior para Harry dentro dos limites do castelo, pois Rita Skeeter publicara seu artigo sobre o Torneio Tribruxo, que afinal não fora tanto uma notícia sobre o torneio, mas

uma versão da vida de Harry extremamente pitoresca. Quase toda a primeira página fora ocupada por uma foto de Harry; o artigo (que continuava nas páginas dois, seis e sete) só falava no garoto, os nomes dos campeões da Beauxbatons e Durmstrang (errados) tinham sido espremidos na última linha do artigo, e Cedrico sequer fora mencionado.

O artigo saíra havia dez dias e Harry ainda era assaltado por uma ardência de náusea e vergonha no estômago todas as vezes que pensava nele. Rita Skeeter pusera em sua boca uma porção de coisas que ele sequer lembrava ter dito na vida, muito menos no armário de vassouras.

"Acho que herdo a minha força dos meus pais, sei que eles teriam muito orgulho de mim se me vissem agora... é, às vezes à noite eu ainda choro a perda deles, não tenho vergonha de admitir... sei que nada me acontecerá de mal durante o torneio, porque eles estarão me protegendo..." (ROWLING, 2001, p. 251-252).

[...] Os dias que faltavam para a primeira tarefa pareciam passar como se alguém tivesse ajustado os relógios para trabalharem em velocidade dobrada. A sensação de pânico mal controlado que Harry tinha acompanhava-o para onde fosse, sempre presente como os comentários depreciativos sobre o artigo do *Profeta Diário* (ROWLING, 2001, p. 254).

Durante a entrevista, Rita Skeeter buscava retirar informações que nem mesmo Harry possuía entendimento para responder. Além disso, após publicação da reportagem, Rita conversava somente com o público. Partindo do pressuposto de que o jornal tinha como interesse principal a venda de exemplares, a repórter utilizou algumas técnicas que excluíram a ética jornalística para aumentar o desejo do público pela história.

Na perspectiva da análise semiótica do percurso gerativo de sentido, tem-se no nível fundamental um tema comum, ou seja, a primeira abstração, delimitado na entrevista e em seu desfecho: a antiética. Em um

nível mais abstrato, pode-se afirmar que essa narrativa é orientada por meio de uma categoria semântica mínima “antiética vs. ética”.

Na rede fundamental, a relação entre os termos contrários “ética vs. antiética” é responsável pela orientação de seu sentido mais geral e abstrato. Ao acreditar que Rita fosse uma jornalista séria que iria escrever exatamente o que ele estava dizendo na entrevista, Harry Potter afirma o termo “ética”. Ao entrevistá-lo e transformar as informações em mentiras com o objetivo de atrair leitores para o jornal, Rita Skeeter afirma o termo “antiética”. Dessa maneira, a narrativa realiza o percurso “ética → não ética → antiética”. Na entrevista e em sua repercussão, o termo “antiética” é euforizado enquanto o termo “ética” é disforizado.

Rita Skeeter inicia a entrevista sem seu objeto de valor, atrair o público de uma maneira sensacionalista com intuito de vender jornais. Para transformar esse estado de carência, ela busca esse objeto em Harry. Assim, no decorrer da entrevista, a repórter abandona sua ética jornalística e termina a ação com uma postura antiética, tentando alcançar, desse modo, fama, prestígio, posição e leitores para o Profeta Diário.

No nível narrativo de ação, o enunciado de estado propõe que Rita queira tornar pública a história de Harry Potter tanto na entrevista, quando pergunta ao garoto sobre como seus pais se sentiriam se estivessem vivos, quanto depois dela, quando publica a reportagem em que diz que o menino ainda chora pela falta dos pais. Já o enunciado de fazer confirma a distorção dos fatos por parte da jornalista. Dessa maneira, inicialmente, Rita Skeeter está em disjunção com seu objeto de valor “vender jornais”. Depois, por meio de um fazer, figurativizado por sua ação na entrevista, ela entra em conjunção com seu objeto. Após a

entrevista, continua em conjunção, pois tira suas próprias conclusões a respeito de Harry e as publica.

Rita Skeeter, ao distorcer os fatos, consegue realizar sua *performance*. A repórter está em conjunção com o saber, ou seja, ela sabe como articular uma entrevista e também como escrever uma reportagem com o objetivo de ganhar o público. Além disso, também está em conjunção com o poder, uma vez que possui os instrumentos necessários para publicar a reportagem, como o veículo de comunicação Profeta Diário. Ao contrário, Harry não consegue realizar nenhuma *performance*, pois encontra-se em disjunção com o saber – já que não possui o conhecimento necessário para escrever uma reportagem em sua defesa – e com o poder, pois não dispõe dos mesmos meios para tornar sua defesa pública.

Considerando a afirmação de Pietroforte (2010), para que um sujeito comece o percurso da ação, ele precisa ser manipulado para isso. Rita Skeeter é manipulada pelo desejo de se destacar em sua profissão e de fazer com que o jornal aumente seu número de leitores e venda mais. Harry é manipulado pelo poder que a jornalista exerce sobre ele quando se encontra em uma posição hierárquica mais baixa. Deve-se levar em consideração o fato de o garoto ter apenas 14 anos, e Rita já ser uma mulher adulta e jornalista prestigiada. O vínculo da repórter com o jornal Profeta Diário, veículo respeitado pela comunidade bruxa, também a deixa em uma posição de superioridade.

Estão aqui presentes três tipos de manipulação que podem ser encontrados no nível narrativo de manipulação. A tentação está compreendida na relação entre Rita Skeeter e seu público. O objeto de valor, nesse caso, é a “informação”. Ao oferecer ao público informações sobre

a vida de Harry Potter, naturalmente, a jornalista provoca nos leitores um desejo de comprar o Profeta Diário para ter acesso à informação.

A intimidação, por sua vez, se dá na relação entre Rita e Harry. Ao levar o entrevistado para dentro de um armário de vassouras, a jornalista tira o garoto de sua zona de conforto. Por causa disso, ele inicia a entrevista já intimidado pelo poder que a jornalista exerce.

A sedução, por sua vez, é utilizada por Rita no momento em que a reportagem é publicada no Profeta Diário. O objeto de valor aqui ainda é a “informação”. O leitor é atraído por querer ter acesso à reportagem de Skeeter e por acreditar no que a jornalista escreve, pois o Profeta Diário possui credibilidade. Assim como na realidade, é fácil acreditar em uma notícia quando ela vem de um veículo creditado.

No nível narrativo da sanção, o público toma como verdade algo que é mentira por um lado e segredo por outro. É mentira, pois as informações reportadas por Rita Skeeter sobre a vida de Harry Potter não são, em sua totalidade, verdadeiras. Parecem ser verdade, mas não são. E é segredo pois se trata de informações falsas que não parecem falsas. Rita tem conhecimento de que sua reportagem não é baseada em verdades, contudo o público não possui esse conhecimento.

Por fim, ao transformar a entrevista de Harry em reportagem, Rita Skeeter alterou sentidos das falas do entrevistado e distorceu os fatos, criando uma realidade inexistente. Para Nilson Lage, “é preciso transmitir ao espectador ou leitor o que a entrevista foi (ou é), não uma versão censurada, da qual se retiram arestas” (LAGE, 2014, p. 83). Nesse caso, a jornalista retirou todas as arestas possíveis e contou ao

público apenas o que ela pensou que seria interessante, entregando, assim, informações irreais.

Outra ação de Skeeter, que a levou a agir em desacordo com a ética, foi não saber a hora de finalizar a entrevista. Uma das técnicas de entrevista apresentada por Lage é que toda conversa se inicia com um desacordo ou bifurcação: “os conceitos e ideias vão sendo esclarecidos em seu curso e, quando esse processo chega ao fim, isto é, quando há consenso – não quanto ao assunto, mas quanto ao interlocutor está dizendo –, é hora de parar” (LAGE, 2014, p. 81). Na entrevista, ela manteve o comando da conversa, outra técnica disposta por Lage, mas deixou o garoto desconfortável ao fazer uma série de perguntas que ele não poderia responder.

ANÁLISE 2: CAPÍTULO DEZENOVE – O RABO-CÓRNEO HÚNGARO

Com a aproximação da primeira tarefa do “Torneio Tribruxo”, o guarda-caça Rúbeo Hagrid levou Harry para conhecer o desafio que o esperava: dragões. Mais tarde, o garoto conversou com o padrinho através da lareira. A cabeça de Sirius Black flutuava entre as chamas, pois ele não podia entrar fisicamente nos terrenos do castelo. Durante a conversa, Sirius alertou o afilhado sobre Igor Karkaroff, um ex-Comensal da Morte, que poderia trazer algum perigo para o garoto. Os dois comentam também que poderia ter sido Karkaroff quem colocou o nome de Harry no Cálice de Fogo. Em determinado momento, Sirius menciona uma reportagem que leu no Profeta Diário, cuja autoria é de Rita Skeeter.

– [...] Agora, tenho acompanhado o *Profeta Diário*, Harry...

– Você e o resto do mundo – disse o garoto com amargura.

– ... e lendo nas entrelinhas do artigo que aquela tal de Rita Skeeter publicou no mês passado, Moody foi atacado na véspera de se apresentar para trabalhar em Hogwarts. É, sei que ela diz que foi mais um alarme falso – acrescentou Sirius depressa, ao ver Harry fazer menção de falar –, mas tenho a impressão de que não foi. Acho que alguém tentou impedi-lo de chegar a Hogwarts. Acho que alguém sabia que seria muito mais difícil agir com ele por perto. E ninguém vai investigar muito. Olho-Tonto andou ouvindo estranhos, vezes demais. Mas isto não significa que tenha se tornado incapaz de identificar a coisa verdadeira. Moody foi o melhor auror que o Ministério já teve [...] (ROWLING, 2001, p. 265-266).

Ao formular suas próprias conclusões sobre a reportagem de Skeeter, que considerava o ataque a Moody como alarme falso, Sirius Black mostrou sua descrença com relação à jornalista, principalmente quando fala “aquela tal de Rita Skeeter”, demonstrando seu descrédito.

O desfecho do acontecimento da reportagem se deu no capítulo 35, quando Harry voltou para os terrenos de Hogwarts após presenciar a volta de Voldemort no cemitério, e Bartolomeu Crouch Júnior foi desmascarado. Para obrigar o bruxo a contar a verdade, Dumbledore e o professor Severo Snape fizeram o Comensal beber a poção da verdade, “Veritaserum”. Sobre Alastor Moody, Crouch confessou:

– Rabicho e eu fizemos isso. Preparamos uma Poção Polissuco. Viajamos até a casa do auror. Moody resistiu. Houve uma grande confusão. Conseguimos dominá-lo a tempo. Nós o enfiámos à força no malão mágico. Tiramos alguns fios de cabelo e acrescentamos à poção. Eu a bebi e me transformei no duplo de Moody. Apanhei sua perna e seu olho. Estava pronto para enfrentar Arthur Weasley

quando ele viesse resolver o caso com os trouxas que ouviram o estardalhaço. Espalhei as latas de lixo pelo quintal. Contei a Arthur Weasley que tinha ouvido intrusos em volta de casa, e que pusera as latas de lixo em movimento. Então reuni as roupas e os detectores das trevas de Moody, guardei tudo no malão e parti para Hogwarts [...] (ROWLING, 2001, p. 547).

No diálogo entre Sirius e Harry, foi feita uma alusão à reportagem de Rita Skeeter. Tem-se, então, uma relação entre o padrinho do garoto e a jornalista. No momento em que Crouch foi desmascarado e contou como conseguiu entrar em Hogwarts no lugar de Alastor Moody, explicando também seu plano de se aproximar de Harry para garantir que o garoto chegaria até o cemitério onde Lord Voldemort o esperava, mais uma relação é estabelecida, dessa vez entre Crouch e Rita. Mesmo que a repórter não tenha participado diretamente das cenas retratadas, foi a partir dessa notícia, publicada por ela, que se deu a ação narrada.

No nível fundamental, o tema comum é a exposição. Aqui se tem a primeira abstração: Sirius não acreditou nas palavras da jornalista e Dumbledore procurou saber como Crouch tomou o lugar de Moody. Em seu nível mais abstrato, a narrativa gira em torno da categoria semântica mínima “exposição vs. ocultamento”.

Nos diálogos entre Sirius e Harry e entre Dumbledore e Crouch, a relação dos termos contrários “exposição vs. ocultamento” é responsável pela orientação de sentido mais geral. Sirius e Dumbledore afirmam a categoria exposição, pois querem saber a verdade sobre o fato reportado por Rita Skeeter. Já a jornalista, que publicou uma notícia em que ela não dá a devida atenção para o ataque sofrido por Moody, e Crouch, que omite a verdade até que é obrigado a ingerir a poção da verdade, afirmam o ocultamento. Dessa maneira, as narrativas realizam

o percurso “ocultamento → não ocultamento → exposição”. Assim, em ambas as conversas, o termo “exposição” está sendo euforizado, enquanto o termo “ocultamento” está sendo disforizado.

Sirius Black inicia a conversa sem seu objeto de valor, representado por “tornar pública a verdade dos fatos”. Ele tem apenas a informação de que Moody foi atacado, mas a própria jornalista que noticiou deixa o assunto no esquecimento. Contudo, para transformar esse estado de carência, Dumbledore busca esse objeto em Crouch. Ou seja, o sujeito da ação muda, Sirius põe em dúvida a reportagem, mas é Dumbledore quem irá resolver o mistério. Isso se dá pela posição em que o diretor em Hogwarts se encontra, pois ao contrário de Sirius, que é foragido de Azkaban e não pode entrar no castelo, ele possui poder diante do Comensal da Morte.

Ao entrar no nível narrativo de ação, o enunciado de estado está no questionamento feito por Sirius acerca da reportagem de Rita Skeeter. Desse modo, inicialmente, ele está em disjunção com seu objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”. E, por meio de um fazer figurativizado pela ação de obrigar Crouch a contar a verdade, Sirius e Dumbledore entram em conjunção com o objeto de valor.

Por outro lado, depois que a verdade é exposta, a jornalista fica em disjunção com o objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”, uma vez que deveria ter investigado mais a fundo o fato que noticiou. Crouch, por sua vez, também entra em disjunção com o objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”.

Para conseguir realizar a *performance*, Sirius precisa entender o que aconteceu com o “auror”, fato que se realiza somente no desfecho

da história. A única personagem que, no início, está em conjunção com o saber é Bartolomeu Crouch Júnior, por possuir as informações necessárias para o esclarecimento. Mas o personagem que se encontra em conjunção com o poder é Dumbledore, porque está de posse de uma poção que propicia a confissão. Assim, o diretor consegue realizar sua *performance*.

No entanto, para que um sujeito inicie o percurso da ação, ele deve ser manipulado. Sirius é manipulado pelo desejo de ajudar Harry a compreender os acontecimentos, e Dumbledore, pelo poder que carrega por ser diretor da escola. Já Crouch é controlado pela poção da verdade, que não permite que se digam mentiras, e Rita, pelo desejo de se destacar em sua profissão e aumentar as vendas do jornal.

Nessa análise, portanto, está presente apenas um tipo de manipulação. A intimidação está compreendida na relação entre Dumbledore e Crouch, tendo como objeto de valor “tornar pública a verdade dos fatos”. Encurralado, o Comensal não tem outra escolha a não ser beber a poção da verdade oferecida por Snape, por isso está em uma posição de submissão. Ele se encontra em uma situação na qual precisa narrar tudo o que aconteceu na noite em que atacou Moody e tomou seu lugar como professor de Hogwarts.

No nível narrativo da sanção, a relação entre Sirius Black e Rita Skeeter é retomada. Ele toma como falso aquilo que parece, mas não é. É mentira, pois as informações publicadas no Profeta Diário sobre o ataque a Moody foram disforizadas pela própria jornalista, que preferiu não investigar o caso, afirmando que o acontecimento foi mais um alarme falso. Esse ocultamento implicou no retorno do vilão Lord Voldemort

para uma forma corpórea, pois Crouch pôde colocar seu plano em prática sem ser descoberto.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), ao citarem Lipman, fazem uma crítica ao jornalismo, afirmando que, mais do que analisar seus significados, as notícias limitam-se a descrever sinais. Foi exatamente o que aconteceu com Rita Skeeter, que não cumpriu devidamente com sua função de investigar os fatos e ouvir os dois lados da história. E, assim, deixou em segundo plano uma informação que poderia mudar os rumos da narrativa de Harry Potter.

ANÁLISE 3: CAPÍTULO 31 – A TERCEIRA TAREFA

No capítulo 31, Harry tentava compreender algumas questões que o rodeavam, como o fato de Lord Voldemort possivelmente estar unindo forças para retomar o poder e de Rita Skeeter ter conseguido escrever sobre os acontecimentos do castelo mesmo depois de ter sido banida por Dumbledore. Às vésperas da terceira e última tarefa do “Torneio Tribruxo”, a repórter publicou um artigo no Profeta Diário:

HARRY POTTER “PERTURBADO E PERIGOSO”

O garoto que derrotou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado encontra-se instável e possivelmente perigoso, escreve nossa repórter especial Rita Skeeter. Há poucos dias vieram à luz provas assustadoras do estranho comportamento de Harry Potter, que lançam dúvidas sobre suas qualificações para competir em um torneio rigoroso como o Tribruxo, ou até mesmo para frequentar a Escola de Hogwarts.

O Profeta Diário está em condições de afirmar, com exclusividade, que Potter regularmente desmaia na escola, e com frequência se queixa de dor na cicatriz que tem na testa (reliquia de um feitiço

com que Você-Sabe-Quem tentou matá-lo). Na última segunda-feira, no meio de uma aula de Adivinhação, a repórter do Profeta Diário presenciou a saída intempestiva de Potter da sala de aula, dizendo que sua cicatriz o incomodava em demasia para que pudesse continuar em classe.

É possível, dizem os maiores especialistas do Hospital St. Mungus para Doenças e Acidentes Mágicos, que o cérebro de Potter tenha sido afetado pelo ataque que sofreu de Você-Sabe-Quem, e que sua insistência em dizer que a cicatriz continua a doer seja uma expressão de sua arraigada confusão.

“Talvez até esteja fingindo”, opinou um especialista, “o que poderia ser um mecanismo para receber atenção.”

O Profeta Diário, no entanto, descobriu fatos preocupantes sobre Harry Potter, que Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts, tem cuidadosamente ocultado do público bruxo.

“Potter é ofidioglota”, revela Draco Malfoy, um quartanista de Hogwarts. “Há uns dois anos, houve uma série de ataques a estudantes, e quase todos pensaram que Potter era o responsável depois que o viram perder a cabeça em um Clube de Duelos e açular uma cobra contra um colega. O episódio foi abafado. Mas ele também faz amizade com lobisomens e gigantes. Achamos que ele é capaz de qualquer coisa para ter algum poder.”

Ofidioglossia, ou a capacidade de conversar com as cobras, é tradicionalmente considerada uma Arte das Trevas. Com efeito, o ofidioglota mais famoso dos nossos tempos não é outro senão Você-Sabe-Quem. Um membro da Liga de Defesa contra as Artes das Trevas, que prefere se manter anônimo, declarou que consideraria qualquer bruxo ofidioglota “merecedor de investigação. Pessoalmente, eu encararia com muita suspeita qualquer pessoa que conversasse com cobras, pois esses animais em geral são usados nos piores tipos de magia negra e, historicamente, são associados com bruxos malignos”. Da mesma forma “qualquer um que procure a companhia de criaturas selvagens como lobisomens e gigantes me parece ter inclinação para a violência”.

Alvo Dumbledore deveria, sem dúvida, refletir se um garoto desses pode realmente competir no Torneio Tribruxo. Há quem receie que

Potter possa apelar para as Artes das Trevas em seu desespero de vencer o torneio, cuja terceira tarefa será realizada hoje à noite (ROWLING, 2001, p. 486-488).

O desfecho desse acontecimento se revela no capítulo 36: após a confissão de Bartolomeu Crouch Júnior, Córnelio Fudge, o Ministro da Magia, foi para o castelo acompanhado de um “dementador”, que suga a alma do Comensal e o mata. Sem o testemunho do bruxo, Fudge não acreditou quando Harry narrou o retorno de Lord Voldemort. Em uma discussão com Alvo Dumbledore, ele afirmou crer nas palavras de Rita Skeeter:

– Certamente que acredito em Harry – disse Dumbledore. Seus olhos brilharam de fúria. – Ouvi a confissão de Crouch e ouvi o relato de Harry sobre o que aconteceu quando ele tocou a Taça Tribruxo; as duas histórias fazem sentido, explicam tudo que tem acontecido desde que Berta Jorkins desapareceu no verão passado.

Fudge ainda conservava aquele sorriso estranho no rosto. Olhou mais uma vez para Harry antes de responder.

– Você está disposto a acreditar que Lord Voldemort voltou, porque assim dizem um assassino louco e um garoto que... bem...

Fudge lançou a Harry mais um olhar, e o garoto subitamente compreendeu.

– O Senhor tem andado lendo Rita Skeeter, Sr. Fudge – disse ele calmamente.

Rony, Hermione, a Sra. Weasley e Gui, todos se assustaram. Nenhum deles percebera que Harry estava acordado.

Fudge corou ligeiramente, mas surgiu em seu rosto uma expressão de desafio e obstinação.

– E se tiver? – perguntou, fitando Dumbledore. – E se descobri que você tem ocultado certos fatos sobre o garoto? Ofidioglota é? E tem desmaios esquisitos a toda hora?... (ROWLING, 2001, p. 560)

Por não acreditar em Harry, Cornélio Fudge interferiu nas publicações do Profeta Diário e não permitiu que fosse publicada nenhuma notícia a respeito do ocorrido, além de solicitar ao jornal que publicasse matérias difamando o garoto e Dumbledore.

A reportagem de Rita Skeeter sobre Harry Potter permite realizar uma discussão sobre a ética no jornalismo. Nas duas primeiras análises realizadas com base na semiótica greimasiana, é possível perceber que a jornalista não se preocupa em noticiar a verdade, pois distorce as informações e publica somente aquilo que, segundo ela, é de interesse público. Em uma conversa com Hermione Granger no quinto livro da série, *Ordem da Fênix*, Rita oferece uma explicação bem clara do porquê trabalha utilizando os preceitos do sensacionalismo: “[...] O jornal não vai publicar uma reportagem favorável a Harry. Ninguém quer lê-la. É contra o sentimento público” (ROWLING, 2003, p. 462). Ao ser questionada por Hermione se o Profeta existe somente para dizer às pessoas o que elas querem ouvir, a jornalista pontua: “O *Profeta* existe para vender exemplares, sua tolinha” (ROWLING, 2003, p. 462).

Lage expõe a intenção do jornalismo sensacionalista ao afirmar que o público, “para entusiasmar-se por uma ideia, não lhe basta que pareça verdadeira; é preciso que seja exequível” (LAGE, 2014, p. 13). É justamente o que Rita Skeeter faz em suas reportagens. Ela afirma uma verdade para o público e o conquista por meio da narrativa.

Levando em consideração que a narrativa da saga Harry Potter se fundamenta em elementos de verossimilhança, é possível destacar que Skeeter foi antiética em diversas situações. Por muitas vezes, a jornalista deixou de publicar a verdade dos fatos, “compromisso fundamental do jornalista” (LAGE, 2003, p. 92), segundo o Código de Ética

dos Jornalistas Brasileiros. E mesmo se tratando de uma série inserida no contexto britânico, essa consideração se encaixa perfeitamente nas ações da repórter retratada na saga Harry Potter.

Com o interesse de favorecimento pessoal e visando aos lucros do Profeta Diário, a repórter distorceu informações e difamou fontes, como é o caso da reportagem sobre Harry Potter, cujo título “HARRY POTTER ‘PERTURBADO E PERIGOSO’” oferece uma prévia do que o leitor irá encontrar na reportagem. Rita concretiza calúnia ao dizer que ele possuía comportamentos estranhos e ao comparar o garoto ao vilão da trama por terem o poder de falar com cobras. Ela termina o texto afirmando que Harry não teria competência para participar do “Torneio Tribruxo” e que poderia vencer o torneio utilizando Artes das Trevas, prática considerada ilegal no mundo bruxo.

Outro aspecto ético não considerado pela jornalista é o respeito ao direito à privacidade do cidadão. O relato da queixa de dor na cicatriz no meio da aula de Adivinhação ocorreu porque ela havia assumido a forma de besouro. Nem Harry e nem seus colegas sabiam que Rita estava na sala de aula. Ou seja, ela adquiriu a informação de maneira ilegal e a publicou sem o consentimento do retratado. Além disso, não foi oferecido ao garoto o direito de resposta e, ainda, foram ouvidas somente fontes que corroboravam o ponto de vista negativo com relação a ele.

Portanto, ao compreender a verossimilhança do jornalismo retratado na saga, é possível reafirmar o pensamento de Karam (1997). O autor parte do pressuposto da necessidade de um jornalismo feito para pessoas, que não tenha como escopo apenas ações, fatos, versões e opiniões,

mas também valores inseridos na carga moral de cada indivíduo, valores que estão sujeitos a constantes mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade sempre buscou formas de atribuir sentido aos acontecimentos que a rodeiam. Desse modo, ao se tornarem formas de propagação do conhecimento, o jornalismo e a literatura assumiram funções semelhantes para lidar com a periodicidade do mundo e construir significados que auxiliem a sociedade na compreensão de sua realidade. Enquanto os meios de comunicação respondem à necessidade de se obterem informações sobre o que acontece do mundo, os livros ficcionais revelam-se como formas de interpretação do real por meio das construções de personagens e instituições.

Dessa maneira, os três acontecimentos analisados oferecem respaldo para que seja possível reafirmar a importância do papel social da imprensa devido a sua função primordial de informar. Desse modo, os meios de comunicação se tornam essenciais na saga para a vivência dos personagens dentro do mundo bruxo.

Em todas as vezes que Rita Skeeter escreveu e publicou reportagens no jornal Profeta Diário sobre situações da trama, os personagens envolvidos foram lesados. Ela também fez, por meio de suas matérias, com que a história de Harry tomasse outros rumos.

Ao entrevistar Harry Potter em um armário de vassouras e publicar uma reportagem cujo conteúdo era recheado de mentiras e distorções de fatos, o garoto passou a ser visto como uma pessoa carente de atenção

que havia se inscrito no “Torneio Tribruxo” para se tornar mais famoso. A relação de Harry com os amigos piorou depois da publicação.

A notícia sobre o ataque que o “auror” Alastor Moody sofreu, nas vésperas de assumir o cargo de professor na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, sem dar a devida importância ao fato e nem investigar o acontecimento, permitiu que um Comensal da Morte, Bartolomeu Crouch Júnior, assumisse outra identidade e efetivasse o plano de trazer Lord Voldemort de volta. Se Rita tivesse prestado atenção ao ataque sofrido pelo professor, talvez o vilão da trama pudesse ter sido impedido de retomar seu poder.

Mais uma postura antiética da jornalista foi a publicação de uma segunda reportagem sobre Harry, na qual, de forma sensacionalista, difamou o garoto e o colocou em posição de descrédito diante do mundo bruxo, alegando que ele era perturbado e perigoso. Ela utilizou método semelhante às escutas telefônicas para obter informações sem o consentimento de Harry com seu poder de se transformar em besouro. Após o retorno de Voldemort, o Ministro da Magia Cornélio Fudge não acreditou no testemunho de garoto e, por essa razão, não permitiu que o Profeta Diário noticiasse o ocorrido. Isso possibilitou que o vilão arquitetasse planos, ocultado da comunidade bruxa.

A jornalista, por seu objetivo de ganhar fama e fazer com que o Profeta Diário fosse aclamado pelo público e vendesse mais exemplares, agiu de maneira antiética. Desse modo, Rita Skeeter não cumpriu o exercício da prática jornalística com a devida ética, uma vez que o profissional escreve para a sociedade e, mais do que ela, para o cidadão, indivíduo que possui cargas morais e sentimentais, cada um em sua particularidade.

Dessa maneira, o jornalismo retratado na saga Harry Potter apresenta elementos de verossimilhança, e torna possível pontuar alguns aspectos do jornalismo real, atividade que se pauta pelo lucro desde os seus primórdios, o que muitas vezes desencadeia publicações cuja realidade é aumentada ou mentirosa. Existe ainda uma parte da realidade que nem sequer é mencionada pelos veículos de comunicação, que se encontram sob os ditames da lógica de mercado, nesses casos, a ética é deixada de fora das redações.

Outro aspecto que merece destaque nessa abordagem é o relacionamento entre o profissional da comunicação e a fonte. O jornalista deve, acima de qualquer preceito, respeitar a fonte e manter o conteúdo que lhe foi entregue sem alterações de sentido no ato da publicação. O público, por sua vez, tem o direito de ser informado, e esse fator compõe uma regra geral para a profissão. Desse modo, o que se informa ao público deve ser de seu interesse real e não apenas o que provém de mera curiosidade.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem da ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 1997.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2009.
- NASCIMENTO, Larissa Silva, SANTOS Michelle dos. A tênue relação entre realidade e ficção em “quase memória: quase-romance”, de Carlos Heitor Cony. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 4, n. 2, ago-dez, 2012. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/166.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica Visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.
- ROWLING, J.K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística** / Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari. – São Paulo: Summus, 1986.

Sobre os organizadores e autores(as)

Frederico Daia Firmiano

Doutor em Ciências Sociais pela FCLar/Unesp, é professor designado do Núcleo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da UEMG, unidade Passos. É líder do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Crise, Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais (Geind/CNPq) e autor de *“O padrão de desenvolvimento dos agronegócios no campo e a atualidade histórica da reforma agrária no Brasil”*, publicado pela Alameda Editorial em 2016.

Jean Carilo de Souza Silva

Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) e especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Fundação de Ensino Superior de Passos. É mestre em História (área de concentração em História Social) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, é professor designado da UEMG, unidade Passos, e atua nos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Faz parte do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Crise, Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais (Geind), na linha de pesquisa Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais. Interessa-se pelos discursos midiáticos (material jornalístico e publicitário e também crônicas, literatura e cinema) produzidos sobre ou durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985).

Samuel Ponsoni

Licenciado em Letras Português-Inglês em 2008 pela Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp); possui mestrado (2011), doutorado (2015) e pós-doutorado (2018) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente, é professor designado da UEMG, unidade Passos, e atua principalmente nos cursos de Jornalismo, Comunicação Social e Publicidade e Propaganda. Lidera um grupo de estudos e pesquisas chamado Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam – UEMG/CNPq). Sua área de pesquisa envolve, baseado no campo teórico e epistemológico da Análise do Discurso de matriz francesa, temas que vão desde o discurso literário até comunicações políticas.

Antônio Donizeti de Carvalho

Possui graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade São Judas Tadeu, é mestre e doutorando em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor da UEMG, unidade Passos, onde exerce a função de coordenador do curso de Jornalismo. Autor do livro *“A diplomacia mediatizada – em busca do refrão de um Brasil megalomaniaco”*.

Eduarda Camargo Sansão

Graduanda em Direito pela UEMG, unidade Passos, é integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Crise, Neodesenvolvimentismo e Direitos Sociais (Geind – UEMG/CNPq) e do Grupo de Estudos Feministas.

Gilson José Ferreira Júnior

Graduando do curso de Jornalismo na UEMG, unidade Passos. Desenvolve documentários sobre temáticas sociorreligiosas. Interessa-se por linguagem audiovisual, representações étnico-raciais e discursos midiáticos religiosos.

Larissa Menezes

Graduada em Jornalismo em 2019 pela UEMG, unidade Passos. Durante os estudos, foi bolsista do Programa Institucional de Apoio à Extensão (PAEx) com o projeto “Circula livros”, além de outras atividades.

Laura Vitor Resende

Graduanda do curso de Licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo. Foi bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais com o projeto: “Blog de comentários políticos: uma leitura discursiva”. Sua pesquisa envolve o campo da análise do discurso francesa, principalmente conceitos como sobreasseveração e destacabilidade. Integrou o Grupo de Pesquisa Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam – UEMG/CNPq) entre 2017 e 2018. Atualmente, é colaboradora do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP) e bolsista da equipe de Gestão de Conteúdo e Produção Audiovisual no Laboratório de Arqueologia Romana Provincial do MAE-USP.

Este livro foi produzido pela Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais – EdUEMG em abril de 2021. O texto foi composto em Ubuntu, desenvolvida por Dalton Maag, e Teko, pela Manushi Parikh. Para obter mais informações sobre outros títulos da EdUEMG, visite o site: **eduemg.uemg.br**.

Confira outros títulos da EdUEMG

Jovens, escola e cultura midiática: construções metodológicas para a Educação

Cirlene Cristina de Sousa

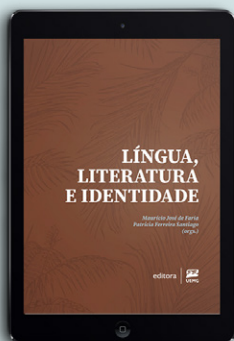


É com a perspectiva de interfaces entre juventude e as tecnologias de comunicação que a obra analisa o específico recorte do programa Malhação – produção televisiva com foco nas juventudes, que são, ao mesmo tempo, personagens e espectadores. Em que medida os episódios da série e as vidas juvenis se tocam nas narrativas? Como o espaço escolar é apresentado em Malhação e como é percebido pelo público juvenil? Qual o valor da escola para o encontro de sujeitos, nas suas dinâmicas de relações? São as questões presentes na obra, com um desafio determinante para o método: interagir.

[Acesse aqui](#)

Língua, literatura e identidade

Maurício José de Faria e Patrícia Ferreira Santiago (Orgs.)



“Língua, literatura e identidade” é uma obra que entende a língua como entidade viva e trata os fenômenos linguísticos – de forma sincrônica ou diacrônica –, a fim de explicar o seu funcionamento e sua transfiguração em literatura. Ainda, por meio da língua, os resultados de pesquisas científicas são divulgados e, quando os estudos sobre linguagem se aliam às humanidades, a língua traduz o belo e as mazelas humanas. Reunir os resultados de trabalhos de Pesquisa e Extensão da UEMG Divinópolis, além de colocar o leitor frente a essas questões, é o princípio dessa coletânea.

[Acesse aqui](#)